Flávia Brocchetto Ramos
João Claudio Arendt
[orgs.]



José Clemente Pozenato

o poeta, o romancista, o professor

EDUCS
PESQUISA

José Clemente Pozenato

o poeta, o romancista, o professor

Fundação Universidade de Caxias do Sul

Presidente:
Ubiratã Rezler

Universidade de Caxias do Sul

Reitor:
Asdrubal Falavigna

Vice-Reitora:
Terciane Ângela Luchese

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação:
André Felipe Streck

Pró-Reitora de Graduação:
Terciane Ângela Luchese

Pró-Reitora de Inovação e Desenvolvimento Tecnológico:
Neide Pessin

Chefe de Gabinete:
Givanildo Garlet

Coordenadora da EDUCS:
Simone Côrte Real Barbieri

Conselho Editorial da EDUCS

Alexandre Cortez Fernandes – Presidente
André Felipe Streck
Clovis Eduardo Malinverni da Silveira
Flávia Brocchetto Ramos
Francisco Catelli
Guilherme Brambatti Guzzo
Janaina Macke
Márcio Miranda Alves
Marcell Bocchese
Odair Camati
Odilon Giovannini Junior
Pedro Lopes da Cruz
Simone Côrte Real Barbieri – Secretária
Terciane Ângela Luchese
Vinício Cecconello

Comitê Editorial

Alberto Barausse
Universitá degli Studi del Molise/Itália

Alejandro González-Varas Ibáñez
Universidad de Zaragoza/Espanha

Alexandra Aragão
Universidade de Coimbra/Portugal

Joaquim Pintassilgo
Universidade de Lisboa/Portugal

Jorge Isaac Torres Manrique
Escuela Interdisciplinar de Derechos Fundamentales Praeeminentia Iustitia/ Peru

Juan Emmerich
Universidad Nacional de La Plata/ Argentina

Ludmilson Abritta Mendes
Universidade Federal de Sergipe/Brasil

Margarita Sgró
Universidad Nacional del Centro/ Argentina

Nathália Cristine Vieceli
Chalmers University of Technology/Suécia

Tristan McCowan
University of London/Inglaterra



Flávia Brocchetto Ramos João Claudio Arendt
[orgs.]

José Clemente Pozenato

o poeta, o romancista, o professor

EDUCS
PESQUISA

O rigor e a exatidão dos conteúdos publicados nesta obra são de responsabilidade exclusiva dos(as) seus(suas) autores(as) e organizadores(as).
© dos autores
1ª edição: 2026
Preparação de texto: Roberta Regina Saldanha
Leitura de prova: Helena Vitória Klein
Editoração: Ana Carolina Marques Ramos
Capa: Ana Carolina Marques Ramos
Fotografias de capa: Ana Maria Menegotto Pozenato e acervo da Universidade de Caxias do Sul

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Universidade de Caxias do Sul
UCS – BICE – Processamento Técnico

J83 José Clemente Pozenato [recurso eletrônico] : o poeta, o romancista, o professor / organização Flávia Brocchetto Ramos, João Cláudio Arendt. – Caxias do Sul, RS : Educs, 2026.
Dados eletrônicos (1 arquivo).

Apresenta bibliografia.
Vários autores.
Modo de acesso: World Wide Web.
DOI 10.18226/9786558075530
ISBN 978-65-5807-553-0

1. Pozenato, José Clemente, 1938-2024 - Biografia. 2. Professores - Biografia. 3. Escritores - Rio Grande do Sul. I. Ramos, Flávia Brocchetto. II. Arendt, João Cláudio.

CDU 2. ed.: 929POZENATO

Índice para o catálogo sistemático

1. Pozenato, José Clemente, 1938-2024 – Biografia	929POZENATO
2. Professores – Biografia	37.011.3-051
3. Escritores – Rio Grande do Sul	013(816.5)

Catalogação na fonte elaborada pela bibliotecária
Carolina Machado Quadros – CRB 10/2236

Direitos reservados a:





EDUCS – Editora da Universidade de Caxias do Sul
Rua Francisco Getúlio Vargas, 1130 – Bairro Petrópolis – CEP 95070-560 – Caxias do Sul – RS – Brasil
Ou: Caixa Postal 1352 – CEP 95020-972 – Caxias do Sul – RS – Brasil
Telefone/Telefax: (54) 3218 2100 – Ramais: 2197 e 2281 – DDR (54) 3218 2197
Home Page: www.ucs.br – E-mail: educs@ucs.br

Sumário

Apresentação ▮
Flávia Brocchetto Ramos
João Claudio Arendt

Uma estrela da UCS ▮
Gelson Leonardo Rech

Alguém muito especial ▮
Kenia Maria Menegotto Pozenato

José Clemente Pozenato: paisagens de travessias ▮
Alcione Moraes Jacques

O Grupo Matrícula e a consolidação do sistema literário regional na Serra Gaúcha ▮
Aline Brustulin Cecchin

A literatura como espaço de memória: o talian e a herança cultural na obra de José Clemente Pozenato ▮
Camila De Cesero
Cristine Fortes Lia

O pensamento feminista em *O Quatrilho*, de José Clemente Pozenato ▮
Cecil Jeanine Albert Zinani
Cristina Löff Knapp

Notas sobre *A Cocanha*: "Começa a ser testemunha de uma civilização nascente" ▮
Flávia Brocchetto Ramos
Luciane Todeschini Ferreira

Matrícula na obra de José Clemente Pozenato ▮
Flávio Loureiro Chaves

As lições da calma ▮
Geneviève Faé

Pozenato, personagem de Pepperoni ▮
João Claudio Arendt

Mapa de viagem: de volta a casa ▌
Marli Cristina Tasca Marangoni

Itinerários do livro e da leitura em *A Cocanha*, de José Clemente Pozenato: práticas sociais, culturais e afetivas ▌
Samira Dall'Agnol

"Eu nunca pensei em um público regional": entrevista com o escritor José Clemente Pozenato ▌
Aline Brustulin
João Claudio Arendt

Relação de obras de José Clemente Pozenato ▌
Kenia Pozenato

Apresentação

Flávia Brocchetto Ramos[1]
João Claudio Arendt[2]

Para que eu fui mexer nesse armário de guardados?
(*Pozenato*, 2000, p. 184)

Como leitores e amigos de José Clemente Pozenato, fomos tomados pelo desejo de compor um livro em homenagem ao colega que nos deixou recentemente, aos 86 anos de idade, legando um conjunto valioso de exemplos de vida, fruto de sua atuação generosa em diversos âmbitos da vida social: a docência, a pesquisa, a literatura, a tradução.

No entanto, essa homenagem não poderia ser realizada de modo solitário, já que Pozenato, com seu espírito de verdadeiro humanista, deixou marcas profundas na vida de muitas pessoas, tanto na esfera privada quanto na pública. A comoção diante da sua partida levou-nos a rever a frutuosa convivência com ele na universidade e nos diversos eventos sociais, como aulas, reuniões, palestras, lançamentos de livros e conversas nos corredores da universidade. A admiração é tão grande, que precisamos, neste momento, de outros de nós para olhar e dizer sobre o nosso Poze!

E foi assim que buscamos na memória pessoas que tiveram algum tipo de relação com o cidadão, o professor, o pesquisador e o escritor José Clemente Pozenato, bem como aqueles que estudaram aspectos da sua obra poética, narrativa e ensaística. Entre os convidados que aceitaram a tarefa, estão familiares, colegas, alunos, admiradores e leitores. Aqueles que não puderam se juntar a esta homenagem por esquecimento nosso ou por indisponibilidade pessoal, desejamos que se juntem fraternamente a ela durante a leitura.

O livro foi planejado e produzido no ano de 2025, com a chancela da Universidade de Caxias do Sul (UCS), instituição de ensino

[1] Universidade de Caxias do Sul – UCS.
[2] Universidade Federal do Rio Grande – FURG.

em que Pozenato atuou durante quarenta anos como professor, pesquisador e gestor. Nesse sentido, ninguém melhor que a própria casa que o acolheu, na década de 1960, para avalizar e capitanear essa singela, mas sincera, homenagem.

Muitas foram as facetas de atuação do nosso homenageado. Por isso, optamos por focar em apenas três delas: a de poeta, a de romancista e a de professor, o que já é muita coisa! Por isso, o livro vem a público com as lacunas previsíveis nesse tipo de iniciativa. Afinal, são quatro décadas de docência, de pesquisa, de gestão, de criação literária e de tradução!

Do ponto de vista estrutural, optamos por situar os textos numa ordem relativamente crescente, a qual parte do depoimento afetivo de Kenia Maria Menegotto Pozenato, esposa e também professora e pesquisadora da Universidade de Caxias do Sul, e fecha com uma relação de obras do homenageado, também elaborada por Kenia Pozenato. Entre a abertura e o fechamento da obra, os textos estão organizados em ordem alfabética pelo nome do autor.

Agradecemos a possibilidade de termos nos reunido para registrar esta homenagem ao romancista, poeta, professor e colega que muito nos inspirou.

Referência

POZENATO, José Clemente. **Mapa de viagem:** poesia reunida. Caxias do Sul: Educs, 2000.

Uma estrela da UCS

Gelson Leonardo Rech[3]

No dia 18 de fevereiro de 2025, no Encontro dos Professores com a Reitoria, a Universidade de Caxias do Sul (UCS) prestou sua homenagem ao professor José Clemente Pozenato, falecido no dia 25 de novembro de 2024. Na ocasião, a equipe da instituição apresentou um vídeo de dois minutos, feito pelo amigo Paquito, que encerrou com as frases: "Obrigado, professor José Clemente Pozenato. Para sempre, uma estrela da UCS". Era preciso fazer isso publicamente. Entregamos, para sua esposa, um ramalhete de flores. Aqui escrevemos, lá pronunciamos: "Que falta nos fará o professor Pozenato. Uma verdadeira estrela que passou pela nossa (sua) universidade". Foi aplaudido de pé!

Alguns dias depois, a professora Flávia Brocchetto Ramos trouxe a mim a ideia de escrever a muitas mãos um livro em homenagem ao professor Pozenato. Ideia irrecusável. Concordei. E eis aqui o livro, que consubstancia memórias, pesquisa e reconhecimento a quem foi versátil, altivo e plural. Foi padre, professor, pai, pesquisador. Escritor, ensaísta, poeta, ficcionista. Gestor acadêmico, gestor público, músico, tradutor. E, a considerar a última cena do filme *O Quatrilho*, "fotógrafo" também. Com senso de humor ímpar, fino, inteligente, as palavras o deixavam apenas depois de sopesá-las. Sempre sábias. Aliás, assim muitos o recordam: como um sábio. Ele pareceria contrariar o apotegma *Nemo hominum quavis sapiens reperitur in hora* ("Ninguém é sábio o tempo todo"), pois sempre, em cada encontro, em cada escrita, via-se imperar a sabedoria, a erudição.

Os textos aqui apresentados dão conta de mostrar – mas não esgotam – a singularidade desse professor que fará falta. Sempre o vi como alguém cuidadoso com as palavras. As palavras não são inocentes! E ele sabia bem disso.

[3] Reitor da UCS.

A Universidade de Caxias do Sul deve muito ao professor Pozenato por muitas iniciativas que o leitor poderá encontrar nos textos dos amigos, alunos, amores... Porém, quero destacar alguns elementos de suma importância para a compreensão do que é hoje a nossa instituição e que advém dos esforços intelectuais de Pozenato.

Ele, como Pró-Reitor de Planejamento e Desenvolvimento Institucional, sistematizou e coordenou a implantação do Projeto de Regionalização da UCS em 1993. Aliás, é dele o lema da UCS dos anos 1990, *Pés na região e olhos no mundo*, que marcou época e reverbera ainda hoje. A regionalização foi a maior ação de promoção de desenvolvimento pela ciência que a UCS já realizou. Transformou sobremaneira o cenário da Serra Gaúcha. Ecos eternos.

Outra significativa contribuição foi a organização da pesquisa na instituição, com alguns marcos: os estudos de imigração que a tornaram referência na área desde a criação do Instituto Superior Brasileiro Italiano de Estudos e Pesquisas (Isbiep) e a formação do projeto Elementos Culturais das Antigas Colônias Italianas no RS (Ecirs); a criação da Pós-Graduação *Stricto Senso* (também em 1993) e os Núcleos de Investigação e a dinâmica institucional da pesquisa.

Fruto das investigações do Instituto Memória Histórica e Cultural (IMHC) por ele liderado, surgiu a coletânea *O Cancioneiro*, em 5 volumes, publicada a partir de 2020. Com sua tradução e revisão zelosas, permitiu-se essa publicação ímpar. Em três dos cinco momentos de lançamento, tivemos a graça de sua presença para contar o percurso investigativo.

Será lembrado e estudado, como já o é, como um intelectual que dedicou sua vida a pensar e a escrever sobre a identidade cultural da Serra Gaúcha, tendo nos deixado o que ele denominava de trilogia étnica, a saber: *O Quatrilho* (1985), obra com a qual colocou a colonização e a imigração italiana não só na literatura, mas no mundo a partir da adaptação para o cinema e a indicação para o Oscar, em 1996, na categoria de melhor filme estrangeiro; *A Cocanha* (2000); e *A Babilônia* (2006).

Em julho de 2024, pouco antes de seu falecimento, ao ser convidado para escrever sobre a imigração, brindou-nos com o texto "A literatura dos 150 anos de imigração italiana no RS" para compor o

livro do *Sesquicentenário da Imigração Italiana no Rio Grande do Sul (1925 – 2025)*, produção oficial do Estado do RS coordenada pela UCS.

Uma estrela que fará falta, sem dúvidas, é o professor Pozenato. Nossa inspiração para sempre!

Alguém muito especial

Kenia Maria Menegotto Pozenato[4]

José Clemente Pozenato era meu marido. Nasceu em 22 de maio de 1938, um domingo, em Santa Teresa, localidade situada no interior do município de São Francisco de Paula, no Rio Grande do Sul. Era filho de Jerônimo Pozenato e Deotília da Silva, filho mais velho de uma prole numerosa, onze irmãos. Família numerosa e católica praticante. Seu pai era professor na única escola primária da localidade e cedo lhe mostrou a importância e o encantamento da leitura.

Alfabetizou-se com a *Cartilha de João de Deus*, edição portuguesa de 1876 e até o fim da vida recitava de cor a poesia nela contida. Lembrava tanto dessa cartilha que, numa viagem que fizemos a Portugal, passamos na frente de uma escola, a Escola João de Deus, e ele fez questão de perguntar se a cartilha ainda existia. Existia, ainda era usada, e lhe venderam um exemplar que hoje faz parte de nossa biblioteca.

Sendo uma família tão numerosa, o dinheiro era escasso. Quando terminou a escola primária, seu pai lhe disse que não tinha condições de pagar estudos mais avançados, que deveriam ser em algum colégio de Caxias do Sul. Se quisesse estudar mais, havia dois caminhos: ou seguia pelo ministério religioso, ou teria que entrar para o Exército, no momento certo.

Mas, por esse tempo, houve uma visita de Dom Benedito Zorzi, Bispo de Caxias do Sul, em Santa Teresa, e José Clemente foi encarregado pelo professor (seu pai) de apresentar um discurso para Dom Benedito, o que ele fez de cor. O bispo ficou tão abismado de ver um menino tão pequeno fazer um discurso completo, que o convidou para ingressar no Seminário, quando tivesse idade. E foi o que aconteceu.

Em 1950, aos doze anos de idade, iniciou os estudos secundários como interno no Seminário Nossa Senhora Aparecida, em

[4] Mestre e Doutora em Informação e Comunicação pela Universidade D'Aix-Marseille, Marseille, França. Professora da Universidade de Caxias do Sul (UCS) de 1971 a 2011, no Departamento de Comunicação.

Caxias do Sul. Na Biblioteca do Seminário, entrou em contato com autores como Murilo Mendes, Manuel Bandeira, Cyro Martins, e ficou fascinado pela poesia.

Em 1954, começou o curso colegial no Seminário Menor Nossa Senhora Aparecida e seu maior interesse convergiu então para a obra de Machado de Assis, que utilizava a ironia com perfeição, fazendo-se um crítico da sociedade da época. E foi sobre Machado seu trabalho de conclusão de curso. Esse foi um autor que reverenciou até o fim de sua vida.

Em 1956, entrou para o Seminário Maior de Viamão, onde estudou durante três anos. Durante esse tempo, publicou seus primeiros poemas, contos e ensaios na revista *Seminário*. Concluído o curso, retornou, em 1959, ao Seminário Nossa Senhora Aparecida, onde lecionou durante um ano. Nesse período, foi muito criticado, porque nem aos colegas nem aos superiores agradava que desse tanto estímulo à leitura para seus alunos.

Em 1960, retornou a Viamão, onde fez todo o curso de Teologia.

Foi ordenado sacerdote em 1962, em Santa Teresa, sua cidade natal, e começou a exercer seu ofício na Paróquia de Nova Prata e, depois, na Paróquia de Farroupilha.

Em 1967, já integrando o corpo docente da Universidade de Caxias do Sul (UCS), participou da coletânea *Matrícula*, juntamente com os poetas Oscar Bertholdo, Jayme Paviani, Ary Trentin e Delmino Gritti. O título já diz tudo: os cinco se matricularam como poetas no Estado. O próprio Donaldo Schüler afirmou que esse grupo desencadeou um dos mais importantes movimentos poéticos no Rio Grande do Sul.

Em 1971, publicou *Vária Figura*, livro que deu início a uma carreira individual profícua na poesia, na crônica, nos ensaios, nos contos, nas novelas, nos romances e na literatura infantil.

Em 1972, abandonou a batina. Segundo ele, porque não aguentava mais a solidão nem a ala conservadora da Igreja Católica.

Eu o conheci em janeiro de 1974 e nos casamos em dezembro do mesmo ano. Tivemos três filhas: Maria Helena (1976), Heloisa (1978) e Ana Maria (1983).

Em 1981, publicou *Carta de Viagem*, uma coletânea de poesias.

No ano seguinte, saiu vencedor da 1ª edição do concurso Literário de Caxias do Sul, com *Meridiano*, livro de poemas publicado pela Editora da Universidade de Caxias do Sul. E, em *Contos, crônicas e poesias*, em parceria com vários autores, publicou o poema *Canto e blasfêmia para a pérola das colônias*, em que fica patente seu amor por Caxias do Sul.

Em 1985, escreveu sua primeira novela no gênero policial, *O caso do Martelo*, que, mais tarde, transformou-se em Caso Especial da Rede Globo de Televisão. Nesse mesmo ano, publicou *O Quatrilho*, romance que foi levado às telas de cinema pela LC Barreto Cinematográfica Cultural S. A., sob a direção de Fábio Barreto e que, em 1996, concorreu ao Oscar de melhor filme estrangeiro. Este livro também foi vertido para o espanhol e para o italiano.

O romance *O Quatrilho* foi também levado ao teatro e à ópera. Ao teatro, pelo grupo teatral *Miseri Coloni* e, à ópera, por *Bell'Anima* Produções Artísticas, sob a regência do Maestro Antônio Borges Cunha e composição de Vagner Cunha. O próprio Pozenato escreveu o libreto.

Em 1995, foi inaugurado, em Caxias do Sul, o *Espetáculo Som & Luz*, no Parque de Exposições da Festa da Uva, que relatava a saga da imigração italiana e era projetado na réplica de Caxias antiga, a céu aberto, cujo texto também era dele. Hoje, está desativado.

A trilogia foi completada anos depois, com os romances *A Cocanha* (2000) e *A Babilônia* (2006).

O romance *A Cocanha*, que relata a saída dos imigrantes italianos da Itália e os primeiros tempos difíceis no Brasil, ganhou versão e publicação na Itália pelo Professor Antonio Porcellato.

No gênero policial, Pozenato ainda publicou *O caso do loteamento clandestino*, *O caso do e-mail*, *O caso da caçada de perdiz* e *O caso do sumiço da espingarda*.

No gênero infantil, além de *O jacaré da lagoa*, publicou *Pisca-tudo*, *Meu pequeno juventudista* e *O trem do Papai Noel*. Deixou escrito, por ocasião de seu falecimento, *O fabuloso país da Cocanha*, lançado na Feira do Livro de Caxias do Sul, em 2025. Este, um livro bilíngue, em português e talian, com a finalidade de levar às crianças a saga da imigração italiana. A assessoria para a versão em talian é de João Tonus.

Sua obra é extensa e diversificada. Escreveu um sem-número de contos, publicados em vários veículos nacionais, e outro sem-número de crônicas, impossível de serem relatados todos aqui.

E foi também tradutor. Traduziu *A divina comédia*, de Dante Alighieri, da qual, até o momento só foi publicado *O inferno*. Mas traduziu também *Os triunfos*, de Petrarca. Isso, fora os romances estrangeiros pelos quais se interessava muito e que deixou traduzidos, tal como *La nuit de Notre Dame* (*A noite de Notre Dame*), obra que relata o incêndio da Catedral de Notre Dame, escrita pelos próprios bombeiros que atuaram para apagar o incêndio.

Foi membro da Academia Rio-Grandense de Letras e da Academia Sul-Brasileira de Letras.

Na Universidade de Caxias do Sul (UCS), ingressou em 1966 e trabalhou por mais de quarenta anos. Atuou como professor, como Chefe de Departamento, Coordenador de Cursos e na Administração, como Pró-Reitor. Ajudou a criar cursos de Graduação, de Mestrado e Doutorado. Foi o idealizador da regionalização da Universidade, projeto que foi depois levado ao país inteiro e ao exterior. É dele o lema da UCS "Pés na região e olhos no mundo", instituído pelo Reitor Ruy Pauletti.

Outro projeto importante dessa instituição em que ele trabalhou por muitos anos foi o Projeto *Elementos Culturais da Imigração Italiana no Nordeste do Rio Grande do Sul – ECIRS*, ao lado da Professora Cleodes Maria Piazza Júlio Ribeiro, hoje Instituto Memória Histórica e Cultural da UCS.

Foi Secretário da Cultura de Caxias do Sul durante a primeira gestão de José Ivo Sartori como Prefeito do município. Nesse período, criou o PPEL, *Programa Permanente de Estímulo à Leitura*, considerado de tamanha importância que foi apresentado a todo o país e no exterior, e já recebeu vários prêmios.

Em vida, foi alvo de muitos prêmios e homenagens, entre os quais o título de *Cidadão Caxiense*, outorgado pela Câmara Municipal de Caxias do Sul; e o título de *Cavaliere*, outorgado pelo Presidente da Itália.

Faleceu em 25 de novembro de 2024.

Como marido, foi um parceiro excepcional; como pai, foi maravilhoso; como avô, muito carinhoso.

Na verdade, foi ALGUÉM MUITO ESPECIAL!

José Clemente Pozenato: paisagens de travessias

Alcione Moraes Jacques[5]

O mundo parece que não anda, as coisas de todos os dias não acontecem, é como se a morte da mãe fizesse parar tudo. E há uma dor que se espalha nas árvores, no sol fraco, no silêncio. No meio da tarde, continua tudo parado [...]
(*Pozenato*, 2011, p. 345).

Em 25 de novembro de 2024, quando Pozenato encerrou sua jornada entre nós, depois da tristeza, senti a urgência de voltar-me para seus livros, que guardo em casa, especialmente para sua trilogia – tenho todos exemplares autografados por ele – e, em particular, para meu preferido, o primeiro volume. Revi vídeos e entrevistas, e a nostalgia tomou conta de mim; nesses momentos, percebi que gente como Pozenato não poderia simplesmente deixar de existir. Parece que começo pelo fim, mas em relação a Pozenato, não há um fim: sua herança cultural, como professor e escritor, é imensurável e, ao longo dos tempos, reverberará em muitas novas gerações, mantendo vivos seus ensinamentos e suas obras.

Em meados de 2025, no contexto das comemorações do sesquicentenário da imigração italiana, participei de eventos em que falei sobre ele e sua obra, reforçando a força do seu legado. Motivada por essa vivência e incentivada pela professora Flávia Brocchetto Ramos, pensei nesta escrita como uma homenagem e agora a organizo em duas partes complementares: na primeira, faço uma imersão nas lembranças e evoco a presença de José Clemente Pozenato em minha trajetória, como gestor, professor e orientador; na segunda, volto-me à leitura de *A Cocanha*, buscando compreender como a

[5] Professora no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) – Campus Veranópolis. Mestre em Letras e Cultura pela Universidade de Caxias do Sul (UCS). Doutoranda em Educação na UCS.

paisagem se inscreve na obra e revela a poética do habitar que ele tanto se dedicou a me ensinar.

Pozenato gestor, mestre e orientador: nossas travessias

No segundo semestre de 2006, ingressei no Mestrado em Letras e Cultura Regional – denominação vigente à época – da Universidade de Caxias do Sul (UCS). Diante da impossibilidade financeira de custear tanto a mensalidade quanto o deslocamento diário de Nova Prata, cidade onde já havia concluído minha licenciatura em Letras (2005) no *campus* regional[6], a Caxias do Sul, dirigi-me ao setor financeiro da Universidade a procura de alternativas. Fui encaminhada à Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa, em que eu deveria conversar também com a coordenação do Programa de Mestrado em Letras e Cultura Regional. Foi nesse contexto que conheci o professor José Clemente Pozenato, então Pró-Reitor e coordenador das áreas envolvidas, para uma conversa que, sem que eu soubesse, mudaria o curso da minha trajetória acadêmica e, consequentemente, pessoal. Lembro de ter saído de lá com a sensação de que era um dos dias mais felizes da minha vida. Recebia o vento frio do inverno, mas também o sol no rosto e pensava, agradecida, em tudo o que viria pela frente. O resultado desse encontro marcou-me profundamente, não apenas pela solução prática encontrada por ele – um plano de pagamento flexível resumido na frase "parcele mais e pague o quanto puder" –, mas principalmente pelo seu significado simbólico. Naquele momento, o seu desprendimento e as suas palavras representaram uma ruptura concreta com barreiras socioeconômicas e familiares, sendo a primeira em minha família (de 15 filhos) a acessar o Ensino Superior. Aquele diálogo, à época com um gestor, que mais tarde se transformaria em um orientador, com o qual construí uma frutífera relação acadêmica, configurou-se como um

[6] Somente mais tarde tomei conhecimento do papel de José Clemente Pozenato no projeto de regionalização da Universidade de Caxias do Sul, que possibilitou a criação de campi em diferentes municípios da região. Foi graças a essa iniciativa que pude ingressar, como integrante da primeira turma do curso de Letras do Campus de Nova Prata, sem precisar percorrer longas distâncias nem permanecer ausente de casa por muitas horas – condições que, além de extenuantes, tornariam inviável o custeio das mensalidades, uma vez que eu precisava conciliar o trabalho com os estudos para garantir minha subsistência.

ponto de virada, inaugurando não apenas uma nova etapa formativa, mas a crença na possibilidade de dar continuidade aos estudos, um sonho almejado.

A proposta de pesquisa submetida ao processo seletivo do mestrado visava analisar as representações da natureza na literatura brasileira. Após o início das disciplinas, fui designada para ser orientada pelo professor Pozenato. Nosso primeiro encontro como orientador e orientanda, em sua sala de trabalho, no prédio do programa Elementos Culturais da Imigração Italiana no Nordeste do Rio Grande do Sul (ECIRS), marcou a definição conceitual do projeto. Ao expor meu tema, o professor Pozenato, com sua característica ponderação, imediatamente refinou o objeto de estudo: o olhar sobre a natureza, argumentou, já a transforma em paisagem, isto é, numa construção cultural, numa percepção mediada pela subjetividade e pela cultura. Dessa forma, a pesquisa deveria centrar-se não na "natureza" em si, mas na paisagem como produto cultural representado na literatura. Ao indagar sobre o que me levou a escolha do tema, expus a percepção que tinha, desde a adolescência, das distintas relações com o ambiente natural que observava entre os campeiros dos Campos de Cima da Serra, grupo do qual minha família faz parte, e nas leituras de contos de João Simões Lopes Neto – e os descendentes de imigrantes italianos, estes últimos, referidos em meu contexto local como "gringos", também presentes na região. Essa noção aumentou significativamente aos quinze anos, quando fui trabalhar e estudar em Nova Prata, cidade distante apenas vinte quilômetros de minha comunidade de origem, mas bem distinta do ambiente rural onde me criei.

Sob a orientação do professor Pozenato, o projeto de pesquisa foi progressivamente delimitado e aprofundado por meio de um repertório bibliográfico mais específico. Diante da amplitude inicial da proposta – uma análise comparativa da paisagem literária entre autores representativos da visão do imigrante italiano e do gaúcho campeiro –, meu orientador salientou que tal escopo seria mais adequado a uma tese de doutorado. Recomendou, então, o foco em um único autor e o amadurecimento do conceito de paisagem como categoria de análise. Ao solicitar sua indicação, ele me apresentou a obra *No Galpão*, de Darcy Azambuja. Dessa forma, em 2008, de-

fendi a dissertação intitulada *A paisagem em Darcy Azambuja: outras dimensões*.

O percurso de escrita foi marcado por dificuldades inerentes àqueles que não tiveram acesso nem às melhores condições de estudos nem ao tempo ideal necessário à pesquisa de qualidade. Mas foi uma escrita autêntica e muito influenciada pelas conversas profundas, complexas para mim, com o orientador. A necessidade de decifrar as nuances de seus conceitos e afirmações demandava leituras constantes, em um ciclo virtuoso que não apenas culminou na dissertação, mas no legado de amadurecimento humano e como estudante com olhar mais apurado.

Na dissertação, analisamos[7] os contos de *No Galpão*, livro publicado em 1925, destacando que a paisagem, mais do que simples pano de fundo descritivo, constitui-se como signo cultural e identitário da campanha gaúcha. Evidenciamos múltiplas dimensões desse elemento narrativo: a contemplativa, que cria atmosferas sensíveis e introspectivas; a cenográfica, que organiza o espaço social dos personagens; e a simbólica, na qual a paisagem se converte em imagem viva, quase personagem. Além disso, ressaltamos a função histórica e cultural da paisagem, ao articular memória, mito e identidade regional, bem como sua dimensão política, marcada por disputas de poder e territorialidade, e a tensão entre campo e cidade, revelando o olhar modernizador que incide sobre o universo rural. Assim, concluímos que a paisagem em Azambuja é compreendida como discurso estético e social, mediadora da identidade e do imaginário coletivo sul-rio-grandense.

Além dos estudos e da relação de orientação durante o mestrado, atuei como pesquisadora no Projeto Piloto Inventário do talian, coordenado administrativamente pelo professor José Clemente Pozenato, na Universidade de Caxias do Sul, durante dois anos. O projeto, cujo relatório final foi concluído em 2010, teve a coordenação científica da professora Dra. Marley Terezinha Pertile e contou com a participação de consultores e pesquisadores convidados, envolvendo levantamentos de campo, entrevistas e mapeamentos sociolinguísticos que subsidiaram a documentação do talian. Esse

[7] Empregarei o pronome "nós" e adequações, para expressar as interpretações e resultados construídos em coautoria com meu orientador, José Clemente Pozenato, no âmbito do estudo da paisagem realizado no mestrado.

trabalho coletivo foi decisivo para fortalecer o reconhecimento do talian como componente do patrimônio cultural imaterial no âmbito nacional e para impulsionar iniciativas locais de cooficialização da língua em diversos municípios da região sul do Brasil. Foram anos de intenso aprendizado e diálogo com esse estudioso, cujo olhar sobre a imigração italiana no país ampliou minha compreensão histórica, ética e cidadã. Pozenato, que levou às telas de cinema *O Quatrilho* – adaptação de seu romance homônimo e segunda parte da trilogia completada por *A Cocanha* e *A Babilônia* –, apresentou ao Brasil e ao mundo uma narrativa literária que alia rigor histórico e sensibilidade estética na representação da colonização italiana na Serra Gaúcha.

Atualmente, doutoranda em Educação (2023 – 2027), também na UCS, com o tema de pesquisa "a literatura como mediadora de aprendizagens para o desenvolvimento de estudantes autistas por meio da sua exploração" e professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) – cargo que ocupo desde 2010, conquistado em primeiro lugar em concurso público, cujo êxito devo em grande medida à formação obtida no mestrado –, volto a debruçar-me sobre o tema da paisagem na literatura. Desta feita, a análise recai sobre a obra *A Cocanha*[8], publicada em 2000, de José Clemente Pozenato. Esse retorno ao tema configura-se não apenas como um desdobramento natural da minha trajetória acadêmica e de trabalho na educação, relacionados à literatura, mas também como uma homenagem ao mestre, escritor e orientador, que foi tão fundamental para a constituição da minha trajetória humana e intelectual.

Pozenato escritor: paisagens em travessias

Ao retomar este estudo, voltei primeiro ao texto da minha dissertação, escrita sob a orientação do professor José Clemente Pozenato,

[8] *A Cocanha* integra a chamada "trilogia da imigração italiana", composta ainda por *O Quatrilho* (1985) e *A Babilônia* (2006) – e retoma, de forma literária e crítica, a saga dos colonos italianos na região da Serra Gaúcha. No romance, a imagem da "terra da cocanha", utopia de fartura prometida aos imigrantes, é confrontada com a dureza da fixação e da vida cotidiana no Brasil, marcando o início da narrativa expandida nos livros seguintes. A obra busca, assim, desmontar mitos da colonização e das narrativas heroicas ou vitimárias, apresentando uma visão mais realista e complexa da experiência imigrante.

para revisitar as reflexões sobre a paisagem literária que então construímos em diálogo. A releitura desse trabalho me devolveu não apenas o percurso teórico, mas também a memória viva das aulas, das conversas e das leituras que partilhamos. Foi a partir desse retorno que decidi reler *A Cocanha*, primeiro com o olhar da leitora que se emociona, depois com o olhar da pesquisadora que toma notas e reconhece, em cada passagem, as marcas do que aprendeu, sublinhando todas as passagens que apresentavam algum elemento paisagístico. Assim, a metodologia desta escrita se estrutura na confluência entre memória e análise: a releitura atenta da obra de Pozenato, guiada pelos conceitos e autores que fundamentaram minha dissertação e inspirada, principalmente, pelos ensinamentos do próprio mestre sobre a paisagem, a região e o humano que habita cada narrativa.

Em *A Cocanha*, Pozenato apresenta uma paisagem de função, sobretudo, sociocultural e simbólica, embora em muitos momentos se configure como espaço utilitário e referencial, mais descritivo do que sensível. Situada na região de colonização italiana do Rio Grande do Sul, essa paisagem é marcada pela luta pela sobrevivência e pelo trabalho da terra, um espaço em que a natureza é domada e transformada, espelhando os costumes, hábitos, valores, a cultura (*o éthos*) do colono e suas utopias. Não se impõe pela contemplação estética, mas pela função narrativa e histórica, como representação das tensões entre o sonho da "terra prometida" e a dureza da vida real. Em certas frestas descritivas, porém, emergem traços de uma paisagem afetiva, em que o ambiente reflete estados de alma, nostalgia e desejo de pertencimento. Essa dimensão se intensifica quando o espaço partilha da dor humana, como na epígrafe escolhida, em que o luto suspende o tempo e a natureza se torna cúmplice do sofrimento. Nessa passagem, a paisagem deixa de ser cenário para tornar-se linguagem do afeto e do silêncio, revelando o modo como, em Pozenato, o mundo natural também sente e sofre junto com as personagens.

Essa paisagem, que, no conjunto da obra, revela-se entre o real e o simbólico, ganha concretude nas primeiras páginas do romance, quando o olhar do narrador acompanha os personagens em sua chegada à nova terra. No início do segundo capítulo, pisando em solo

firme, depois de uma longa viagem de navio, barco, carroça e, por fim, a pé, os personagens iniciam aquela que seria a última travessia antes de alcançarem o destino, uma terra que, como já compreenderam e sentiram no próprio corpo, não é a da "cocanha". A ascensão às montanhas, onde "a cada palmo que sobe no céu de anil, o sol faz aumentar o suor dos corpos e a secura das bocas. Mas não falta, de trecho em trecho, um regato ou fonte de água limpa, onde matar a sede e refrescar o rosto" (Pozenato, 2011, p. 91).

Nesse momento da narrativa, a paisagem cumpre uma função de mediação entre o humano e o espaço natural, revelando o esforço físico e simbólico do deslocamento. A estrada, descrita inicialmente como "longa planura" que culmina nas "montanhas azuladas cobertas de floresta", configura o que reconhecemos como uma paisagem em trânsito, em que o espaço não é estático, mas se constitui no movimento e na experiência (Jacques, 2008). Essa dinâmica da travessia expressa o que Pozenato (2003) define como "processo cultural", no qual o sujeito, em contato com o novo território, transforma-se e é transformado. A paisagem, nesse caso, é o cenário visível de uma passagem interior, que marca o início da adaptação ao espaço brasileiro.

No trecho "subir, subir sempre, perdendo o fôlego, pelo caminho escorregadio que as mulas vão transformando em barro. Os galhos das árvores, molhados, batem no rosto. As pedras fogem debaixo dos pés" (Pozenato, 2011, p. 92), constrói-se uma paisagem de experiência vivida, próxima da concepção de Claval (2004), para quem a paisagem é antes de tudo uma relação sensível, marcada pelos sentidos e pela presença do corpo. Esse envolvimento físico dos personagens com o ambiente natural revela que o espaço não é cenário, mas parte constitutiva da narrativa e da identidade do grupo, que ainda se transformaria. Também destaco a ideia de Jacques (2008) ao compreender a paisagem literária como signo socioespacial que se inter-relaciona com a linguagem, a estética e o discurso histórico-cultural. Esse duplo movimento do trabalho da natureza sobre o corpo, o esforço, o cansaço, a falta de ar, o barro e, inversamente, o trabalho do corpo sobre a natureza, com a vontade de vencer os aclives, abrir caminho e partilhar o esforço coletivo. Ou seja, o esforço de subir a montanha exprime, em sua dimensão

simbólica, a própria fundação do lugar e o início da convivência com o novo território.

E seguindo essa subida de duplo sentido, "de hora em hora é preciso parar e recuperar o fôlego, sem ânimo para dar atenção às flores das bromélias e ao canto dos pássaros" (Pozenato, 2011, p. 93). O olhar poético resiste, revelando uma forma de sensibilidade que transforma o espaço em experiência estética. Assim, o trecho não se limita à descrição naturalista: ele expressa uma vivência simbólica e estética da paisagem, em que o corpo, a emoção e o olhar constroem, juntos, o sentido do território para, em seguida, "depois de quatro ou cinco horas de escalada", apareça "a primeira casa de um colono italiano":

> É uma casa pobre, de tábua, rodeada pela roça de milho plantada na clareira. No chiqueiro há dois ou três porcos grunhindo, vê-se uma vaca e também um cavalo atados na corda, um galo carijó de crista encarnada e galinhas que cacarejam assustadas. Cachos de uvas, ainda não bem maduros pendem da latada de uma parreira. Está aí uma mostra do que cada um do que está chegando poderá vir a ter (Pozenato, 2011, p. 93).

Nesse trecho, a paisagem deixa de ser apenas percurso ou travessia e se transforma em lugar de chegada e de possibilidade de habitar. A casa de madeira cercada pela roça, o chiqueiro, as parreiras e os animais compõem uma paisagem simbólica de fundação, que anuncia a transição do espaço natural para o espaço cultural. O nome "São Pedro", interpretado como "bom augúrio", reforça essa passagem do profano ao sagrado, como se a conquista do território fosse acompanhada por uma benção simbólica.

Essa relação entre nome, local e identidade retoma o que definimos como significação cultural da paisagem, na qual o lugar se transforma em expressão da experiência humana e da memória coletiva (Jacques, 2008). O fato de nomeá-lo, de construir nele a casa e cultivar a terra inaugura uma nova forma de pertencimento, em que o estrangeiro passa a inscrever-se na geografia simbólica da Serra Gaúcha. Como observa Fischer (2006), as paisagens literárias regionais constroem "redes de imagens" que articulam o sentido de origem, trabalho e identidade; aqui, essa rede se materializa na pequena propriedade, microcosmo da futura colônia.

A paisagem descrita ainda carrega um valor de esperança e promessa: "Está aí uma amostra do que cada um dos que estão

chegando poderá vir a ter" (Pozenato, 2011, p. 93). Esse enunciado confirma o papel ideológico e afetivo da paisagem, como aponta Bourdieu (1989) ao discutir o poder simbólico das representações. O espaço, além de natural e produtivo, é também de sonho, a imagem de um paraíso possível em que o trabalho e a fé possam garantir o pertencimento.

Assim, esse trecho apresenta a paisagem como lugar de fundação simbólica e cultural, unindo o visível e o imaginado, o concreto e o ideal. A natureza domesticada passa a refletir a identidade do grupo imigrante e a projetar o futuro, dimensão que, nas nossas pesquisas, constitui o cerne da leitura da paisagem como expressão da experiência humana inscrita na literatura (Jacques, 2008).

Em *A Cocanha*, a paisagem é, assim, manifestação da luta pela existência e da construção simbólica do humano no território. Tal como observamos, aqui também a paisagem não é um pano de fundo, mas uma dimensão constitutiva dos personagens, que se veem e se reconhecem nela (Jacques, 2008). Conforme o trecho que segue, o colono não contempla a natureza como quem chega a um mundo estranho, mas como quem o incorpora, passo a passo, à própria carne e à própria história.

> Mal saem das ruas embarradas da sede, estão numa picada de mato. Tudo parecido com o que tinham visto no dia em que chegaram da viagem. A cada trecho, uma clareira com uma casinha de madeira e uma roça de milho no pendão. Mas o sentimento agora é outro. Agora vão em direção ao seu pedaço de terra, e por isso estão de alma leve (Pozenato, 2011, p. 107).

Nesse momento da narrativa, Pozenato constrói uma passagem em que a paisagem deixa de ser ameaça ou desafio físico e integra-se à experiência do sujeito em travessia. Quando o narrador descreve que "o sentimento agora é outro", o texto desloca o olhar do espaço natural para o sentido vivido da paisagem, aquilo que, como defendemos (Jacques, 2008), constitui-se no cruzamento entre a materialidade do mundo e a interioridade de quem o habita. O caminho que "se fecha", conforme é descrito mais adiante no texto, e o mato "tão denso que não dá para imaginar por onde entrar" (Jacques, 2008, p. 107) representam mais que o obstáculo físico: configuram o rito de passagem entre o não lugar da migração e o local potencial de pertencimento, ainda por ser aberto, "a facão".

O "pedaço de terra" torna-se, portanto, símbolo de humanização, não apenas posse material. O trabalho de abrir caminho – "a facão" – é o gesto inaugural de inscrição cultural e afetiva na terra, um ato que traduz a condição humana de criar lugar onde antes havia apenas natureza. A paisagem, assim, deixa de ser horizonte de chegada e passa a ser horizonte de existência, espaço em que o sujeito se reconhece e se reinventa.

Seguindo a leitura da obra, a paisagem também se configura, sobretudo, como recurso e repertório prático: frutos, caça e técnicas de captura articulam saberes incorporados que permitem aos colonos apropriar-se do território, uma apropriação tanto material quanto simbólica (Pozenato, 2003), conforme é possível observar no trecho que segue:

> Apesar dos cuidados, Bépi tem o braço arranhado nos espinhos e solta uma blasfêmia. Presta atenção e vê na corda espinhenta em que se feriu algumas frutinhas roxas.
> – Isto parece amora – diz, indeciso.
> – É amora amora – confirma o guia. – Amora preta. Tem a branca, também.
> – Boa de comer?
> – Pode comer, não é venenosa.
> Todos provam e concordam que ela é diferente das amoras que conhecem. Seu gosto é ácido, meio selvagem. Mas talvez sejam boas para fazer licor [...].
> Ele [o guia] retoma a caminhada cortando galhos aqui e ali com o facão. De repente pára e fica observando o chão, por entre as árvores.
> – Porco do mato – diz. Vejam a trilha, as marcas das patas. Andam sempre em bando. Se pegam alguém, tiram pedaços. Mas se percebe de longe quando eles vêm. Vêm batendo os dentes das queixadas trac, trac, trac.
> Todos sempre olham assustados (Pozenato, 2011, p. 108-109).

Nesse trecho, a paisagem aparece claramente como meio e meio de vida: não é cenário passivo, mas conjunto de recursos a serem lidos e manejados por quem possui ou aprende os saberes locais. A narrativa registra um processo de apropriação que é, ao mesmo tempo, material (caça, colheita, receitas) e simbólico (transferência de hábitos, comparação com a Itália, nomes das espécies). Esse saber prático opera como tecnologia cultural de inserção no território, um saber incorporado ao corpo e à fala, alinhando-se à concepção de paisagem como signo socioespacial capaz de traduzir ações e memórias coletivas (Pozenato, 2003). A ênfase no consumo e na utilidade evidencia também uma dimensão ideológica: a natu-

reza como capital alimentar e política de sobrevivência, que remete ao poder simbólico da representação dos lugares (Bourdieu, 1989) e às redes de imagens regionais (Fischer, 2006).

O texto segue, e os colonos, antes estrangeiros, começam a "ver" o mato com olhos de quem aprende, não mais como ameaça, mas como fonte de saber. Essa aprendizagem do espaço constitui o momento em que o sujeito passa a inscrever-se simbolicamente no território, transformando o espaço natural em paisagem cultural (Jacques, 2008).

> Vão percorrendo o mato, agora, com outros olhos e ouvidos. Um estalo, um movimento nas folhas, o pio de um pássaro, nada mais escapa à atenção, o medo pondo em alerta todos os sentidos. Andam em uma direção e outra, e agora começam a notar a diferença das árvores, umas pela casca, outras pela folha ou ainda pelo porte. Algumas têm grande valor, outras nem para lenha servem. O cedro, de madeira macia e cor de sangue, é bom para fazer móveis, mesas e armários que duram a vida inteira. A canjerana, a canela-preta, o louro, todos de madeira forte, são bons para palanques de cerca e cepos de casa, não apodrecem nunca. E as árvores que queimam bem e são as melhores para o fogão: o camboim, o camboatá, a guabiroba. Já aprenderam a avaliar os terrenos melhores para a plantação e onde localizar as fontes de água. E, para não ficarem perdidos, descobrem como marcar o lugar por onde passam. Um galho dobrado, um corte num tronco de árvore. É assim que faziam os índios, diz o guia (Pozenato, 2011, p. 110).

A descrição detalhada das árvores e suas utilidades marca o olhar técnico e incorporado: conhecer o nome, o uso e a durabilidade da madeira é também afirmar-se como parte de um sistema de significados locais (Pozenato, 2003). O gesto de marcar trilhas com galhos e cortes, "como faziam os índios", indica a transferência de saberes tradicionais, produzindo continuidade entre diferentes culturas do espaço.

No trecho analisado, a paisagem deixa de ser apenas meio de sobrevivência para colocar-se como lugar de enraizamento. A familiarização com o ambiente, o reconhecimento das árvores, a leitura dos sons e o uso de marcas e sinais revelam a apropriação simbólica do território, convertendo o "mato", novamente, em paisagem cultural. A percepção sensorial e prática das coisas do entorno (a madeira, a água, os sons, o céu) inscreve o sujeito no ambiente, transformando-o em extensão da própria experiência. A frase proferida por Cósimo, "Já escolhi, é aqui que eu vou ficar até morrer" (Pozenato, 2011, p. 111), marca a transformação do deslocamento

para o pertencimento, a paisagem adquire, assim, valor existencial e identitário (Pozenato, 2003; Fischer, 2006; Claval, 2004).

Ainda estava distante a possibilidade de uma convivência plena entre os elementos da paisagem da serra e os imigrantes italianos que a desbravavam, em busca de adaptação e pertencimento.

> Problema de verdade eram uns bichos pequenos. Todos pareciam querer ser sócios na plantação, sem fazer nada. As formigas comiam todas as folhas que brotavam, os papagaios atacavam o milho assim que dava espiga, e os macacos, os porcos do mato, as capivaras, as pacas, todos se serviam no que chegasse a ficar maduro. As espigas que se salvavam e eram colhidas, acabavam no dente dos ratos (Pozenato, 2011, p. 125).

E então a paisagem reaparece como território de conflito. O "mato", no início, espaço de medo e mistério: o colono se sente estrangeiro, ameaçado por forças naturais e por figuras que simbolizam o desconhecido, os "bugres"[9], os animais, os ruídos da floresta. Esse temor é expressão da não integração entre sujeito e ambiente. Mas, à medida que a narrativa progride, o olhar do colono se modifica: a paisagem, antes hostil, é convertida em espaço produtivo, ainda que à custa da eliminação e do deslocamento da vida original. A frase "foram vindo mais imigrantes e avançando pelos matos" (Pozenato, 2011, p. 125) traduz a lógica de expansão que altera o território em campo de poder simbólico (Bourdieu, 1989). Nomear, dividir e cultivar o solo são formas de legitimar a posse e apagar o outro.

A paisagem em *A Cocanha* também aparece como resultado de um processo de domesticação, no qual o medo dá lugar à propriedade, e o silêncio da mata se converte em ruído humano, o som da roça, da enxada, do facão, das falas dos colonos. No fundo, há uma tensão entre o desejo de enraizamento e a perda da dimensão mítica da natureza. O espaço natural, ao ser ocupado, deixa de ser alteridade e configura-se como continuação da ordem social e produtiva (Jacques, 2008; Pozenato, 2003).

No episódio em que Rosa se instala em sua casa, "respirou fundo o cheiro das paredes das tábuas ainda verdes. Era a casa, a sua casa" (Pozenato, 2011, p. 144), o espaço deixa de ser abrigo provisório para converter-se em extensão de si, instaurando uma relação

[9] Referência aos indígenas que habitavam a região da Serra Gaúcha. Trata-se de uma forma pejorativa, que remonta ao período colonial, usada pelos imigrantes italianos à época.

sensorial e afetiva com a paisagem. A terra, antes hostil, começa a ser reconhecida pelos sentidos: Rosa toca o chão coberto de cinzas[10], identifica o *pissacàn*, "cheira o talo amargo" e ri "vendo os anjinhos voarem ao sol" (Pozenato, 2011, p. 147), em um ritual de reconhecimento entre corpo e território. O ambiente passa a ser lido como texto vivo, no qual cada cor, cheiro e textura guardam uma memória do pertencimento.

À beira do mato, o coqueiro de "tronco liso e esbranquiçado" marca o limite entre o espaço habitado e o desconhecido – "ficaria como uma divisa entre o lugar por onde podia andar e onde começava o mato cheio de perigos" (Pozenato, 2011, p. 148). O toque de Rosa, ao acariciar o tronco e chamá-lo, silenciosamente, de amigo, simboliza a passagem da natureza temida à natureza protetora, transformando o espaço físico em território afetivo. O cheiro da madeira, a mão na terra e o diálogo com o coqueiro configuram o que denominamos "outras dimensões da paisagem": vínculos sensoriais e simbólicos entre sujeito e território (Jacques, 2008). Assim, a natureza deixa de ser mero cenário e transmuta-se em interlocutora – guardiã da casa e metáfora da própria travessia humana. Como observa Pozenato (2003), é no ato de habitar que o espaço se converte em cultura; e, no caso de Rosa, é também nesse movimento que a paisagem se transforma em memória e afeto.

O episódio do macaco descrito por Pozenato (2011, p. 149) e do susto diante do rosto "peludo de olhinhos pequenos" revela a permanência do medo diante da alteridade. A natureza, o outro, o diferente, ainda são percebidos como ameaça. Contudo, essa tensão se desloca quando Rosa, ao trabalhar a terra, começa a descobrir a complexidade do chão: "a terra parecia um tapete feito de mil pequenas raízes" (Pozenato, 2011, p. 149). É uma frase de altíssima densidade poética, que poderia ter saído de João Guimarães Rosa[11] e que, simbolicamente, traduz o entrelaçamento de tudo o que vive.

[10] Pozenato faz referência às práticas agrícolas tradicionais da região, aludindo às queimadas, ainda que sem mencionar explicitamente o termo "coivara". Esse método consistia em cortar as árvores e a vegetação rasteira, deixá-las secar e, em seguida, atear fogo para queimar a matéria orgânica. As cinzas resultantes funcionavam como fertilizante natural, preparando o solo para o plantio.

[11] Escritor que também me inspira, desde minhas primeiras escritas acadêmicas. Hoje, acompanha-me na travessia dos estudos do doutoramento, como vereda por onde fluem as ideias que vou compondo para a tese.

As raízes são resistência, mas também sustentação. São a vida tecida sob a superfície.

Nesse contato direto, o trabalho físico da capina se torna um ato de conhecimento, uma aprendizagem sobre o ritmo da terra, sobre o tempo e sobre a própria vida, que se reflete na pergunta: "Quantas coisas estava aprendendo?" (Pozenato, 2011, p. 149). A frase, simples, marca um ponto crucial de despertar do pensamento experiencial, não aquele aprendido pela fala do outro, mas o que nasce da sua atitude, do seu corpo em relação com o mundo.

Quando, mais adiante, o texto anuncia que "as manhãs não eram tão geladas" e que "dentro dela também Rosa sentia o fim do inverno" (Pozenato, 2011, p. 188), temos o paralelismo entre o ciclo natural e o ciclo humano: a mudança de estação coincide com a transformação interna da personagem. O fim do inverno é o começo da possibilidade de florescimento, inclusive, aqui, de modo literal e metafórico, pois a gravidez de Rosa ("a barriga não cabia mais dentro dos vestidos") liga o corpo feminino à terra que germina.

Assim, o romance constrói a passagem da natureza temida para a natureza partilhada e da solidão para uma forma de comunhão silenciosa com a vida. O aprendizado de Rosa é, sobretudo, um aprendizado de convivência, não mais mediado pela fala do homem ou pelo mapa do agrimensor, mas pelo tato, pelo cheiro, pelo movimento.

Escolhi o trecho da página 226 por perceber que ele cristaliza o ápice do processo de formação do lar, em que o mundo humano se enraíza de vez no natural, transformando a terra em uma paisagem de pertencimento. O narrador, sob o ponto de vista de José Bernardino, um servidor público de Porto Alegre, que trabalhava no projeto de assentamento das famílias italianas, não apenas descreve, como cataloga os sinais concretos dessa conquista: "a fumaça subindo sobre a cozinha", os "pés de parreira em latada" com "uvas ainda verde", os "figos, pêssegos, peras" que "estariam maduras neste verão", e as "manchas amarelas" das colheitas ao lado do "verde escuro" do milho "viçoso". Essa profusão de vida e cor, contrastada com a simplicidade das "moradias dos tropeiros" que possuem "apenas o rancho [...] e um cachorro latindo", evidencia a mudança de uma existência nômade e precária para uma comunidade estável e fe-

cunda. A célebre imagem final, "O mel da riqueza amadurecia nos favos", sintetiza essa transformação: a riqueza não é ouro, mas a doçura produzida pelo trabalho coletivo em simbiose com a terra, o resultado de um amadurecer conjunto da natureza e da cultura.

Desse modo, percorremos, durante a leitura desse romance, um itinerário afetivo que vai da estranheza inicial à fecundidade partilhada. Passando pela descoberta sensível do espaço e pela integração simbólica entre corpo, casa e natureza, em que se consolida uma consciência territorial na qual não se distingue mais o amadurecer da terra e o de seus habitantes.

A Cocanha integra aquele conjunto de obras literárias que se constituem como manifestação da totalidade dos saberes de um povo, de uma comunidade ou grupo. Segundo Paviani (2004), essas obras funcionam como uma fonte inesgotável para compreender ideias, crenças, hábitos e valores de uma cultura delimitada pela região, sendo "síntese orgânica do conjunto de 'lugares' [...] e de aproximações e distanciamentos interculturais" (Paviani, 2004, p. 81). No romance de Pozenato, essa síntese se concretiza na paisagem rural humanizada, em que a casa, a cozinha, os animais e as parreiras traduzem uma relação simbiótica entre o homem e a terra.

A paisagem, aqui também, não é pano de fundo; é extensão sensível do sujeito: sofre e floresce com ele, abriga seu esforço e devolve o fruto do trabalho, é sua morada e sua expressão. Se em *Grande sertão: veredas*, Riobaldo fala: "[...] sertão é o sozinho. Compadre meu Quelemém diz: que eu sou muito do sertão? Sertão: é dentro da gente" (Rosa, 2001, p. 325), podemos dizer que, para os personagens de Darcy Azambuja, "o Pampa é dentro da gente"; e, para o colono de *A Cocanha*, "a colônia é dentro da gente". É essa interiorização da paisagem que confere ao texto de Pozenato um caráter de pertencimento e memória: a colônia é o espaço físico e simbólico onde o sujeito se reconhece e se recria, onde a identidade brota do ato cotidiano de cultivar, construir e narrar o próprio chão.

O foco do romance de Pozenato também se afasta da ação propriamente dita para concentrar-se na constituição de um lugar e de uma consciência cultural. A obra não se organiza em torno de um enredo linear ou de grandes acontecimentos, mas da lenta tessitura de um mundo, o da colônia, em que o cotidiano, o trabalho e a

paisagem são os verdadeiros protagonistas. O que o autor apresenta é menos a história de personagens isolados e mais o processo de enraizamento de um povo, o modo como uma comunidade, entre o sonho da fartura e o peso da terra, constrói sua identidade.

A colônia, nesse sentido, é tanto cenário quanto personagem. As descrições da vida rural, do cultivo das parreiras, do cheiro do chiqueiro e da fartura das colheitas funcionam como metáforas da formação cultural de um grupo que tenta traduzir o velho mundo europeu no novo chão americano. Assim como em Azambuja, para quem a paisagem do Pampa carrega em si a voz do homem que a habita (Jacques, 2008), em Pozenato, a colônia é o próprio centro de gravidade da narrativa, espaço simbólico no qual a linguagem, a memória e o trabalho se entrelaçam para dar forma a um modo de existir.

Em *A Cocanha*, a paisagem transcende a função de cenário para converter-se em corpo simbólico no qual se inscrevem a experiência imigrante, seu cansaço, medo e esperança. Como observa Edgar de Decca (1997, p. 201), o romance histórico subverte a história ao se apropriar de seus materiais, e Pozenato realiza essa subversão de modo singular: sua paisagem não é romantizada e funciona como espelho sensível da travessia humana. Quando o personagem Domênico contempla a Baía de Guanabara, "nunca vira nada mais deslumbrante", o deslumbramento carrega tanto o alívio da chegada quanto a sombra da terra perdida. Já na subida da serra, onde os colonos devem levar "os ossos já moídos de cansaço", a natureza se faz matéria de resistência; as pedras e o barro confundem-se com o corpo fatigado. É no silêncio do excesso não dito, na dor apenas insinuada, que a narrativa alcança sua força mais humana. A paisagem, assim, converte-se em testemunha e parte da própria constituição afetiva do território.

Pozenato, mestre e escritor: as travessias que transformou e as paisagens que revelou

Pozenato foi, antes de tudo, um mestre de presenças. Alguém que compreendia a educação como uma arte de formar vínculos e de criar espaços de pensamento. Como gestor, soube unir rigor e

escuta; como professor, fez da palavra um lugar de encontro; e como orientador, ensinou a caminhar com autonomia, mas sem solidão. Seu modo de conduzir pessoas e ideias partia sempre da seguinte confiança: é possível pensar junto, discordar com respeito, atravessar o incerto com curiosidade. A convivência com ele deixou marcas que ultrapassam os muros da universidade, marcas de ética, de generosidade intelectual e de humanidade, que continuam a orientar o olhar de quem teve o privilégio de aprender com sua presença.

Por fim, ao voltar-me ao Pozenato escritor e reler *A Cocanha* com o olhar moldado pelos estudos junto ao mestre e pela sua cumplicidade, puder observar que a paisagem se desvela não como cenário, mas como elemento constitutivo da própria travessia humana: um corpo que cansa, um chão que acolhe, uma raiz que permanece. Nesse viés, a narrativa de Pozenato se aproxima de um gesto poetizador, não o de embelezar o sofrimento, mas o de restituir humanidade à experiência do cansaço, da jornada e do espanto. Em sua trilogia do imigrante italiano, Pozenato faz mais que narrar a colonização da Serra Gaúcha: deu voz ao silêncio dos que fundaram a vida com as próprias mãos, transformou a terra em memória e o trabalho, em linguagem. Sua literatura apresenta ao Brasil e ao mundo a força de uma história coletiva que, em sua dor e beleza, continua a nos lembrar que habitar é sempre um ato de travessia.

Referências

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

CLAVAL, Paul. A paisagem dos geógrafos. *In*: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (org.). **Paisagens, textos e identidade**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2004. p. 13-73.

DECCA, Edgar de. O que é romance histórico? Ou, devolvo a bola pra você, Hayden White. *In*: AGUIAR, Flávio *et al*. (org.). **Gêneros de fronteira:** cruzamentos entre o histórico e o literário. São Paulo: Xamã, 1997.

FISCHER, Luís Augusto. Região, outro centro. *In*: INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Atlas das representações literárias de regiões brasileiras**. Rio de Janeiro: IBGE, Coordenação de Geografia, 2006. p. 7-12.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Atlas das representações literárias de regiões brasileiras**. Rio de Janeiro: IBGE, Coordenação de Geografia, 2006.

JACQUES, Alcione Moraes. **A paisagem em Darcy Azambuja**: outras dimensões. 2008. 147 f. Dissertação (Mestrado em Letras e Cultura Regional) – Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2008.

PAVIANI, Jayme. **Cultura, humanismo e globalização.** Caxias do Sul: Educs, 2004.

POZENATO, José Clemente. **A Cocanha**. Caxias do Sul: Maneco, 2011.

POZENATO, José Clemente. **Processos culturais**. Caxias do Sul: Educs, 2003.

ROSA, João Guimarães. **Grande sertão**: veredas. 19. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

O Grupo Matrícula e a consolidação do sistema literário regional na Serra Gaúcha

Aline Brustulin Cecchin[12]

No final da década de 1960, ocorreu a publicação de um livro de poemas por um grupo composto por cinco jovens escritores – Oscar Bertholdo, José Clemente Pozenato, Jayme Paviani, Ary Nicodemos Trentin e Delmino Gritti –, o qual posteriormente ficou conhecido pelo título de sua antologia: *Matrícula* (1967). A partir da fortuna crítica pesquisada acerca do Grupo Reunião, como se autodenominou inicialmente, percebe-se que a publicação da antologia foi um marco importante na produção poética do Rio Grande do Sul.

A obra rompeu com a literatura saudosista, ufanista e etnocêntrica que existia na região da Serra e integrou-se à nova geração de poetas que, naquela época, surgia no Rio Grande do Sul. Segundo Arendt (2007, p. 31), a antologia poética do Grupo diferencia-se do panorama já existente por não possuir o sentimento de telurismo regionalista gauchesco ou serrano. A ausência de um programa literário seria o diferencial da obra, assim possibilitando a sua propagação entre leitores de diferentes espaços culturais.

Dentre os cinco escritores do Grupo, quatro inauguraram sua escrita na poesia com a publicação de *Matrícula* (1967), e todos continuaram publicando poemas nas décadas seguintes, mas individualmente. Encontram-se, também, no âmbito da literatura, publicações de romances, novelas e contos, como é o caso de José Clemente Pozenato. Além disso, houve significativa produção dos escritores do Grupo no meio acadêmico, assim contribuindo para a produção crítica e científica da região.

Oscar Bertholdo[13] (1935 – 1991), após a publicação de *Matrícula* (1967), foi, entre os cinco escritores do Grupo, quem mais

[12] Doutora pelo Programa de Doutorado em Letras – Associação Ampla UCS/Uniritter.

[13] Nasceu em Nova Roma do Sul, em 1935. Formou-se em Filosofia em 1960, pela Faculdade Imaculada Conceição de Viamão, onde também cursou Teologia

produziu e publicou poemas. São diversos livros que compõem o seu acervo, destacando-se: *As cordas* (1968), *Corpobre* (1969), *O guardião das vinhas* (1970), *A colheita comum* (1971), *Poemimprovisos* (1974), *Lugar* (1976), *Ave, árvore & tempo de assoalho* (1981), *Informes de ofício e outras novidades* (1982), *Canto de amor a Farroupilha* (1984), *Cantigas* (1986), *Arte & poesia* (1987), *Momentos de intimidade* (1987), *Amadas raízes* (1992), *Bocca chiusa* (1996), *Molho de chaves* (2001) e *O fazedor de lonjuras* (2011). O poeta também recebeu diversos prêmios literários, como o do Instituto Estadual do Livro no Rio Grande do Sul – 1973 (1º lugar), I Concurso Nacional de Literatura da Caixa Econômica de Goiás – 1974 (1º lugar), II Concurso Nacional de Poesia Sobre o Vinho – 1985 (2º lugar) e Prêmio Master de Literatura – 1986 (2º lugar). Ressalta-se, ainda, que o escritor teve uma participação decisiva na criação do Congresso Brasileiro de Poesia, realizado anualmente em Bento Gonçalves.

Além da antologia poética *Matrícula* (1967), José Clemente Pozenato[14] (1938 – 2024), no âmbito da poesia, publicou *Vária figura* (1971), *Carta de viagem* (1982), *Meridiano* (1983) e *Cánti Rústegui* (1993). O autor também publicou ficção: *O caso do martelo* (1985), novela policial que foi adaptada para a televisão; *O Quatrilho* (1985), romance que foi adaptado para o cinema por Fábio Barreto e concorreu ao Oscar em 1996, na categoria de melhor filme estrangeiro; *O caso do loteamento clandestino* (1989) e *O caso do e-mail* (2000), que também são novelas policiais; *A Cocanha* (2000), romance que conta a história da chegada dos imigrantes italianos no Rio Grande do Sul; *A Babilônia* (2006), romance que faz o fechamento da trilogia sobre a história dos imigrantes italianos e seus descendentes. No gênero conto, o autor publicou *O limpador de fogões* (1998). No ano seguinte, publicou *Conversa solta* (1999), no qual reuniu algumas de suas crônicas publicadas no Jornal Pioneiro (Caxias do Sul). O autor também escreveu dois livros para o público infantil: *O jacaré da lagoa* (1990) e *Pisca-tudo* (2001). Sobre a sua produção acadêmica, destacam-se os livros *O regional e o universal* (1974) e *Processos culturais: reflexões sobre a dinâmica cultural* (2003). Além disso, Pozenato

(Chaves; Ribeiro, 2007, p. 271). Foi padre, cronista e poeta.

[14] Nasceu em São Francisco de Paula, na localidade de Santa Teresa, em 1938. Bacharel em Filosofia, Mestre em Educação e Doutor em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS (Chaves; Ribeiro, 2007, p. 278).

trabalhou, durante muitos anos, como professor na Universidade de Caxias do Sul (UCS) e, nesse tempo, vinculou-se ao projeto Ecirs[15], no qual desenvolveu diversos trabalhos e pesquisas sobre a cultura de imigração italiana no Nordeste Sul-Riograndense.

Após ter apresentado seus primeiros poemas na antologia poética *Matrícula* (1967), Jayme Paviani[16] também publicou: *Uvas da consolação* (1972), *Onze horas úmidas* (1974), *Águas de colônia* (1979), *O exílio dos dias* (1982), *Agora e na hora das origens* (1986), *Poemas* (1990), *Antes da palavra* (1998) e *As palavras e os dias* (2002). Além de sua produção literária, Paviani tem significativa produção acadêmica, ressaltando-se: *Estética e filosofia da arte* (1973), *Problemas de filosofia da educação* (1990), *Formas de dizer: questões de método, conhecimento e linguagem* (1996), *Filosofia e método em Platão* (2001), *Estética mínima* (1996), *Ensinar – deixar aprender* (2003), *Platão e a república* (2003), *Cultura, humanismo & globalização* (2004).

Ary Nicodemos Trentin[17] (1942 – 2002) publicou seus primeiros versos na coletânea *Nossa Geração* (1966). O escritor também participou da antologia poética *Matrícula* (1967) e continuou as publicações poéticas individualmente, sobressaindo-se as obras *Investiduras* (1976), *Barcas e arcas* (1981), *Alguma fala e outras tramas* (1984). Além da poesia, Trentin dedicou-se à fotografia documental, após estudos realizados no Centro Internacional de Fotografia (ICP), de Nova Iorque. Nessa área, conquistou vários prêmios, como Kodak (1982), Foto/Sul (1984), Prefeitura de Bento Gonçalves (1985) e Prefeitura de Caxias do Sul (1991). A partir de seus estudos sobre a fotografia, vinculou-se ao projeto Ecirs como fotógrafo e contribuiu de forma decisiva para o acervo de imagens que o projeto possui atualmente.

---

[15] Ecirs – Elementos Culturais da Imigração Italiana no Nordeste do Rio Grande do Sul. Projeto desenvolvido na Universidade de Caxias do Sul.

[16] Nasceu em Flores da Cunha, em 1940. É Licenciado em Filosofia e Bacharel em Direito. Mestre e Doutor em Letras. Fez estudos de pós-doutorado na Universidade de Padova, Itália, sobre a dialética de Platão e de Aristóteles, em 2000 (Chaves; Ribeiro, 2007, p. 282).

[17] Nasceu em Gramado (RS). Licenciado em Filosofia, Bacharel em Teologia e Mestre em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS); especialista em fotografia documental pelo Centro Internacional de Fotografia de Nova Iorque (Chaves; Ribeiro, 2007, p. 275).

Apesar de ter escrito apenas um poema em *Matrícula* (1967), Delmino Gritti[18] cooperou significativamente para a publicação do Grupo, visto que colaborou na edição da antologia. Posteriormente, atuou como editor, livreiro e autor. Em 1967, o escritor foi premiado em um concurso literário da Prefeitura Municipal de Caxias do Sul (1º lugar). Em 2004, foi novamente premiado no Concurso Anual Literário de Caxias do Sul (1º lugar). Gritti também atuou como roteirista, sob direção de Alpheu Godinho, no curta-metragem *Hoje o susto eletrônico*, que foi premiado no Festival de Cinema Jornal do Brasil, em 1969.

Considerações acerca da paisagem literária serrana

Tendo como base os periódicos[19] disponibilizados na plataforma online do Arquivo Histórico Municipal de Caxias do Sul, compreendidos entre 1900 e 1970, observou-se que, com exceção dos anos de 1914 e 1915, em que surge o jornal *A encrenca*, não há muitas publicações relacionadas à literatura ou à vida intelectual antes do final da década de 1940. Em 1950, embora ainda não se tenha um grande fluxo de textos literários, já se percebe um pequeno movimento, que iria se intensificar anos mais tarde.

A presença de poemas nos periódicos é um dos elementos mais relevantes dessa década, levando a crer que havia um conjunto de escritores produzindo, e o jornal poderia ser o principal canal para a publicação dos textos de alguns desses autores. Os poemas que exaltam o gaúcho do Pampa e os seus costumes são muito comuns nesse período e estão presentes em quase todos os exemplares. Além disso, quadrinhas e lemas aparecem ao lado desses textos, evidenciando a representação da tradição gauchesca.

Os textos são produtos da literatura, entretanto, segundo Even-Zohar (1990), não são necessariamente exclusivos dela. Além disso, o autor entende como produto de um sistema literário não apenas o texto em si; ele inclui nessa categoria o que chama de "fragmentos", ou seja, outras atividades desenvolvidas que contribuam para a

[18] Nasceu em Garibaldi (RS), em 1942. Licenciado em Filosofia pela Universidade de Caxias do Sul (UCS), em 1968 (Chaves; Ribeiro, 2007, p. 285).

[19] Parte dos dados analisados são do projeto de pesquisa "Para uma história da leitura e da literatura em contextos regionais", sob coordenação do professor Dr. João Claudio Arendt.

consolidação de um sistema literário. A produção de fortuna crítica e a promoção de eventos como concursos e palestras são exemplos de "fragmentos". É preciso, ainda, levar em consideração que o texto não é, necessariamente, o principal produto de determinado sistema, mas quase tudo o que é desenvolvido em um sistema literário tem como ponto de partida e/ou de chegada o texto e os seus meios de produção, publicação e circulação.

Observa-se, também, que os jornais da época promoviam, intencionalmente ou não, o incentivo à produção literária, convidando os leitores a enviarem os seus escritos. O jornal Caxias Magazine disponibilizava um espaço para a publicação de crônicas, contos e poemas. Sabe-se que aquilo que um escritor mais deseja é um espaço para publicar, e o periódico, muitas vezes, proporcionava isso aos autores caxienses.

Além da presença de textos literários, constatou-se que, na década de 1950, aumentou a publicação de notícias que tratavam sobre educação e arte em geral. Há informações acerca da criação de novas faculdades em Caxias do Sul, apresentações promovidas pelo "Atelier de Teatro" e divulgação de eventos, como a primeira feira do livro de Caxias do Sul.

Em agosto de 1960, o jornal Caxias Magazine, em nova fase, passou a ser publicado semanalmente. A partir dessa informação, observa-se que, na medida em que aumentou o número de exemplares dos periódicos, também ampliaram-se as notícias e notas sobre literatura e arte em geral e a publicação de contos, crônicas e poemas.

Além do espaço destinado à publicação de textos literários, especialmente poemas, para, provavelmente, motivar a produção literária na região, também foram promovidos diversos concursos. Um dos principais eventos literários dessa época foi o 1º Concurso Anual de Contos, Crônicas e Poesias, voltado para escritores residentes em Caxias do Sul, o qual surgiu no ano de 1967. O concurso, que ainda acontece anualmente, objetivava incentivar a produção literária no município, inclusive, nos anos seguintes, financiando os custos de publicação dos textos premiados.

Assim como os jornais serranos, esses eventos tinham o papel de manutenção da produção literária em Caxias do Sul. O concurso

era uma excelente oportunidade para os novos escritores e também para aqueles que não tinham como financiar suas obras divulgarem e testarem o grau de prestígio do seu trabalho.

Diante disso, já é possível perceber, na região da Serra, a presença de escritores, obras e leitores, configurando a base para a consolidação de um sistema literário regional nos anos posteriores. Além disso, os concursos e jornais regem não apenas a produção literária, mas também o consumo. O jornal se apresenta como instituição "responsável" pela divulgação de dicas de leitura e pela abertura de espaços para a publicação de contos, crônicas e poemas; e os concursos incentivam a produção literária e também a circulação dos textos.

Há ainda outros elementos que fazem parte de um sistema literário. Em relação à região serrana, ressalta-se a importância das editoras e livrarias locais. Elas estão diretamente ligadas, pois as casas editoriais têm o papel de financiar o livro, além de serem responsáveis pela diagramação do texto, revisão, desenho de capa e distribuição dos exemplares ao mercado livreiro.

Nos periódicos pesquisados, pôde-se verificar que existiam editoras e livrarias na localidade. Dentre as quais, destacam-se: Livraria Best Seller; Livraria Leonardo da Vinci; Livraria São Paulo; Livraria Calcagnotto; Livraria Rossi; e Livraria Ramos. Sobre as editoras, constatou-se que, além das edições independentes, existiam na região a Editora Martins, Paulinas, Marista Ltda. e Gráfica Mary.

No final da década de 1960, também surgiu a Universidade de Caxias do Sul (UCS), que abriu muitas portas para a consolidação do sistema literário regional. Entretanto, anterior ao seu surgimento, a então denominada Faculdade de Caxias do Sul já trazia relevantes contribuições para o sistema literário, por meio de ações como a criação do Centro de Estudos Linguísticos e Literários (1965), com o intuito de estimular os novos talentos, a criação da revista O Tempo (1965) e a organização de seminários, congressos e grupos de estudos para discussões teóricas. Ao tornar-se universidade, outros eventos importantes merecem ênfase, como a criação de um grupo de teatro com estudantes da Universidade (1968), a criação do Núcleo de Arte (1967) e a chegada na cidade, a partir de verbas públicas, de bibliotecas especializadas, além de todo o desenvolvi-

mento intelectual que uma instituição de Ensino Superior produz na comunidade regional.

Caxias do Sul também contava com a Academia Caxiense de Letras, que realizava reuniões periodicamente para discutir e celebrar, especialmente, a literatura. Além disso, a academia promovia eventos literários e organizava palestras e seminários. O Clube Caxiense de Leitura (1967), por sua vez, tinha como objetivo organizar uma grande biblioteca para os estudantes universitários, promover discussões literárias, entre os interessados, além de planejar seminários e palestras.

Foi nesse cenário de efervescência literária e cultural que surgiu o Grupo Reunião, em 1967. A publicação da antologia poética *Matrícula* (1967) foi um dos principais acontecimentos da década de 1960 para o âmbito da poesia em Caxias do Sul, na Serra Gaúcha e, também, no Rio Grande do Sul.

O também chamado Grupo Matrícula merece destaque tanto pelos desdobramentos que os cinco escritores tiveram individualmente em suas carreiras literárias, quanto pela dinamicidade de cada poeta em relação ao sistema literário serrano, de modo que faziam parte de vários segmentos do sistema, muitas vezes, participando deles ao mesmo tempo.

A partir da sondagem dos dados, percebe-se que as décadas de 1950 e 1960 foram de extrema importância para a formação da vida literária no Nordeste Sul-rio-grandense. Muitos eram os incentivos à produção e à leitura literária encontrados nos periódicos da época. O ano de 1967 foi um dos mais marcantes para a posterior consolidação do sistema literário na região da Serra, pois surgiram, em Caxias do Sul, a Universidade, o Concurso Literário Anual e o Grupo Matrícula.

O ambiente literário que emergiu após o Grupo Matrícula

Muitos foram os acontecimentos no âmbito da literatura da década de 1970, tanto na vida literária da Serra quanto para cada escritor de *Matrícula* (1967). A publicação da antologia em grupo, para dividir os custos da edição, produziu bons frutos para os quatro

escritores, que continuaram a publicar seus versos. Sabe-se que a qualidade dos poemas também contribuiu decisivamente para que isso acontecesse, mas há outros fatores que foram de grande relevância para a difusão e prestígio tanto de Matrícula quanto das publicações posteriores. Segundo José Clemente Pozenato, em entrevista (Brustulin; Arendt, 2013), um dos momentos mais marcantes do Grupo foi o dia do lançamento da antologia, na Livraria do Globo, em Porto Alegre, quando Guilhermino Cesar fez o discurso e declarou que os escritores do Grupo já tinham entrado no panteão da literatura. Naquela época, Cesar já era um historiador literário reconhecido, já havia publicado a História da Literatura no Rio Grande do Sul (1971) e, conforme Pozenato, era considerado um crítico literário que "abria as portas" para os novos escritores. Além disso, o escritor ressalta a presença do Curso de Letras, na Faculdade de Filosofia, em Caxias do Sul, e os contatos literários na Serra e em Porto Alegre como importantes para a difusão da antologia.

Na década seguinte, a antologia desdobrar-se-ia em onze publicações individuais dos escritores de Matrícula. Oscar Bertholdo foi o poeta que mais publicou na década de 1970: *As cordas* (1968), *Corpobre* (1969), *O guardião das vinhas* (1970), *A colheita comum* (1971), *Poemimprovisos* (1974) e *Lugar* (1976); Jayme Paviani publicou *Uvas da consolação* (1972), *Onze horas úmidas* (1974) e *Águas de Colônia* (1979); José Clemente Pozenato e Ary Nicodemos destacaram-se pelas obras de *Vária figura* (1971) e *Insvestiduras* (1976), respectivamente.

O envolvimento dos escritores do Matrícula com o Concurso Literário Anual de Caxias do Sul foi muito intenso e em diferentes âmbitos. Delmino Gritti foi o primeiro poeta do Grupo a ser premiado no concurso literário, em 1967. Em 1976, Ary Nicondemos Trentin e Jayme Paviani foram também premiados. Nesse mesmo ano, José Clemente Pozenato assinou a apresentação do livro que reúne os textos vencedores, na qual afirmara que: "A publicação destes trabalhos, no ano em que Caxias do Sul completa cem anos de existência, desde a chegada dos primeiros colonos, é também

atestado do estágio em que a cidade está ingressando. Isto é, ela começa a amadurecer culturalmente"[20] (1976, n. p.).

A afirmação de Pozenato é muito importante, pois o próprio autor observa que havia uma efervescência cultural na Serra, especialmente em Caxias do Sul, e a produção e a recepção literárias faziam parte da nova paisagem cultural que se configurava. Os concursos continuaram surgindo. Ao longo daquela década, grande parte das iniciativas era promovida pela Universidade de Caxias do Sul e anunciadas nos jornais serranos.

Além dos poemas que apareciam nos jornais na década anterior, observa-se o aumento do número de contos e crônicas publicados a partir de 1970. Entretanto, as crônicas literárias são minoria, já que grande parte dos textos desse gênero é jornalística. Os contos aparecem com frequência e, normalmente, são narrativas de autores premiados em concursos. A publicação de poemas ainda é muito comum, mas há grande variedade de escritores que podem ser ou não oriundos da região.

Encontros literários, palestras, seminários e fóruns continuaram acontecendo e eram promovidos, principalmente, pela Universidade de Caxias do Sul. Apesar de serem organizados pela instituição, os eventos eram abertos para o público em geral de Caxias do Sul e cidades vizinhas.

Os trabalhos desenvolvidos, especialmente na década de 1960, de incentivo à produção e à leitura literária, à crítica, às artes plásticas, ao teatro e ao cinema, continuaram a ser promovidos ao longo da década de 1970, época em que se consolidou definitivamente o sistema literário regional no Nordeste Sul-rio-grandense. Na década de 1960, houve fatores especiais, como a criação do concurso literário anual, a fundação da Universidade de Caxias do Sul e o surgimento do Grupo Matrícula. No entanto, apenas isso não seria suficiente para compor um sistema. Ainda foram necessários críticos, outros escritores, concursos, editoras e livrarias.

Percebe-se que, entre 1950 e 1980, foram criadas, paulatinamente, condições de leitura e público literário regionais. Essas condições estão interligadas, sendo difícil separá-las em categorias. Portanto,

[20] Citação retirada do livro *Contos, crônicas e poesia* (1976), organizado pela Prefeitura Municipal de Caxias do Sul.

na esfera da leitura e do público, destacam-se os elementos de produção por parte de escritores oriundos da Serra e que ali publicavam; o espaço fornecido pelos jornais (ou comprado pelos autores/instituições) para a publicação e divulgação de poemas, contos e crônicas; e os concursos literários com o objetivo de incentivar a produção dos escritores.

Todo sistema literário regional forma-se e consolida-se em torno da difusão e do prestígio dos textos literários. Além disso, cada sistema tem as suas particularidades de composição. Na Serra Gaúcha, não foi diferente, já que o sistema literário estava vinculado à produção e à recepção regionais. Contudo, apesar disso, não estava em posição insular em relação ao que acontecia no centro do país, pois poetas consagrados também eram lidos e divulgados nos periódicos de Caxias do Sul e cidades vizinhas.

Conforme Berumen (2005, p. 69), pensar a produção literária regional como um sistema é uma nova abordagem, que "tiene la gran ventaja de permitirmos considerarla dentro de los contextos más específicos de su producción, difusión, valoración y consumo; y, consecuentemente, la posibilidad de no desvincular a la litertura – o a las literaturas – de los contextos que les dan vida"[21].

Stüben também defende a investigação da composição da paisagem literária para se desenvolver os estudos acerca da literatura regional sob o viés da sociologia da literatura. Para o autor, é necessário levar em consideração tanto os textos quanto os seus contextos. Portanto, tudo o que liga o(s) autor(es) à região é de grande relevância nesse tipo de abordagem. A partir dos dados apresentados, percebe-se que a publicação da antologia *Matrícula*, em 1967, é uma das peças de um grande quebra-cabeça que foi se armando ao longo dos anos. Muitos fatores (peças desse quebra-cabeça) contribuíram para a conformação da paisagem literária[22] serrana, dentre eles, boas condições de produção e recepção literária, instituições públicas e privadas que promoviam eventos literários (palestras, seminários, grupos de leitura e outros), além da disponibilidade de um espaço

[21] Tem a grande vantagem de permitirmos considerá-la dentro dos contextos mais específicos de sua produção, difusão, valorização e consumo; e, consequentemente, a possibilidade de não desvincular a literatura – ou as literaturas – dos contextos que lhes dão vida (tradução minha).

[22] Conforme Stüben (2013), a paisagem literária é constituída pela interação entre recepção, produção e temática literária.

destinado à literatura no jornal, um dos principais meios de comunicação impressos da época.

Individualmente, quatro escritores do Grupo continuaram publicando poesia, e cada obra desse gênero é parte integrante de um todo que compõe a paisagem literária serrana. Além disso, cabe salientar que quase todas as publicações individuais resultaram na produção de fortuna crítica, a qual também integra o conjunto de fatores levados em consideração durante a análise. Dessa forma, entende-se que a formação de uma paisagem literária regional acontece por meio do estabelecimento de conexões que ocorrem durante a atividade literária em uma região, constituindo, assim, uma grande rede de relações que consolidaria o sistema literário regional ao longo do tempo e do espaço.

A publicação da antologia poética *Matrícula* (1967), então, insere-se em uma paisagem literária que está em fase de constituição. E, por ser considerada uma poesia inovadora, longe dos parâmetros parnasianos e simbolistas que, ainda norteavam alguns autores da época, o Grupo atrai o olhar dos críticos literários do estado e de fora dele, de modo que a produção literária na Serra Gaúcha ganhou novos horizontes, além dos regionais.

Referências

ARENDT, João Claudio. Natureza, campo e cidade. *In*: CHAVES, Flávio Loureiro; RIBEIRO, Cleodes Maria Piazza (org.). **Matrícula**. Caxias do Sul: Educs, 2007. p. 31-46.

BERUMEN, Humberto Félix. **La frontera en el centro –** Ensayos sobre literatura. Baja California: Universidad Autónoma de Baja California, 2005. p. 39-75.

BRUSTULIN, Aline; ARENDT, João Claudio. "Eu nunca pensei em um público regional" (Entrevista com o escritor José Clemente Pozenato). **Litteris**, n. 12, p. 315-331, set. 2013.

CHAVES, Flávio Loureiro; RIBEIRO, Cleodes Maria Piazza (org.). **Matrícula**. Caxias do Sul: Educs, 2007.

EVEN-ZOHAR, Itamar. The Literary System. **Poetics Today**, International Journal for Theory and Analysis of Literature and Communication, v. 11, n. 1, p. 27-44, 1990.

STÜBEN, Jens. Literatura regional e literatura na região. *In*: ARENDT, João Claudio; NEUMANN, Gerson Roberto. **Regionalismus** (Regionalismos). Caxias do Sul: Educs, 2013. p. 37-73.

A literatura como espaço de memória: o talian e a herança cultural na obra de José Clemente Pozenato

Camila De Cesero[23]
Cristine Fortes Lia[24]

Considerações iniciais

José Clemente Pozenato foi escritor gaúcho e intelectual de destaque. Nascido em São Francisco de Paula, em 1938, na localidade de Santa Tereza. Bacharel em Filosofia, Mestre em Literatura Brasileira pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e Doutor em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), atuou como professor de Literatura na Universidade de Caxias do Sul (UCS), foi membro do Conselho Estadual de Cultura e integrou a Academia Sul-Brasileira de Letras e a Academia Rio-Grandense de Letras.

Além de sua trajetória acadêmica e literária, Pozenato deixou um legado que ultrapassa a ficção. Seus textos evocam a memória coletiva de uma comunidade marcada pela imigração e pelo entrelaçamento entre cultura local e universalidade literária. Por meio de uma linguagem sensível e, ao mesmo tempo, rigorosa, o autor construiu narrativas que preservam modos de vida, ressignificam experiências históricas e projetam a literatura do sul do Brasil para além de suas fronteiras regionais.

Seu falecimento, em 2024, marcou não apenas a perda de um escritor, mas de um intelectual que dedicou sua vida a pensar e a escrever sobre a identidade cultural da Serra Gaúcha. Revisitar suas obras, portanto, é também um gesto de memória: ao reler *O caso do martelo* (2008a) e *O caso da caçada de perdiz* (2008b), obras analisadas

[23] Mestre em Letras e Cultura pela Universidade de Caxias do Sul (UCS). Professora da Prefeitura Municipal de Farroupilha.
[24] Doutora em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Professora da Universidade de Caxias do Sul (UCS).

neste estudo, reconhece-se, mais que a força estética de sua escrita, a permanência de sua voz na tessitura da história literária do Rio Grande do Sul.

Ao articular enredos policiais com elementos da história e da cultura regional, José Clemente Pozenato constrói narrativas que vão além do mistério a ser solucionado. Seus romances exploram as tensões próprias do gênero e também registram modos de vida, costumes e tradições das comunidades da Serra Gaúcha, transformando a ficção em um lugar de memória. O comissário Hilário Pasúbio, personagem que conduz a história nas obras analisadas, em suas investigações, transita por espaços marcados pela imigração, pela religiosidade e pelas relações sociais locais, revelando que cada crime investigado está imerso em uma rede de experiências coletivas. Dessa forma, a literatura policial de Pozenato preserva e ressignifica a memória de uma região, projetando-a para o âmbito da literatura brasileira e reafirmando o valor de sua obra como herança cultural.

Pozenato destacou-se como poeta, ensaísta e ficcionista, reunindo em sua obra uma diversidade de gêneros e perspectivas. Entre seus livros, encontram-se *O caso do martelo* (2008a) e *O caso da caçada de perdiz* (2008b), que acompanham as investigações do comissário Hilário Pasúbio. No primeiro, o policial é conduzido a um lugarejo próximo a Caxias do Sul, onde precisa conquistar a confiança da comunidade para desvendar um crime marcado por paixões ocultas. Já no segundo, ambientado no interior de Vacaria, Pasúbio se vê diante de um assassinato inesperado, em meio a tradições locais e a adversidades climáticas que dificultam a resolução do mistério.

Assim, este artigo tem por objetivo analisar os referidos romances policiais de José Clemente Pozenato, destacando como, por meio da linguagem das personagens, o autor preserva o modo de falar herdado dos ascendentes italianos da Serra Gaúcha, deixando viva a memória dessa comunidade – gesto que também pretendemos realizar em relação à memória do próprio escritor.

A literatura como guardiã da memória: a herança cultural nas obras de Pozenato

Cultura e região apresentam aproximações significativas, sobretudo, em relação à sua formação. Ambos os conceitos se vinculam aos laços de pertencimento que os indivíduos estabelecem com determinado espaço ou com práticas que se repetem cotidianamente. Tais laços são responsáveis pela elaboração e reelaboração de uma cultura regional, processo que também se manifesta nas representações literárias de uma comunidade. É nesse sentido que a literatura de José Clemente Pozenato pode ser compreendida como um espaço de construção simbólica da identidade regional da Serra Gaúcha, na medida em que traduz, pela ficção, modos de vida, tradições e formas de linguagem herdadas dos imigrantes italianos.

Entre esses laços de pertencimento, encontra-se a memória, elemento essencial para compreender uma localidade e, por extensão, a literatura que dela emerge. Recordar acontecimentos e divulgar lembranças pode auxiliar na interpretação da realidade presente. Nesse sentido, Jacks (1998, p. 21) ressalta que a cultura regional "precisa ser tratada de forma dialética, ou seja, observando os seus pontos de avanço e retrocesso, de rompimento e continuidade, para não cair no equívoco de ser considerada uma manifestação de 'autenticidade'". Essa perspectiva também pode ser observada nas narrativas de Pozenato, que reconstroem práticas e linguagens tradicionais sem se restringirem à nostalgia: suas obras revelam uma cultura viva, em constante diálogo entre passado e presente.

A memória, portanto, não se limita ao indivíduo, mas atua socialmente. Bosi (2003, p. 74) observa que crianças e jovens recebem estímulos das lembranças transmitidas pelas pessoas mais velhas, o que influencia na formação de valores e modos de agir. Essa "força, essa vontade de revivescência" (Bosi, 2003, p. 74) é perceptível nas obras de Pozenato, nas quais a oralidade e o uso do dialeto talian atualizam, no presente da narrativa, experiências herdadas de gerações anteriores. Ao fazer da linguagem um instrumento de memória, o escritor garante a permanência de elementos culturais que poderiam se perder com o tempo.

A compreensão da memória está estreitamente ligada à noção de história local. Em um contexto marcado pela globalização e pela circulação de pessoas, torna-se cada vez mais desafiador preservar identidades específicas. Como descreve Bittencourt (2009, p. 169), "é pela memória que se chega à história local". Em *O caso do martelo* (2008a) e *O caso da caçada de perdiz* (2008b), Pozenato transforma a literatura em um desses "lugares de memória" (Nora, 1993), pois suas palavras funcionam como arquivos simbólicos da vida comunitária: nelas se registram costumes, crenças, modos de trabalho e expressões linguísticas que compõem o patrimônio histórico-cultural da região.

Essa memória legitima identidades locais, ainda que estas sejam dinâmicas e mutáveis. Woodward (2003, p. 38) lembra que "as identidades são produzidas em momentos particulares no tempo" e emergem em contextos históricos específicos. Em Pozenato, essa identidade se manifesta nas personagens e nas comunidades ficcionais que habitam a Serra Gaúcha – espaço onde o passado imigrante e o presente moderno coexistem, evidenciando o caráter histórico e transformador da cultura.

Sob outra perspectiva, Figueira e Miranda (2012, p. 47) entendem a memória como "a capacidade de conservar e de preservar dados", ressaltando que ela pode ser coletiva ou individual. A memória individual, no entanto, só se constrói no interior de um grupo, pois é a memória coletiva que fornece o quadro de referência das lembranças. Essa concepção aproxima-se de Le Goff (2003, p. 422), para quem a memória coletiva é um dos elementos fundamentais na abordagem dos problemas do tempo e da história, além de constituir um instrumento de poder. Em Pozenato, a voz coletiva da comunidade ganha corpo por meio das expressões italianas e dos relatos transmitidos entre as gerações – elementos que transformam suas narrativas em espelhos da memória de um povo.

A transmissão de saberes entre gerações, portanto, sustenta a identidade coletiva. Como explica Halbwachs (2004, p. 71), "os quadros coletivos da memória não se resumem em datas, nomes e fórmulas, eles representam correntes de pensamento e de experiência onde reencontramos nosso passado porque este foi atravessado por isso tudo". A literatura de Pozenato exemplifica essa dinâmica:

ao fundir lembranças coletivas e experiências individuais, o autor constrói um enredo que perpetua a memória ítalo-brasileira da Serra Gaúcha. Nesse mesmo caminho, Le Goff (2003, p. 4) enfatiza que a memória social constitui um dos alicerces da história, ao passo que Catroga (2001) acrescenta que a memória, moldada pelas vivências, mistura passado e presente em uma narrativa coerente – exatamente como faz Pozenato ao transformar a lembrança em arte e a literatura em guardiã da herança cultural de um povo.

Pozenato, talian e literatura policial

Os romances policiais de José Clemente Pozenato, *O caso do martelo* (2008a) e *O caso da caçada de perdiz* (2008b), vão além da investigação criminal: são narrativas que preservam e transmitem a memória cultural da Serra Gaúcha. Em *O caso do martelo*, o comissário Hilário Pasúbio chega a Santa Juliana para desvendar o assassinato de Nàne Tamànca, enfrentando a desconfiança dos moradores e descobrindo, por meio da convivência com a comunidade, o crime, o assassino e as tensões afetivas que o motivaram. Já em *O caso da caçada de perdiz* (2008b), Pasúbio participa dos costumes de uma família local e presencia o assassinato de um noivo ao sair da igreja no dia de seu casamento, enfrentando ainda as intempéries climáticas que dificultam a investigação. Em ambos os romances, Pozenato articula a estrutura do romance policial com elementos de história, cultura e oralidade ítalo-brasileira, transformando o mistério em um espaço de memória coletiva.

A presença do dialeto talian na obra de Pozenato ultrapassa a função ornamental: trata-se de um recurso estético e identitário que ancora as narrativas em um espaço cultural marcado pela imigração italiana. Ao recorrer a esse repertório linguístico, o autor dá voz às comunidades locais, preservando expressões que carregam valores, costumes e modos de sociabilidade herdados.

Em *O caso do martelo* (2008a), de José Clemente Pozenato, observa-se a presença de diversas expressões oriundas do dialeto talian, incorporadas ao cotidiano das personagens. Esse recurso confere maior autenticidade às falas, já que o dialeto é utilizado em diferentes situações e contextos, funcionando como marca identitá-

ria da comunidade retratada. Entre os exemplos mais significativos, está a expressão "*um canfazéste*", utilizada para se referir a Camilo Gamba, presidente da Cooperativa Vinícola Santa Juliana e um dos principais suspeitos do assassinato de Nàne Tamànca. Como explica Bôrtolo Fassina, personagem que integra a comunidade retratada por Pozenato:

> Um sem-vergonha, ele é. Um velhaco – falou, contendo a raiva – "Um canfazéste", para dizer tudo. O senhor viu a casa dele? É a maior de todas, a mais moderna de todas. E eu sei o que é que ele ganha por mês aqui na cooperativa. Nunca, com o dinheiro que ele ganha, daria para fazer um palácio daqueles (Pozenato, 2003, p. 23).

A mesma personagem também é descrita como alguém "movido por prazeres e luxúria", por meio da expressão "*te le putàne*": "E também trocar de carro todos os anos? E ir *te le putàne* todas as semanas, na cidade? Me contaram as farras que ele faz, e não é com pouco dinheiro. Até banho de champanha ele dá nas putas" (Pozenato, 2003, p. 23).

Outras expressões do talian aparecem em momentos decisivos da narrativa, como "*Gnente, dô parole*", traduzida como "nada, duas palavras", empregada pelo delegado Pasúbio durante a busca por um dos suspeitos: "Pasúbio sorriu, calmo, e disse no dialeto local: – *Gnente, dô parole*. Só duas palavrinhas" (Pozenato, 2003, p. 32). Já a vítima Nàne Tamànca é descrita como *"um poro màto*", isto é, "um pobre louco": "– Como era esse velho Mansueto? – Uldérico traçou um círculo com o dedo junto à cabeça: – Um poro màto – gritou. – Pelo menos assim calçou sapatos uma vez [...]" (Pozenato, 2003, p. 33). Também se destaca a palavra "*rufiàn*", designando o indivíduo que vive às custas da prostituição alheia. Nesse contexto, lembra-se a recusa de Giulieta em casar com Nàne Tamànca: "Não me caso com um *rufiàn* que só tem um par de tamancas. Ele então nunca mais namorou nenhuma. E resolveu que ia usar tamancas até morrer. Por desaforo" (Pozenato, 2003, p. 34).

O cotidiano da comunidade também se manifesta por meio de expressões de saudação ou religiosidade, como em "*Bon giorno*", equivalente a "bom dia", utilizada por Constante Delloro ao cumprimentar Pasúbio: "*Bon giorno*, dormiu bem? Por que não pediu para dormir aqui? Tenho um quarto para emprestar. É muito ruim dormir no carro. Não se descansa direito" (Pozenato, 2003, p. 56).

Já "*Sànta Madona*" expressa lamento, como no momento em que Antenor Coltrani descobre a implicação do filho no crime: "– *Sànta Madona* – lamentou-se Antenor Coltrani. – O que é que a gente faz com esses filhos? Me diz. O que é que a gente faz? Bota na cadeia? Só cadeia mesmo para endireitar" (Pozenato, 2003, p. 75).

Também surgem vocábulos relacionados à alimentação, como "*lardo*" (toucinho), "*brodo*" (caldo de sopa) e "*tuta spòrca*" (toda suja), expressão utilizada por Dona Giulieta ao pedir desculpas a Pasúbio: "O senhor desculpe – disse. – Estou com a mão *tuta spòrca*" (Pozenato, 2003, p. 90). Além disso, o termo "*cassòn*" designa um baú para guardar objetos, revelando elementos do cotidiano doméstico da comunidade (Pozenato, 2003, p. 93).

Essa mesma estratégia é retomada em *O caso da caçada de perdiz* (2008b), em que outras expressões do dialeto italiano aparecem com frequência. Entre elas, destacam-se: "*sopetina*", termo para designar sopa de brodo com agnoline; "*cramento*", blasfêmia usada em situações de espanto, como no momento em que "tio Vitório encostou a porta com outra blasfêmia [...]" (Pozenato, 2008, p. 60); e "*sta piova no la finisse mai*", que significa "esta chuva não para nunca" e aparece no mesmo episódio (Pozenato, 2008, p. 60). Ainda se encontram palavras como "*invidiôs*" (invejoso), "*minestra*" (sopa), "*taiadèla*" (massa cortada em tiras artesanalmente) e "*café màto*", bebida típica resultante da mistura de café preto forte com graspa, servida adoçada: "Pega um caneco, bota metade de café preto bem forte e metade graspa. E açúcar conforme o gosto, mas é bom bem doce. Garanto que dorme que nem um anjo. Vai bem depois de um dia como hoje" (Pozenato, 2008, p. 95).

A recorrência dessas expressões evidencia como Pozenato ancora suas narrativas na italianidade marcada pelo cotidiano dos imigrantes e seus descendentes. O Comissário Hilário Pasúbio, ao se inserir nesse universo linguístico, conquista a confiança dos moradores e consegue acessar informações essenciais para a resolução dos crimes. Assim, o uso do dialeto talian não apenas reforça a ambientação cultural das narrativas, mas também se constitui em recurso estratégico para o desenvolvimento das investigações.

Essa presença linguística, entretanto, não pode ser vista apenas como recurso literário. A inserção das marcas do talian cumpre uma

dupla função: por um lado, garante a verossimilhança do gênero policial, pois os crimes são solucionados por meio de deduções que se apoiam em elementos concretos do cotidiano, como a fala, os hábitos e os valores da comunidade; por outro, transforma a literatura em espaço de preservação da memória coletiva. Nesse sentido, Luzzatto (1993, p. 26) observa que o talian consolidou-se como uma koiné de comunicação entre imigrantes de diferentes regiões, "absorvendo termos brasileiros ao longo do tempo". Mesmo após a repressão sofrida durante o Estado Novo, quando os idiomas de imigração foram proibidos, o dialeto sobreviveu nos ambientes familiares, especialmente entre os mais velhos, permanecendo vivo, ainda que muitas vezes de forma discreta, no convívio entre familiares e amigos.

Dos imigrantes italianos que colonizaram o Sul do Brasil, aproximadamente 95% eram provenientes do Vêneto, do Trentino-Alto Ádige, do Friuli-Venezia Giulia, isto é, do Tri-Vêneto e da Lombardia. Desses imigrantes, 60% possuíam a língua e cultura vênetas. Tinham falares diferentes, sotaques distintos, mas a língua-mãe era a mesma: o vêneto. Quando aqui chegaram foram instalados em colônias, sem respeitar a origem de cada família. Assim, uma família trentina da Valsugana, por exemplo, passava a ser vizinha de uma friulana, de Pordenone, de um lado, e de outra lombarda, de Bérgamo, com várias famílias vênetas ao seu redor. Evidentemente, era preciso entender-se. Daí resultou uma língua de comunicação, uma koiné, muito mais vêneta que lombarda ou friulana, ou trentina, pois vêneta era a maioria (Luzzatto, 1993).

A literatura de Pozenato, portanto, legitima essa herança cultural e projeta-a para além do espaço doméstico. Ao registrar expressões do talian, ele resgata uma língua marcada pelo silenciamento e a insere no campo da literatura nacional. Mais do que solucionar crimes, as histórias de Hilário Pasúbio revelam uma região, um modo de viver e uma tradição transmitida pela oralidade, funcionando como um verdadeiro projeto de memória.

Ao unir a tensão do mistério à vitalidade da identidade ítalo-brasileira, a obra de Pozenato transforma a ficção em espaço de resistência cultural. Ela valoriza o dialeto e os costumes da Serra Gaúcha, deixando como legado um testemunho que mantém viva

a memória dos imigrantes italianos e, ao mesmo tempo, preserva a própria memória do escritor.

Considerações finais

A análise das obras *O caso do martelo* (2008a) e *O caso da caçada de perdiz* (2008b) permite compreender que José Clemente Pozenato fez da literatura um espaço de memória e de identidade. Ao registrar, em suas narrativas policiais, o falar herdado da imigração italiana, o autor resgatou não apenas uma forma de expressão linguística, mas também todo um universo cultural construído por gerações de descendentes que moldaram a Serra Gaúcha.

Mais do que recurso estético, o uso do talian em suas personagens inscreve na ficção práticas, valores e modos de vida transmitidos pela oralidade e ameaçados pela homogeneização cultural da modernidade. Com isso, Pozenato projetou na literatura nacional uma região marcada por tradições próprias, preservando, por meio da escrita, aquilo que Bosi (2003) reconhece como a "força de revivescência" da memória.

Se, como afirma Halbwachs (2004), toda memória coletiva encontra sustentação em um grupo delimitado no tempo e no espaço, a obra de Pozenato amplia esse horizonte, transformando a memória da comunidade ítalo-brasileira em patrimônio simbólico que ultrapassa fronteiras locais. Seus romances reafirmam a literatura como guardiã de histórias parciais que, somadas, constituem a narrativa maior da identidade cultural.

Assim, ao mesmo tempo em que revive a voz dos imigrantes e mantém viva a tradição do talian, a escrita de José Clemente Pozenato preserva também a memória de seu próprio autor. Ler e revisitar sua obra, portanto, é prolongar sua presença e reconhecer a herança cultural que nos deixou – uma herança feita de palavras, de histórias e de identidade, capaz de permanecer no tempo.

Referências

BITTENCOURT, Cirse Maria Fernandes. **Ensino de História:** fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2009.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade:** lembrança de velhos. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

CATROGA, Fernando. Memória e história. *In*: PESAVENTO, Sandra Jathahy (org.). **Fronteiras do milênio.** Porto Alegre: UFRGS, 2001.

FIGUEIRA, Cristina Reis; MIRANDA, Lílian Lisboa. **Educação patrimonial no ensino de História nos anos finais do Ensino Fundamental:** conceitos e práticas. 1. ed. São Paulo: Somos Mestres, 2012.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** São Paulo: Centauro, 2004.

JACKS, Nilda Aparecida. **Mídia Nativa:** indústria cultural e cultura regional. Porto Alegre: UFRGS, 1998.

LE GOFF, Jacques. **História e memória.** Tradução de Bernardo Leitão *et al*. 5. ed. Campinas: Unicamp, 2003.

LUZZATTO, Darcy Loss. **El nostro parlar:** e outras crônicas. Porto Alegre: Sagra: DC Luzzatto, 1993.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.

POZENATO, José Clemente. **O caso do martelo**. Caxias do Sul: Maneco, 2008a. 114 p.

POZENATO, José Clemente. **O caso da caçada de perdiz**. Caxias do Sul: Maneco, 2008b. 132 p.

POZENATO, José Clemente. **O caso do martelo**. Caxias do Sul: Maneco, 2003. 114 p.

RÜSEN, Jörn. **Razão histórica:** teoria da história: fundamentos da ciência histórica. Brasília: UnB, 2001.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. *In*: SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença:** a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 7-72.

O pensamento feminista em *O Quatrilho*, de José Clemente Pozenato

Cecil Jeanine Albert Zinani[25]
Cristina Löff Knapp[26]

É hora de efetuar uma modificação nos modos das mulheres – hora de devolver-lhes a dignidade perdida – e fazê-las como parte da espécie humana, trabalhar reformando a si mesmas para reformar o mundo.
Mary Wolstonecraft

Considerações iniciais

José Clemente Pozenato, autor de poemas, contos, crônicas, novelas, romances e traduções, notabilizou-se por colocar a região de colonização italiana do Nordeste do Rio Grande do Sul no mapa literário do Brasil. Ambientadas na Serra Gaúcha, grande parte de suas narrativas priorizam os imigrantes italianos e seus descendentes, especialmente, a trilogia sobre a imigração italiana, com os romances *A Cocanha, O Quatrilho* e *A Babilônia*. As dificuldades dos primeiros tempos estão presentes em *A Cocanha* (2000); a transformação de uma economia agrária para uma de feição industrial, tipificada pela construção do moinho, em *O Quatrilho* (1985) e, finalmente, os embates políticos do período do Estado Novo, da Intentona Comunista e da II Guerra, em *A Babilônia* (2006). Nessas obras, especialmente, em *O Quatrilho,* destaca-se a modalidade de abordagem das personagens femininas, ainda mais ao se atentar

[25] Doutora em Literatura Comparada (UFRGS). Pós-Doutorado em História e Memória (PUCRS). Atuou como docente e pesquisadora no Curso de Letras da Universidade de Caxias do Sul (UCS) e, na mesma instituição, no Programa de Pós-Graduação em Letras, no qual foi também foi coordenadora. Membro do GT A Mulher na Literatura – ANPOLL.

[26] Doutora em Literatura Comparada pela UFRGS. Professora do Corpo Permanente do Programa de Pós-Graduação em em Letras e Cultura e na Graduação em Letras – Português, na Universidade de Caxias do Sul (UCS). Líder do Grupo de Pesquisa Literatura e gênero, na UCS. Membro do GT A Mulher na Literatura – ANPOLL.

para o período da narrativa: 1909 e anos seguintes, período pouco condizente com reflexões feministas.

Assim, o propósito deste texto é discutir a representação do pensamento feminista na obra *O Quatrilho*, de José Clemente Pozenato, a partir das personagens femininas Gema, Pierina, Teresa e da personagem masculina Padre Giobbe. Para tanto, iniciamos trazendo à tona algumas reflexões a respeito da mulher no século XIX e o seu comportamento na sociedade patriarcal. A seguir, faremos considerações acerca das personagens acima mencionadas, pertencentes ao romance, levando em consideração seu viés feminista.

A mulher no século XIX

A ascensão da família burguesa, no século XIX, proporcionou à mulher o papel de organizadora desse novo ambiente familiar, responsabilizando-a, também, pela educação dos filhos. Vale lembrar que a educação, nesse período, era direcionada aos herdeiros, à culinária, aos bordados, enfim, aos afazeres dedicados ao lar.

Além disso, a posição esperada para a mulher era de alguém submissa ao marido e que se dedicava exclusivamente à organização do lar burguês. Com a reorganização das cidades, dos estados, das ruas, enfim, os novos burgueses passaram a ocupar um lugar que antes era somente da aristocracia. Assim, as casas tiveram mudanças que priorizavam a intimidade do casal e o convívio familiar. Com isso, as residências passaram a receber amigos e parentes com mais frequência. Maria Ângela D'Incao salienta que:

> Nesses lugares, a ideia de intimidade se ampliava e a família, em especial a mulher, submetia-se à avaliação e opinião dos "outros". A mulher de elite passou a marcar presença em cafés, bailes, teatros e certos acontecimentos da vida social. Se agora era mais livre – "a convivência social dá maior liberalidade às emoções" –, não só o marido ou o pai vigiavam seus passos, sua conduta era também submetida aos olhares atentos da sociedade. Essas mulheres tiveram de aprender a comportar-se em público, a conviver de maneira educada (D'Incao, 2022, p. 228).

A partir da nova estruturação da sociedade burguesa, a mulher também desenvolveu outras habilidades, além daquelas que eram esperadas somente para atingir um pretendente, ou seja, um futuro marido, como o convívio social. Ademais, a educação das moças também mudou, indo além dos cuidados com o lar e incluindo aulas

de piano e canto. Todavia, elas ainda eram retiradas da escola antes do homem.

D'Incao (2022) afirma que as mudanças urbanas e o estilo de vida da sociedade burguesa brasileira no início do século XIX também incluiu o processo de higienização das cidades e mudanças de hábitos. Assim, alguns eventos passaram a ser proibidos, como cultos religiosos, serenatas, entre outros. Nas palavras de D'Incao:

> A cidade burguesa teria sistematicamente de lutar contra comportamentos, atitudes e expressões tradicionais que eram considerados inadequados para a nova situação. O que se presenciava era a dissolução das formas tradicionais de solidariedade representada pela vizinhança, família e grupos clânicos, compadrio e tutelagem. [...] Com a aquisição de seu novo status de lugar público, a rua passou a ser vista em oposição ao espaço privado – a casa (D'Incao, 2022, p. 226).

É importante frisar que, embora a sociedade passasse por mudanças, o casamento para a elite ainda se mantinha por arranjos, focando apenas, na propriedade, como elucida Hahner (2003). "Uma aliança considerada adequada e conveniente envolvia parcerias de casamento com igual riqueza e status, cuja união preservaria a situação financeira e a posição das famílias" (Hahner, 2003, p. 45). Dessa forma, a intenção era manter o prestígio, a não divisão de heranças e a mistura de raças.

Além da nova estrutura da sociedade e das cidades, alguns movimentos ganharam força, como o movimento feminista. Com isso, a mulher passou a reivindicar o seu papel na sociedade, não somente como mãe, obediente ao marido e com a função de criar e educar os filhos, porém, como alguém com direito de trabalhar, de expor seus pensamentos, de escrever. Telles (2004) argumenta que

> O discurso sobre a "natureza feminina", que se formulou a partir do século XVIII e se impôs à sociedade burguesa em ascensão, definiu a mulher, quando maternal e delicada, como força do bem, mas, quando "usurpadora" de atividades que não lhe eram culturalmente atribuídas, como potência do mal. Esse discurso que naturalizou o feminino, colocou-o além ou aquém da cultura. Por esse mesmo caminho, a criação foi definida como prerrogativa dos homens, cabendo às mulheres apenas a reprodução da espécie e sua nutrição (Telles, 2004, p. 403).

Segundo Telles (2022), à mulher sempre coube uma vida de sacrifícios, de servidão e devoção à família e aos filhos. Contudo, a leitura e a escrita tiveram um papel fundamental na instrução e na

consciência das mulheres como uma maneira de reivindicar seus direitos. Telles (2022, p. 403) pontua que "tiverem de ler o que sobre elas se escreveu, tanto nos romances quanto nos livros de moral, etiqueta ou catecismo. [...] tiveram de rever o que se dizia e rever a própria socialização".

Duarte (2017) argumenta que, a partir do momento em que a leitura e a escrita entraram no cotidiano das mulheres, passaram a fazer parte de suas vidas. Assim, surgiu a crítica e o questionamento da sua condição. Observa-se que isso só foi possível pela leitura, pois despertou a consciência "da condição subalterna a que o sexo estava submetido, e proporcionou o surgimento de escritos reflexivos e engajados" (Duarte, 2017, p. 14).

Assim, o acesso à educação e, principalmente, a possibilidade de ler e escrever proporcionaram à mulher o ingresso no ambiente das letras. É interessante ressaltar que algumas mulheres participaram ativamente da imprensa, em especial, ao final do século XIX e início do século XX, com contribuições em jornais e revistas. Salientamos a revista *A Mensageira*, dirigida e elaborada por uma mulher, Presciliana Duarte de Almeida, além do jornal gaúcho *Corymbo*, que circulou de 1883 a 1944.

Com isso, podemos verificar que o movimento feminista, às voltas do século XIX e início do século XX, já trazia algumas reinvindicações significativas para a presença da mulher na sociedade. No Brasil, Duarte (2019) elucida que o pensamento feminista brasileiro passou por quatro momentos, em torno de 1830, 1870, 1920 e 1970.

Assim, o primeiro momento teve como foco o direito básico de aprender a ler e a escrever (então reservado ao sexo masculino). Vale lembrar que a primeira legislação autorizando a abertura de escolas públicas femininas data de 1827. As primeiras mulheres que tiveram acesso a uma educação diferenciada estenderam os benefícios do conhecimento às demais, e, assim, abriram escolas, publicaram livros e enfrentaram a opinião de que mulheres não necessitavam saber ler e escrever. Desse período, destacamos Nísia Floresta Brasileira Augusta (1810 – 1885), uma das primeiras mulheres brasileiras a publicar textos em jornais da chamada "grande imprensa". O seu primeiro livro *Direitos das mulheres e injustiça dos homens*, de 1832, enfatizou o direito das mulheres à instrução e ao

trabalho. Segundo Duarte (2019), o texto de Nísia foi inspirado na obra de Mary Wollstonecraft, *Reivindicação dos direitos da mulher*, de 1792. Nísia assimilou as concepções estrangeiras adequando-as ao contexto brasileiro.

Já o segundo momento feminista brasileiro surgiu por volta de 1870 e se caracterizou pelo número de jornais e revistas de feição nitidamente feminista, como já mencionamos, sobressaíram-se *Corymbo, A Mensageira* e o jornal *A Família*. Esse último foi dirigido por Josefina Álvares de Azevedo e procurou enfocar o direito ao voto feminino.

O terceiro momento iniciou-se no começo do século XX, tendo como principal reivindicação o voto feminino. Vários nomes se destacaram no período: Bertha Lutz (1894 – 1976), na fundação da Liga pela Emancipação Intelectual da Mulher; Leolinda Daltro (1859 – 1935), líder de um grupo de feministas; Ercília Nogueira Cobra (1891 – 1938), a qual, no importante ano da Semana de Arte Moderna, lançou seu primeiro livro, *Virgindade inútil: novela de uma revoltada* (1922), dando início a uma obra polêmica que pretendia discutir a exploração sexual e trabalhista da mulher. Enfim, como apontou Duarte (2019), foram muitos nomes femininos que marcaram esse período, com a intenção de estabelecer o espaço da mulher na sociedade e também como escritora.

O quarto e último momento do feminismo brasileiro, nas palavras de Duarte (2019), foi balizado por grandes conquistas, seja na sociedade ou no meio literário. No Brasil, foi atenuado pelo contexto histórico, as mulheres se posicionaram contra a ditadura militar e a censura, pela redemocratização do país, pela anistia e por melhores condições de vida, incluindo o controle da natalidade como uma política pública. Já na literatura, as escritoras passaram a se posicionar frente ao regime da ditadura, como foi o caso da escritora Nélida Piñon, que participou da redação do *Manifesto dos 1000* contra a censura e a favor da democracia no Brasil.

Dessa forma, podemos perceber que o movimento feminista no Brasil passou por quatro momentos, como salienta Duarte (2019). É importante frisar que o período histórico da obra *O Quatrilho* está entre o segundo e o terceiro momento do feminismo no Brasil. Pas-

semos a considerações sobre a representação do feminismo nesta obra.

O feminismo na representação italiana de Pozenato

Conforme preconiza Elaine Showalter (1984), há duas modalidades de crítica feminista, a crítica que se debruça sobre as representações de mulheres em obras de autoria masculina, denominada de crítica feminina, e a crítica que focaliza o sujeito feminino em obras de autoria de mulheres, a qual a autora nomeia como ginocrítica. A modalidade mais prestigiada é a segunda, porém, isso não invalida a primeira, uma vez que há escritores que concedem protagonismo e voz às mulheres, como é o caso de José Clemente Pozenato.

Na perspectiva do pensamento feminino, o romance *O Quatrilho* (1986), de Pozenato, apresenta personagens em que essa modalidade de visão do mundo se evidencia. Uma dessas personagens é um religioso, o Padre Giobbe, que ocupa o tempo das viagens, de uma comunidade a outra, no lombo de sua mula, com perquirições filosóficas. Observando a vida de trabalho insano dos colonos da região, conclui que o mundo das certezas não é para ele. Pergunta-se, constantemente, em que consiste o bem e o mal, a justiça e a injustiça. Não gostava dos moralistas, pois eles vivem trancados em uma sala, sem contato algum com a realidade, sem ver, por exemplo, o que os homens, as mulheres e as crianças dessa região tiveram que enfrentar, para transformar as matas em lavouras, construir casas, trabalhar na fundação de uma nova cidade. Em suas ponderações, detém-se na situação das mulheres, as quais pode observar por ocasião do casamento e, posteriormente, no batismo dos sucessivos filhos. Ainda que já tivesse celebrado milhares de casamentos, em sua longa jornada no exercício do sacerdócio, ficava muito entristecido no final de cada celebração:

> O que lhe causava mal-estar era o brilho de esperança que via nos olhos dos noivos. Uma esperança que ele sabia destinada a durar muito pouco tempo. Tinha pena principalmente das noivas, atraentes, risonhas como uma rosa desabrochada de manhã, que ele voltaria a ver daí a alguns anos, envelhecidas, feias, com o sofrimento e a resignação escondidos no fundo dos olhos tristes, revelados com lágrimas no confessionário. Por isso é que lhe fazia tanto mal celebrar um casamento (Pozenato, 1986, p. 17).

Na verdade, as noivas chegavam, no dia do casamento, jovens, animadas e felizes, sonhando com seu novo lar, a casa própria, a liberdade da tirania paterna. Porém, pouco tempo depois, elas se davam conta que trocaram uma modalidade de escravidão por outra, de servas do pai, passavam ao jugo do marido. Em poucos anos, estavam tristes, em nada lembrando aquelas jovens sonhadoras de poucos anos atrás.

Essa reflexão é retomada, quando Ângelo Gardone, vai consultar o padre sobre a ida ou não para as novas colônias, uma vez que teria que abandonar a casa paterna por ocasião do casamento do irmão mais moço. Pe. Giobbe logo pensa no abandono das mulheres, no meio do mato, as doenças, as cobras, elas envelhecendo de cansaço. Estava vendo o mesmo êxodo a que assistira na Itália, há cerca de 30 anos. O casamento precipitado do jovem Gardone também é motivo de reflexão:

> Que sabiam eles [os moralistas] das razões que levaram esses dois jovens, o menino Gardone e a noiva seis anos mais velha, a precipitar o casamento? Ele, Padre Giobbe, quase podia jurar que nem tinha havido aí um pecado da carne. Quase estava vendo: uma moça desesperada, com medo de não casar, seduzia um rapazote, possivelmente com a conivência dos pais. Não foi a tentação da carne que a levou a isso. Foi o instinto da vida (Pozenato, 2023, p. 67).

Cabe lembrar que, no início do século XX, casar as filhas era um imperativo para as famílias, uma vez que, para os irmãos, devido às dificuldades financeiras, ficava muito oneroso arcar com o sustento de mais pessoas. Uma filha solteira, com 26 anos, constituía um problema que deveria ser resolvido de alguma maneira, no caso, convidar o rapaz para ir ver as carpas no açude, atrás do potreiro, foi a solução.

Tia Gema, confidente de Teresa, também verbalizava suas opiniões sobre o matrimônio e a vida das mulheres. A conversa entre as duas revela uma jovem recém-casada decepcionada com o casamento, uma vez que nada do que ocorreu se aproximava do que havia sonhado. Sentia-se solitária e desamparada, sem ter alguém com quem dividir suas angústias: a mãe sempre a proibira de tocar em certos assuntos, a cunhada era solteira, restava a tia, com quem poderia desabafar. No entanto, foi tia Gema quem se apropriou da palavra, falando na ingenuidade das jovens:

> A gente acha que depois de casar tudo fica bom: a casa só nossa, a galinha, a vaca do leite. Sem mãe para gritar, sem pai para bater. Sem ter que trabalhar como escrava para os irmãos. [...] E quando a gente veste o vestido de noiva, e entra na igreja, pensa que está entrando no céu. Mas o céu termina justo ali, isso eu garanto. É, ainda tem a festa. E então começa tudo, pior do que antes. Trabalhar, trabalhar. Trabalhar em casa, antes do nascer o sol, e depois trabalhar na roça (Pozenato, 1986, p. 30-31).

Na verdade, tia Gema reproduziu a situação das mulheres no período pós-imigração. Esse contexto de trabalho insano era agravado com o nascimento de sucessivos filhos. Quando os filhos cresciam, iam fazer sua vida, e as mães estavam envelhecidas, sem mais perspectivas, contemplando o final da existência sem encontrado satisfação alguma. Diante do espanto de Teresa, tia Gema propôs como alternativa a necessidade de a mulher se impor, delimitar seu espaço:

> Primeiro: nunca deixa um homem falar sem dar resposta, na hora. Se ele gritar, grita mais alto. Os homens têm medo de perder a mulher. Bota isso na cabeça. Onde mais eles iram arrumar alguém que trabalhe de graça para eles? Segundo, não faz tudo o que ele pede. Nem na cama. Inventa uma dor qualquer. Nada de erguer a camisa sempre que ele quer (Pozenato, 1986, p. 32).

Na verdade, ainda que tia Gema marcasse seu espaço, enfatizando que era ela quem mandava na casa, no momento em que o marido reclamava que estava na hora do lanche da tarde, imediatamente, pôs a água ferver para fazer o café e dispôs a louça na mesa para servir a refeição. Ou seja, embora proclamasse, em altos brados, um discurso subversivo, continuava a reproduzir as ações das mulheres da região, obedecendo ao marido.

Na primeira parte do romance, a voz narrativa assume o ponto de vista de Teresa, a qual, embora decepcionada com seu casamento, ainda acreditava no amor. Sua atenção ao sogro transformou a existência dele, fazendo-o participar novamente da família, e da cunhada que se tornou sua amiga, ocasionando uma mudança significativa no grupo familiar.

A atração de Teresa por Mássimo, rapaz educado e muito diferente de seu marido, é amplamente justificada pelo tratamento que Ângelo lhe dispensava, o qual se sentia desconfortável com qualquer gesto de intimidade ou de espontaneidade por parte dela.

Roco, o dono da pensão, criticava a dependência das mulheres, referindo-se às palavras de Teresa que iria solicitar permissão ao marido para visitar a cidade: "Quando a moça é solteira, mamãe não deixa. Quando é casada, o marido não deixa – brincou" (Pozenato, 1986, p. 86). Observa-se, na narrativa, que há, nas personagens masculinas, maior consciência sobre a situação das mulheres do que nelas próprias, especialmente, no que se refere a aspectos morais, como é o caso do que é ou não pecado, como se verifica no questionamento de Teresa à tia Gema quando essa lhe disse que não devia ser submissa e entregar-se ao marido quando ele assim desejasse; ou mesmo na questão da dependência, como enfatizou Roco.

A voz narrativa, a partir da Terceira contagem (a terceira parte da obra), salienta que Pierina, em momentos-chave da história, teve oportunidade de demonstrar sua fibra. Quando Ângelo sugeriu, após a fuga de Mássimo e Teresa, que ela retornasse para a casa de sua mãe, que eles vendessem as propriedades e repartissem o dinheiro, Pierina é taxativa: "Nem por sonho. [...]. Não é certo botar tudo fora. Sabendo que a gente quer sair, ninguém vai pagar o que vale. A minha parte, pelo menos, eu não vendo" (Pozenato, 1986, p. 166). Pierina esqueceu seu discurso de que são os homens que decidem e que as mulheres não devem se meter nos negócios, para tomar a decisão mais adequada. Na verdade, em pouco tempo, todos esqueceriam o ocorrido e a vida prosseguiria seu curso.

Ao descobrir as intrigas que Padre Gentile tramava contra a família, ameaçando as pessoas da comunidade com excomunhão, caso fossem seus amigos ou fizessem negócios com eles, Pierina colocou os filhos sobre uma mula e entrou na igreja, no horário da missa, despejando toda a sua revolta em altos brados:

> O padre Gentile está entendendo, sim. Não sou uma cadela, como ele pensa. Sou mãe de três filhos, e tenho mais um aqui dentro. Padre Gentile – disse num urro – o senhor vai para o inferno. O senhor é que é o demônio. Só porque sou mulher eu não sou demônio, como o senhor disse. Estou sem marido em casa. Marido, sim senhor, porque não sou uma *putana*. E por quê? Porque o senhor fez tudo para ele ter que trabalhar fora. [...] O senhor tem raiva de mulher, é isso. Tem raiva porque não pode. E ninguém me garante que o senhor é santo. Quem é que me garante que o senhor não tem uma *putana*? (Pozenato, 1986, p. 192).

Essa atitude firme de Pierina, ao enfrentar o padre, modificou a situação deles. Os vizinhos se reaproximaram, e Ângelo percebeu que não se podia confiar nos padres.

Na verdade, a valorização de personagens femininas, com ênfase em suas dificuldades, em seu modo de pensar e da maneira como resolvem os problemas, privilegia um pensamento de cunho feminista. Isso também ocorre com algumas personagens masculinas, tais como o Padre Giobbe e Roco, que reconheceram as dificuldades a que estavam submetidas as mulheres e as consequências disso.

Considerações finais

Assim, constatamos que as questões feministas acompanham as personagens citadas do romance de Pozenato. As informações de D'Incao (2022) a respeito do comportamento feminino na sociedade estão presentes no texto de Pozenato. Antes do casamento, as moças obedeciam ao pai e aos irmãos; após, ao marido. Todavia, além das personagens irem ao encontro da sociedade do início do século XX, também inovaram por defenderem suas posições feministas. Encontramos mulheres insatisfeitas com o casamento e acima de tudo, cientes da sua condição na sociedade.

O mais importante é verificar que o texto ficcional de Pozenato também traz à tona a figura do Padre Giobbe, que refletia a respeito do casamento para as mulheres e trazia uma postura bastante inovadora para um clérigo no início do século XX. Além disso, a narrativa continua inovando por descrever mulheres com ideias à frente do seu tempo, como Teresa, que não estava satisfeita com a condição feminina imposta pela sociedade: não é necessário amor no casamento, apenas obediência ao marido. Por isso, ela fogiu com Mássimo, que acolheu o jeito espontâneo de ser de Teresa.

Já Pierina que, aparentemente, era o retrato da mulher passiva e dona do lar, ao ser abandonada por Mássimo e ficar com Gardone, mostrou-se corajosa e capaz de enfrentar a sociedade da época e questionar, inclusive, os preceitos religiosos, como na cena em que vai à igreja desafiar o Padre Gentile.

Dessa forma, é possível afirmar que o romance *O Quatrilho* apresenta uma sociedade patriarcal, típica do início do século XX no Brasil, em uma região de colonização italiana. Porém, é uma narrativa singular, porque, além de descrever essa sociedade tradicional, mostra os ideais feministas de algumas personagens, salientando a maestria de seu criador.

Referências

D'INCAO, Maria Ângela. Mulher e família burguesa. *In*: DEL PRIORE, Mary (org.). **História das mulheres no Brasil**. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2022. p. 223-240.

DUARTE, Constância Lima. Feminismo: uma história a ser contada. *In*: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. **Pensamento feminista brasileiro:** formação e contexto. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. p. 25-47.

DUARTE, Constância Lima. **Imprensa feminina e feminista no Brasil:** século XIX: dicionário ilustrado. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

HAHNER, June Edith. **Emancipação do sexo feminino:** a luta pelos direitos da mulher no Brasil, 1850-1940. Tradução de Eliane Tejera Lisboa. Florianópolis: Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003.

POZENATO, José Clemente. **O Quatrilho**. 3. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986.

POZENATO, José Clemente. **O Quatrilho**. 11. ed. Caxias do Sul: Ed. do Autor, 2023.

SHOWALTER, Elaine. Crítica feminista no território selvagem. Tradução de Deise Amaral. *In:* HOLLANDA, Eloísa Buarque de. **Tendências e impasses:** o feminismo como crítica da cultura. Rio de Janeiro: Rocco, 1984. p. 23-57.

TELLES, Norma. Escritoras, escritas, escrituras. *In*: DEL PRIORE, Mary (org.). **História das mulheres no Brasil**. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2004. p. 401-442.

Notas sobre *A Cocanha*: "Começa a ser testemunha de uma civilização nascente"[27]

Flávia Brocchetto Ramos[28]
Luciane Todeschini Ferreira[29]

> *Chegava a hora esperada. Tiros de morteiros e de foguetes quase a deixavam surda. E então, no céu escuro, explodiu uma bola colorida e uma chuva de luzes iluminou a torre da igreja. Depois outra, e mais outra. Teresa ouviu a mãe dizendo que os fogos no céu pareciam lágrimas caindo. Não era o que Teresa pensava. Para Teresa eram ramalhetes de flores, feitas de luz* (Pozenato, 2000, p. 371).

A vida humana é a matéria-prima da literatura; uma vida que é (re)inventada pela linguagem simbólica. Essa vida vivida se torna elemento literário quando é tratada de modo artístico pela linguagem. A maneira como a linguagem se organiza para contar singularidades da experiência possibilita que uma história de partida da Itália e instalação de imigrantes italianos, na serra do Rio Grande do Sul, no final do século XIX, deixe de ser uma narrativa histórica e se transforme em ficcional e, mais, literária.

A forma de apresentar, pela linguagem verbal, as inquietações de homens e de mulheres faz com que o material escrito ganhe o *status* de literatura autoral. E a obra de José Clemente Pozenato, em especial, a trilogia formada por *A Cocanha*, *O Quatrilho* e *A Babilônia*,

[27] Expressão usada pelo personagem José Bernardino (Pozenato, 2000, p. 177).

[28] Pesquisadora CNPq. Atua na Universidade de Caxias do Sul (UCS), nos programas de Pós-Graduação em Educação e em Letras e Cultura e nos cursos de graduação em Biblioteconomia, Pedagogia e Letras. Coordenadora do Curso de Especialização em Literatura Infantil e Juvenil (EAD). Líder do grupo de pesquisa Observatório de leitura e de literatura (OLLI). E-mail: ramos.fb@gmail.com

[29] Doutora em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professora titular da Universidade de Caxias do Sul (UCS). Na pós-graduação, é docente do corpo permanente do Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade (Mestrado e Doutorado) da UCS.

tem papel seminal na produção literária brasileira ao tomar para si o papel de contar a saga da imigração italiana no Brasil, mais especificamente, no Rio Grande do Sul. O conjunto de obras é fundante e crucial para discutir ficcionalmente o destino dos imigrantes italianos no país.

Pozenato ou Poze, como era carinhosamente tratado por muitos, ou o professor, assim chamado pelos seus alunos, foi Pró-Reitor de Planejamento e Desenvolvimento Institucional, Pró-Reitor de Pós-Graduação e Pesquisa e Coordenador do Programa de Mestrado em Letras e Cultura Regional da Universidade de Caxias do Sul (UCS). Também coordenou o Programa de Doutorado em Letras – Associação ampla UCS/UniRitter. Como Secretário de Cultura do município de Caxias do Sul, criou o Programa Permanente de Estímulo à Leitura (PPEL). E foi nosso professor de Literatura, no curso de graduação em Letras, na década de 1980. À época, o professor Pozenato (conta nossa memória) participava de projetos de pesquisa e de extensão. Nós íamos, por vezes juntas, a comunidades do interior para ouvirmos as histórias dos moradores, reunidos em ambientes como os salões paroquiais. Estávamos vivendo um caminho de pesquisa similar àqueles feitos num grupo focal, sem sabermos que estávamos construindo material de estudos.

Já estaria ele coletando insumos para compor sua trilogia? Não sabemos! Sabemos que o professor e escritor Pozenato foi um cidadão que andou por diversos cenários da região de colonização italiana e soube escutar. Aliás, ele tinha a postura de ter uma escuta atenta! Lia o outro e o cenário em que seu interlocutor estava. Escutava com o corpo todo. Escutava com os olhos. Escutava calado. Pouco falava e, quando o fazia, era sintético e assertivo. Mais ouvia do que se pronunciava, característica que também marcava a sua postura em sala de aula.

Sabemos também que ele (mas não somos só nós que o sabemos), por meio de seus escritos, colocou a colonização italiana não só na literatura, mas no mundo, ao ampliar o alcance de uma de suas obras por meio do audiovisual. Ganhou destaque com a publicação do romance *O Quatrilho*, em 1985, que foi adaptado para o cinema, em produção dirigida por Fábio Barreto (1995), indicada ao Oscar, em 1996, na categoria de melhor filme estrangeiro.

De suas múltiplas atividades, apresentamos o escritor gaúcho, pois o professor Pozenato também foi e continua sendo um escritor gaúcho. Nasceu em São Francisco de Paula, Rio Grande do Sul, em 1938, e adotou ou foi adotado por Caxias do Sul, onde viveu toda a sua vida. Pertenceu ao grupo Matricula[30] e, em 1967, integrou a coletânea de poesia intitulada *Matrícula*. Fez graduação em Filosofia e doutorado em Letras na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), com a tese-romance *A Babilônia*, última obra da trilogia da imigração italiana.

Interessa-nos, neste momento, o escritor, ou melhor, uma obra deste escritor. Sim, fizemos escolhas. Escolhemos tratar, neste capítulo, apenas de um dos romances. Ocupamo-nos de *A Cocanha*, livro que conta o início da saga dos imigrantes italianos que ocuparam terras íngremes no Rio Grande do Sul. Construída em quatro partes, a obra pode ser tratada como um romance autônomo em relação as outras duas obras. Nossa intenção é discutir aspectos da composição do romance no que tange às marcas culturais e à linguagem literária que o constituem. Primeiro, apresentamos a estrutura do livro.

Uma história em quatro partes, os quatro pilares

Antes de entrar na obra, cabe explicar que entendemos que a linguagem literária pode nos constituir. Ela contribui para a humanização, à medida que pode nos tornar mais compreensivos conosco e com o outro e, assim, abertos para a sociedade (Ramos, 2015, p. 23). As relações que ensejamos com a literatura promovem descobertas sobre o mundo, pois o:

> tema da Literatura é o ser humano e sua vida, suas relações com o Outro, seus conflitos, suas incertezas, seus medos. Em todos os momentos da vida, convivemos com dúvidas e, na infância, pelo intenso processo de adaptação que a criança sofre para se ajustar ao meio social onde vive, a interação com conflitos de personagens ficcionais é ainda mais significativa (Ramos, 2010, p. 21).

Se a matéria da literatura é a natureza humana – as nossas inquietudes, as nossas contradições –, convidamos você a conhecer a

[30] Matrícula foi um grupo formado pelos poetas Oscar Bertholdo, José Clemente Pozenato, Jayme Paviani, Ari Nicodemos Trentin e Delmino Gritti, que, nas décadas de 1960 e 1970, tiveram um papel importante no cenário literário de Caxias do Sul e região.

estrutura de uma obra artística que busca organizar o trajeto de um grupo de imigrantes.

"Na frente, um homem traz nos ombros uma menina com guirlandas nos cabelos" (Pozenato, 2000, p. 11), é a frase que abre o romance e inicia a primeira parte do livro, formada por 15 capítulos. Esse bloco apresenta os personagens centrais do enredo e descortina o espaço e o tempo dos imigrantes na Itália no período que antecede o embarque no navio, a viagem, a chegada no Rio de Janeiro, o percurso até o Rio Grande do Sul, com o desembarque em Porto Alegre.

"A estrada parece seguir por uma longa planura" (Pozenato, 2000, p. 97). A segunda parte do livro, formada por 24 capítulos, revela que a estabilidade sinalizada pela "longa planura" sofre muitas intercorrências no processo de assentamento na nova terra. O narrador joga com as expectativas dos personagens que andam e andam à procura da terra da Cocanha e não imaginam ainda as dificuldades vividas no caminho, na chegada, na instalação e na permanência. A planura do começo desaparece e cede lugar às montanhas azuladas, às picadas que ainda seriam desbravadas. Essa parte ocupa-se, pois, da saída de Porto Alegre e a peregrinação até alcançar as montanhas azuladas. Nela, encontramos aquilo que o narrador nos traz, mas também anotações genuínas de "para um romance realista", recurso empregado para colocar no texto outros registros, mais realistas acerca da vida dos imigrantes. Os primeiros tempos são mostrados até quando os moradores de Santa Corona preparam uma festa na véspera da Páscoa. Hora de comemorar: "[...] um ano desde que foram morar nas suas propriedades" (Pozenato, 2000, p. 252).

"Quando nasceu Giovanna, Antônio Bresana ficara desgostoso" (Pozenato, 2000, p. 261). Antônio é um dos imigrantes que se instala na colônia e queria ter filhos homens para ajudar no trabalho braçal de desbravar a terra para plantar. Nessa terceira parte, o narrador traz, em 17 capítulos, os dilemas vividos entre o esperado e o ocorrido. Cada imigrante veio com o seu sonho, e a vida, ao se desdobrar, por vezes, ignorou seus anseios. Ela, a vida, é caprichosa, assim como a terra, como o governo. Anotações de José Bernardino, que eram para um romance realista, já presentes na parte dois do romance, mantêm-se. Um outro modo de olhar a vida dos imigrantes comparece no romance: "O município é governado por um grupo

de cidadãos a quem é vedado decidir qualquer coisa" (Pozenato, 2000, p. 275). Como fica o abandono dos imigrantes, no Brasil, com a Proclamação da República? Que respingos das trocas de governo chegam à colônia? Os maragatos alcançam também à vila, a vida miúda das famílias de imigrantes que estão tateando na nova terra.

"Roco fechou o colarinho da camisa com muito esforço e deu nó na gravata" (Pozenato, p. 351), é a frase de abertura da quarta e última parte do romance. A ação de Roco – o fechar o colarinho e a dificuldade de fechá-lo, assim como a presença da gravata – indica um período da história dos imigrantes. O narrador – onisciente, que tudo sabe, mas, nesse romance, pouco diz – sinaliza ao leitor que muito se passou. Agora Roco tem camisa com colarinho, vai usar gravata e dar o nó. O colarinho está apertado! Essa camisa estava há tempos guardada? Roco teria engordado. Engordar, na cultura dessa comunidade, é sinal de fartura, de bonança, de que os tempos de miséria, pelo menos para alguns, tinham ficado para trás. Esse bloco é formado por quatro capítulos e revela uma outra etapa da instalação dos imigrantes. Tereza, uma das *rondinèle* que veio da Itália com muitos sonhos, abandona a vida. A mulher morre velha com 30 e poucos anos. Seu filho Ângelo, concebido logo que chegou ao Brasil, agora com 14 anos, precisa assumir a família – o pai Aurélio tinha se entregado à bebida. Tereza, a filha de Giulieta, concebida fora do casamento, estava com 11 anos. A presença dos filhos dos imigrantes, nascido no Brasil, informa sobre a passagem do tempo e aponta como as famílias estão habitando a terra da Cocanha – ou sobrevivendo nela.

O primeiro livro da trilogia de Pozenato é uma obra cuja narrativa pode ser entendida como fechada, no sentido de apresentar uma composição acabada. Em termos de necessidade, a biografia de todos os personagens se encerra com episódios que se anunciam e se concluem. A progressão temporal é nítida, embora não explícita, na marcação de anos. Pelo enredo posto, deduz-se que a história contada abrange em torno de 15 anos – desde os preparativos para a partida da Itália e pela idade dos filhos dos imigrantes, Ângelo, 14 anos, e Teresa, 11 anos – deduz-se que o relato se encerra pelo ano de 1900, com uma festa em Nova Milano.

Assim, anunciamos a proposta narrativa da primeira obra que compõe essa trilogia da imigração italiana. Passamos a olhar algumas marcas de literariedade da obra que, ao contar o vivido por muitos, inventa uma realidade na qual a linguagem nos presenteia com novidades no dizer.

Sutilezas do/no contar histórias da imigração italiana

Na epígrafe que trazemos neste texto, há três modos de expressar como é percebida uma cena, ou melhor, como se concebe artisticamente uma mesma cena. No encerramento de *A Cocanha*, deparamo-nos com uma festa e, durante a festa, há tiros de morteiros e de foguetes sendo lançados, conforme está posto no texto. O narrador em terceira pessoa, como se tivesse uma câmera nas mãos, descreve, em seguida, que "explodiu uma bola colorida e uma chuva de luzes iluminou a torre da igreja" (Pozenato, 2000, p. 371). A mãe de Teresa, Giulieta, descreve a mesma cena: "[...] os fogos no céu pareciam lágrimas caindo" (Pozenato, 2000, p. 371), já a menina Teresa concebe o visto como "[...] ramalhetes de flores, feitas de luz" (Pozenato, 2000, p. 371). O ocorrido é um só; os modos de perceber e de enunciar se alteram de acordo como cada um percebe o visto, relevando a coerência entre cada personagem e a sua conduta na ação. A literatura, como nos alerta Barthes (2008, p. 19), "encena a linguagem, em vez de, simplesmente, utilizá-la; a literatura engrena o saber no rolamento da reflexividade infinita: através da escritura, o saber reflete incessantemente sobre o saber, segundo um discurso que não é mais epistemológico, mas dramático". As sutilezas de mostrar literariamente uma mesma cena é exemplarmente posta na epígrafe que norteia esse capítulo. Num único parágrafo, o narrador inventa – aliás Ferreira Gullar (2015) nos diz que literatura não representa algo, literatura inventa algo – quatro modos de falar do mesmo fato. Primeiro, ele traz o fato pelo ângulo realista. Depois o mostra de modo simbólico ainda tomando para si a revelação da cena: "[...] uma chuva de luzes iluminou a torre da igreja" (Pozenato, 2000, p. 371). O sofrimento já experienciado por Giulieta é o seu repertório que lhe orienta a ver, na mesma cena, lágrimas. A filha,

com toda a vida para ser vivida, é nutrida por sonhos; ela vê flores feitas de luz, e mais, vê que as flores se organizam em ramalhetes.

Pozenato escolheu inventar uma narrativa possível desses imigrantes, na qual comparecem lágrimas e flores ou flores e lágrimas. Escreveu, artisticamente, sobre a vida de homens e de mulheres que formaram comunidades da região da Serra Gaúcha. A respeito da *verdade*, Flávio Loureiro Chaves (2004, p. 9) alerta que "[...] o problema da verdade se faz preceder, na Literatura, pela questão da necessidade". No caso da literatura, temos uma força de ação que se faz pela imaginação. A verdade aqui, no romance em tela, faz-se pela verossimilhança como "possibilidade de convicção" (Chaves, 2004, p. 9), entendida por Chaves como uma das três questões acerca da Literatura. Ficamos, nessa acepção, a conhecer sutilezas do viver de um grupo de imigrantes que partem da Itália e se instalam na Serra Gaúcha.

A outra questão que associamos à obra em estudo é o *compromisso*. Os grandes autores – e aqui incluímos Pozenato – parecem aproximarem-se mais da temporalidade do que da circunstancialidade. A obra *A Cocanha* tem mais vínculo com a história de vida de muitos imigrantes. O resgate do tempo e sua representação, explica Chaves, que estudou Pozenato, dependem "[...] da força simbólica do texto, da eficácia de seu sistema de significados e, assim, da força de convicção presente em diferentes momentos históricos" (Chaves, 2004, p. 10). Trata-se do alinhamento que o escrito tem com seu "momento histórico circunstanciado e particular" (Chaves, 2004, p. 11).

Chaves, neste estudo, ainda nos aponta a terceira questão, ao afirmar que *literatura não é história*, mas, ao surgir em dada circunstância, implica referência à História (Chaves, 2004). E a circularidade da produção literária se faz dessa forma. A obra de Pozenato, ao narrar, por exemplo, a vida dos protagonistas do romance na Itália, relata com base em documentos, em pesquisas, mas inventa e simboliza pela linguagem o vivido. Não é uma escrita fidedigna. Chaves alerta que, se é da Literatura que tratamos, não vamos buscar na ficção a História, mas a historicidade: "O texto literário não interessa à História enquanto transcrição, mas enquanto instauração do seu significado" (Chaves, 2004, p. 13). No romance, as três questões postas por Chaves – a verdade, o compromisso e a proposição de

uma visão de mundo – se manifestam e se inter-relacionam. Passamos a trazer alguns pontos do enredo para seguirmos a reflexão.

Instalados na Serra Gaúcha, os conflitos se passam em comunidades que foram sendo nominadas. Domênico informa que está se deslocando para a Colônia Caxias, anteriormente denominada Campo dos Bugres, como relata o conde – o vendedor das colônias:

> – Fui eu que construí o Barracão em que vocês estão. Havia só uma clareira, usada pelos índios. Daí é que vem o nome de Campo dos Bugres. Fiz também as casas dos funcionários do governo. Fui eu também que trouxe a sede da Colônia, que era em Nova Milano aqui para Caxias. Escrevi uma carta ao imperador, no Rio de Janeiro, e ele me atendeu (Pozenato, 2000, p. 122).

Os lugares iam se constituindo pelos que ali viviam e também pelos visitantes. Júlio de Castilhos, em visita à comunidade, recebeu um ramalhete de flores de uma jovem e em seguida se pronunciou ao público: "– Povo de Santa Teresa de Caxias! Cidadãos e cidadãs! Uma terra que recebe seu governante com flores, entregues pelas finas mãos de uma donzela, é uma terra feliz" (Pozenato, 2000, p. 358). O governante seguiu seu discurso, e, por fim, conta-nos o narrador: "Escandiu as palavras olhando para a vila inteira ali presente, num arroubo de profeta: – Proclamo solenemente esta Vila como Pérola das Colônias" (Pozenato, 2000, p. 360). E ficou sendo! O lugar recebeu um título pelo mesmo governante, que descreveu como finas as mãos da jovem imigrante, que certamente conheciam o cabo da enxada – mãos calejadas e ásperas.

Pela linguagem, as identidades e os lugares vão se constituindo, assim como a literatura. Se é pela linguagem que esta se faz, celebramos agora aspectos da linguagem mesclada à cultura local que transparecem na narrativa. É no cotidiano vivido que o narrador busca elementos para contar. Vale-se da natureza para construir comparações e metáforas que relatam uma história possível.

Um grupo de jovens sai da Itália. São amigas que estão sempre juntas. "Eram as cinco andorinhas, *le rondinèle*, como se chamavam" (Pozenato, 2000, p. 23). Eram Rosa, Marieta (esposa do Cósimo), as irmãs Gema e Giulieta, e "a sonsa da Betina", que não embarca. Que recursos de linguagem seriam necessários para descrever como seriam essas jovens? No texto literário, privilegiamos a incerteza. Ao dizer que elas são andorinhas, cabe ao leitor buscar seu enten-

dimento do que sejam esses pássaros e de como vivem, além de pensar como seriam essas jovens, agora tratadas como andorinhas. Pela comparação, o narrador anuncia um traço delas. Deseja-se que o leitor levante os olhos do texto, como nos ensina Barthes, e viva a cena. Sempre que encontrar essas mulheres, independentemente se estiverem em terras do velho ou do novo mundo ou no mar, vai pensar nelas como andorinhas. E cada andorinha vai trilhando seu caminho. Ou seria melhor que dizer que cada andorinha vai voando seu caminho? O voo de Betina precisamos inventar, pois o narrador acompanha apenas quem vem para a América. As pisadas do percurso de Rosa, aquela que seria uma flor, a rainha das flores, entristece o leitor. Afinal a leitura é uma experiência estética e artística (Neitzel; Ramos, 2022). O caminho das irmãs Gema e Giulieta andam juntos, mas são diversos – cada uma tem papel singular no modo de viver nas novas terras.

No enredo, a energia pulsa ao lado do desânimo. Se, por um lado, há um desejo de vencer; por outro, as dificuldades são imensas e, por vezes, as pessoas – homens e mulheres – sucumbem. Após a travessia do Atlântico, ao aportar no Brasil, o sentimento do grupo é expresso com dureza pelo narrador:

> Como podiam ter feito aquilo com eles? Sem nenhum recurso a bordo, só restava a paciência e esperar chegar com vida. Viva o Brasil, dizia alguém de vez em quando, com raiva, é este o país da Cocanha? Eram tratados como o esterco que se tira da estrebaria. Ou nem isso, porque com o esterco havia sempre o cuidado de não perder nada, ele era necessário para adubar a plantação. Eles eram só merda, como dizia o Cósimo, não valiam nada para ninguém (Pozenato, 2000, p. 82).

Observador sagaz, o narrador tem cada personagem nas suas mãos e mobiliza o leitor. Ousamos adjetivar esse narrador que tudo conhece da vida dos seus personagens, mas vai revelando, estrategicamente, aos poucos, enredando, mobilizando o leitor. A postura dele nos lembra a do personagem José Bernardino, poeta e escriturário da Fazenda, que, mesmo nascido na capital da Província, tendo um bom emprego e nome conhecido nos meios literários, decide "embrenhar-se na selva selvagem e áspera, como funcionário da Comissão de Terras" (Pozenato, 2000, p. 173). O espaço, a mesa de trabalho de José Bernardino, era "um bom ponto de observação", "pelas janelas podia ver o que se passava lá fora, nas ruas de terra

abertas em meio ao casario pobre, de madeira, cercado de mata espessa por todos os lados" (Pozenato, 2000, p. 176-177). Esse personagem, um estranho entre os imigrantes, repetimos, "começava a ser testemunha de uma civilização nascente" (Pozenato, 2000, p. 177). O narrador onisciente em terceira pessoa parece ocupar lugar similar ao de José Bernardino. Apenas nosso narrador se desloca, sai da mesa e parece estar sempre filmando a vida dos imigrantes. Acompanha o grupo da Itália até passados 15 anos de vida no Brasil. Ele ronda os personagens e até entra em suas cabeças para trazer pensamentos escondidos.

Aurélio e Rosa, revelados pelo narrador, são um dos casais centrais da trama e vamos conhecendo a força e a fragilidade, o encanto e a tristeza de ambos. Ainda na Itália, Aurélio, sentado entre outros homens, mostra-se "quieto como um cepo" (Pozenato, 2000, p. 24). O silêncio de cada um deles vai apagando a chama de esperança de uma melhor vida no Brasil. A falta do que dizer quando desembarcam do navio comparece no enredo: "Agora estava em lugar seguro. Abraçou-se à mulher com força, precisava sentir que os dois estavam vivos" (Pozenato, 2000, p. 82). Aurélio não abraça a mulher, ele abraçou-se a ela, no desejo de se fundirem, de estarem juntos, de seguirem vivos e unidos. É diferente dizer abraçou a mulher ou abraçou-se à mulher? Pensamos que sim. "Ele e Rosa sentaram no chão e comeram as bananas e um pedaço de tijolo de açúcar. Não havia coisa melhor no mundo, disse ela. Aurélio tomou um gole de cachaça e sentiu o corpo todo afrouxar. O travesseiro e a cachaça parecem ser os companheiros. Encostaram-se os dois junto à parede, ela como seu travesseiro inseparável" (Pozenato, 2000, p. 83). A alegria vinha de ações pescadas no meio do alvoroço. E a bebida alcoólica comparece já na chegada desse imigrante no Brasil.

O silêncio é presença constante na visão de mundo construída no romance. No salão de bilhar de Nicolau Amoretti: "O silêncio se faz tão grande que dá para ouvir os passos pesados no assoalho de tábuas" (Pozenato, 2000, p. 182). Antes disso, quando Rosa passa a viver na sua casa, o silêncio é seu companheiro: "E então, dentro do silêncio, sentiu pela primeira vez o filho mover-se dentro dela" (Pozenato, 2000, p. 157). Ele tem seu peso e vai tomando conta da relação do casal antes nutrida pela esperança. Rosa, ao perceber que

o marido está se entregando à bebida, guarda para si o problema. Aurélio luta entre a coragem e a vergonha! Rosa entra em trabalho de parto, e – como afastar o demônio? – a vontade de beber o invade: "Foi até à casa de dormir e apanhou pregos, martelo, serra e formão. Havia ainda algumas tábuas debaixo da casa. Ia fazer um berço" (Pozenato, 2000, p. 210). O pai, antes removido da cena do parto, permanece em silêncio, mas reaparece com o seu troféu – o berço feito por si. Ninguém atribui sentido à sua ação, e Aurélio segue fora da cena, no abandono. Fica o silêncio, quebrado após o choro. Vem o primeiro filho: "te encurtaram as calças" anuncia Gema, a seu modo, informando que nasceu um menino, dado cultural para expressar a condição de ser pai. Quando jovem, Ângelo, o filho de Rosa e Aurélio, ao retornar para casa com um saco de farinha que trouxe do moinho vê "O pai chorando em silêncio na cozinha é o que Ângelo vê ao chegar" (Pozenato, 2000, p. 361). É assim que recebe a notícia do silêncio eterno de sua mãe Tereza.

Se o silêncio se dá por falta de palavras para nomear, inventamos modos inaugurais de dizer. Brotam da narrativa comparações associadas ao contexto dos imigrantes. Vamos nos ocupar apenas de algumas. Durante a travessia do oceano, numa noite, Giulieta chega a proa do navio e sente o ar fresco, pois "[...] não tolerava mais a imundice em que se transformara o dormitório das mulheres" (Pozenato, 2000, p. 67). Ao contemplar o mar à noite, lemos: "As cristas de espuma pareciam flores brancas, na luz fraca da lua crescente. Chegava a ter saudade do tempo do convento, até do silêncio que lá a incomodava" (Pozenato, 2000, p. 67). As espumas assumem o formato de cristas e se assemelham a flores brancas, num total exemplo de ação verossímil entre a personagem e o que visualiza. Nessa noite, Giulieta e Domênico se encontram no navio e leem o céu: "Domênico apontou para um lugar entre as estrelas que coalhavam o céu inteiro" (Pozenato, 2000, p. 68). A coalhada – massa banca derivada do leite coalhado, ao ser esmagada para formar o queijo, se transforma em pequenos pedacinhos –, na falta de uma palavra precisa, é empregada para descrever o céu muito estrelado. Então eram tantas as estrelas vistas no céu na travessia do oceano que a coalhada esfarelada no preparo do queijo passa a ser usada para expressar a singularidade percebida no céu.

Que palavras usar para expor o desconforto experimentado pelos imigrantes no navio em virtude da falta de espaço? O narrador vale-se de comparações. "O alojamento, como no navio, era em dormitórios separados para homens e mulheres" (Pozenato, 2000, p. 73). No alojamento, contudo, havia algumas vantagens em relação ao navio: "Havia bastante espaço, também, e bem arejado. Não ia se sentir espremido igual a sardinha em barrica. Ou como o recheio dentro da galinha, como dizia Cósimo no navio" (Pozenato, 2000, p. 73).

Muitas são as comparações presentes no enredo. Salta, porém, da narrativa, aquela que mostra como os imigrantes são tratados ao chegar no Brasil: "Como podiam ter feito aquilo com eles? Sem nenhum recurso a bordo, só restava ter paciência e esperar chegar com vida. Viva o Brasil, dizia alguém de vez em quando, com raiva, é este o país da Cocanha? Eram tratados como esterco que se tira da estrebaria" (Pozenato, 2000, p. 82). Mas, nesse caso, o narrador não silencia e explica a situação: "Ou nem isso porque como esterco havia sempre o cuidado de não perder nada, ele era necessário para adubar a plantação. Eles eram só merda, como dizia o Cósimo, não valiam nada para ninguém. Os que tinham a ganhar com eles já haviam se servido. Agora, só Deus podia ajudar" (Pozenato, 2000, p. 82). O narrador vai escolhendo modos de dizer, próprios da cultura dos imigrantes e vai colocando as expressões na boca de cada personagem, de acordo com o seu perfil: termos chulos são proferidos por Cósimo.

A alegria de Domênico, o agenciador, estar chegando vivo no Rio de Janeiro com o grupo é expressa simbolicamente: "Domênico sentiu o coração crescer como pão na água" (Pozenato, 2000, p. 71). Mais adiante, Domênico pensa em se estabelecer em Porto Alegre e não ir para as colônias, onde tudo estava por fazer. Contudo, seu desejo de ficar num ambiente mais civilizado vai cedendo: "[...] a idéia [sic] de se estabelecer em Porto Alegre ia aos poucos se desmanchado como fumaça ao vento na cabeça de Domênico" (Pozenato, 2000, p. 88). Com a morte de Orestes, a viúva Gioconda e os filhos precisam redesenhar seu destino: voltar à Itália? Não, Gioconda quer ficar perto dos amigos de Roncà que a acompanharam na travessia, decisão tomada no velório: "As mulheres rezavam sem descanso,

uma ave Maria atrás da outra, numa toada incessante. A viúva Gioconda movia os lábios em silêncio, os olhos secos como brasas acesas" (Pozenato, 2000, p. 111). A falta de alternativa a ser traçada pela mulher é posta pela expressão "brasas acesas", que sintetiza o estado da viúva; não havia mais o que chorar!

A chegada e a permanência dos imigrantes são desafiadoras. Ingressar em outro país, outro continente, implica entrar em contato com outras culturas, outras línguas, outros alimentos. Ao chegar no Rio de Janeiro, o grupo depara-se, no café da manhã, com uma fruta desconhecida, a manga.

> [...] Uma cesta estava cheia de frutas estranhas. Tinham a casca verde com uns tons de ouro e cor de rosa. O cheiro que vinha delas era ao mesmo tempo acre e adocicado. Decidiu comer também uma delas. Se estava no novo mundo, devia começar logo a se acostumar com suas novidades. Tomou uma fruta nas mãos, indeciso sobre como fazer. O negro que servia as mesas abriu um imenso sorriso e disse:
> – Manga.
> – Manga? – repetiu Domênico, tentando encontrar a pronúncia certa.
> [...] Mas resolveu chupar a manga. O gosto correspondia ao cheiro. Um pouco selvagem e doce, com um certo ranço lembrando o cheiro de louça suja. [...] E era mesmo uma fruta deliciosa, depois de a boca ficar acostumada (Pozenato, 2000, p. 74-75).

E, assim, o encontro com o novo ia sendo tecido.

Oponentes, vistos como dificuldades, foram se colocando nesse processo de aculturação. O isolamento das casas construídas nos lotes. A falta de médico e de remédios para cuidar dos doentes. A ausência de cemitério para colocar os mortos descansar. Afinal, "Tem que ir se acostumando [...] A América não é a Itália" (Pozenato, 2000, p. 75). Contudo, parece que o grande inimigo de quem aqui chegou para povoar o país foi aquele que teria lhe convidado: o Governo! A perversidade dos impostos e o modo como são instituídos perseguem os imigrantes. O narrador aqui concede a palavra a José Bernardino e transcreve das suas anotações:

> A perversidade maior fica para os pobres imigrantes, que foram nomeados para a junta governativa: vai caber a eles a tarefa vexatória de criar os impostos e cobrá-los. Ouvi dizer que eles relutam em cair na armadilha, pois sentem que terão contra si a má vontade dos munícipes (Pozenato, 2000, p. 275-276).

O viver na nova terra é exigente, os desafios não cessam de aparecer e os modos de reagir são diversos. Há quem siga lutando

como Gema, há quem se deixe abater como Rosa, há quem cria um mundo paralelo para sobreviver como Giulieta. Os personagens são animais que lutam; e alguns, como Giulieta, são animais mais poético do que outros. Poéticos pela vida construída. Poéticos pelas histórias tecidas. Poéticos pelas leituras realizadas, seja de matéria impressa, seja de matéria percebida no seu entorno, seja da matéria vivida. Mas, na maior parte dos casos, vencendo dificuldades encontradas e contornando-as por caminhos inaugurais.

Para que a matéria vivida ultrapasse a sacristia...

A construção ficcional posta pela obra *A Cocanha* é, pois, testemunha, ancorada na verdade, no compromisso e numa visão de mundo de um escritor, de uma temporalidade constituída por um grupo étnico que habita um espaço geográfico. Ao contar, ao criar um possível, silêncios da História podem vir à tona pela imaginação do criador da obra. A matéria vivida deixa de ser tratada como "conversa de sacristia" (Pozenato, 2000, p. 278) e pode ecoar. O silêncio do autor, que exercia no seu cotidiano a escuta e a leitura atenta do entorno, expressa-se também com cautela. Os personagens pouco falam, mas dizem com verdade e compromisso a partir de sua caracterização. O destino de Rosa e Aurélio é coerente, mimetiza muitas vidas. Isso também pode ser dito de Gema, que simboliza, em muitos momentos da narrativa, a mulher que luta, que é líder. O que dizer de Giulieta e das estratégias criadas para não enlouquecer, para sobreviver?

A construção feita pelo astuto narrador conta e silencia, enredando o leitor. Apoia-se em escritos mais realistas atribuídos a José Bernardino para não ficar tão solitário no dizer. O narrador solitário é também solidário. Solidário com as mulheres em toda a narrativa, vai construindo também um papel para elas, que tudo faziam, mas na hora das reuniões para decidir os rumos da comunidade, ficavam de fora. Solidário com a ingenuidade das crianças, solidário com o sofrimento que esconde ideias e assola na doença.

Aqui temos uma história escrita à espera de leitores e de leitoras que a libertem do livro para alcançar outras paragens. Impõe-se, pois, a construção ficcional da partida, chegada e estabelecimento

de famílias italianas que habitaram a região da serra do Rio Grande do Sul. Retomando a fala desses imigrantes que entoavam "Viva la Merica", ousamos entoar "Viva a literatura" como matéria que nos constitui. Viva a leitura literária de obras que contam quem somos, para que nossas ideias, retomando o narrador (Pozenato, 2000), não se desmanchem como fumaça.

Referências

BARTHES, Roland. **Aula.** São Paulo: Cultrix, 2008.

CHAVES, Flávio Loureiro. A História vista pela Literatura. *In*: CHAVES, Flávio; BATTISTI, Elisa (org.). **Cultura regional:** língua, história e literatura. Caxias do Sul: Educs, 2004.

FERREIRA Gullar – O encantamento da poesia. [*S. l.: s. n.*], 7 out. 2015. 1 vídeo (4 min). Publicado pelo canal Fronteiras do Pensamento. Disponível em: https://youtu.be/TX1QeVwN0zQ. Acesso em: 19 set. 2025.

NEITZEL, Adair de Aguiar; RAMOS, Flávia Brocchetto. A leitura do literária como experiência artística e estética. *In:* CARVALHO, Mário de Faria; BRACCHI, Daniela Nery; PAIVA; André Luiz dos S. (org.). **Estéticas dissidentes e educação**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2022. Disponível em: https://www.pimentacultural.com/wp-content/uploads/2024/04/eBook_esteticas-dissidentes.pdf . Acesso em: 10 out. 2023.

POZENATO, José Clemente. **A Cocanha**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2000.

PETIT, M. Somos quizá ante todo animales poéticos. **CONJECTURA: filosofia e educação**, Caxias do Sul, v. 29, n. 1, p. e024001, 2024. Disponível em: https://sou.ucs.br/etc/revistas/index.php/conjectura/article/view/11727. Acesso em: 6 out. 2025.

RAMOS, Flávia Brocchetto. Por que Literatura. *In*: RAMOS, Flávia Brocchetto; PANOZZO, Neiva S. P. **Mergulhos de leitura:** a compreensão leitora da literatura infantil. Caxias do Sul: Educs, 2015. Disponível em https://www.ucs.br/site/midia/arquivos/mergulhosebook.pdf. Acesso em: 6 out. 2025.

RAMOS, Flávia Brocchetto. **Literatura infantil:** de ponto a ponto. Curitiba: CRV, 2010.

Matrícula na obra de José Clemente Pozenato[31]

Flávio Loureiro Chaves[32]

A década de 1970 foi o tempo das palavras censuradas. A impostura dum regime ditatorial regurgitava para fora do quintal político e encontrava sua contrafação na república das letras. Aí circulava a moeda podre do formalismo, desestimulando a indagação histórica e negando a problematização do presente. Conhecemo-nos, José Clemente Pozenato e eu, num dos raros espaços acadêmicos onde ainda prevalecia o primado da liberdade de expressão. Era aula de Guilhermino César na antiga Faculdade de Filosofia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Ele mantinha vigente o direito à controvérsia e seu magistério passou a ser parte integrante da nossa formação.

Hoje tenho a certeza de que aí se encontra a origem de um texto que é, ao meu ver, a pedra angular da obra de José Clemente Pozenato. Fruto amadurecido das discussões e estudos orientados por mestre Guilhermino, ele publicou, em 1974, um polêmico ensaio – *O regional e o universal na literatura gaúcha*. Justamente no momento em que a maioria escapava aos juízos críticos, buscando refúgio no estruturalismo e noutros "ismos" piores, Pozenato escolheu resgatar a tradição rio-grandense numa rigorosa reflexão histórica.

No longo percurso que vai do romantismo ao movimento modernista, o escritor indagou a identidade de uma literatura que se desenvolveu, toda ela, no limite da pura ideologia do regionalismo. Sua avaliação não fez concessões. Afinal as obras-primas oferecidas pela literatura gaúcha não firmaram um patamar de excelência

[31] Este capítulo foi publicado originalmente na obra Matrícula: 40 anos, organizado por Cleodes Maria Piazza Ribeiro e Flávio Loureiro Chaves. À época, o texto foi publicado sem constar as referências.

[32] Doutor em Letras pela Universidade de São Paulo (USP). Coordenador do programa de Pós-Graduação em Letras e Cultura Regional da Universidade de Caxias do Sul (UCS). Autor, entre outros livros, de Érico Veríssimo, o escritor e seu tempo; História e literatura; Simões Lopes Neto e Ponta de estoque.

porque estivessem ancoradas na região; ao contrário tornaram se canônicas *apesar* disso. A divisão das águas ficou claramente assinalada quando formulou sua conclusão sobre as narrativas de Simões Lopes Neto, tomando-o por paradigma de todo o processo cultural: "O que Simões Lopes traz à literatura gaúcha é uma sólida experiência com a linguagem. [...] Conseguiu realizar a regionalidade no sentido mais cabal: como metonímia da universalidade." Opondo a "regionalidade" ao "regionalismo", esse ensaio de 1974 fez a releitura do acervo cultural para iluminá-lo numa tensão dialética entre a História e a Literatura.

O mais importante, entretanto, é que tal atitude não configurou apenas uma especial maneira de ler; essencialmente, constituiu a maneira de escrever, isto é, o estilo e a visão do mundo de José Clemente Pozenato. Vamos encontrá-los no centro de sua poesia, que se afasta de qualquer paroquialismo ao buscar o contraste e o paradoxo na "luta pela expressão":

O poço
o forno
o pombal
a horta
o paiol
o estábulo
a galinha
o porco
e protegida
nas asas de choca da casa
a cantina
seus mistérios gulosos
(o salame
o queijo
o escuro
o vinho)
e dentro deles
como num corpo
o arrepio de febre
dos mistérios gozosos
(a pausa
o riso
o suspiro
o amor)

O poema "Cânticos rústicos" melhor ilumina o meu ponto de vista. Embora sua obra inclua numerosos artigos, crônicas e estudos monográficos, José Clemente Pozenato não voltou ao ensaio literário propriamente dito. Esse livro permaneceria um caso isolado no cons-

pecto de sua obra. Ocorre que, na literatura, as coisas não dispõem numa via de mão única; antes acontecem por caminhos cruzados. Tal como ocorreu no caso de Augusto Meyer, a região tinha de ser percorrida, para que se pudesse ver além do seu Horizonte. Aquele traço de excelência que ele apontou em Simões Lopes Neto transformou-se no próprio eixo da *poética*. A metáfora da região inaugura justamente na ultrapassagem do regionalismo, e, despojada de todo o ornamento retórico, a poesia define uma sondagem existencial.

***

Se sairmos agora em busca das matrizes, iremos encontrá-las nítidas nos primeiros poemas que José Clemente Pozenato publicou nas páginas de *Matrícula,* em 1967. Essa obra coletiva, que assinala passagem decisiva no panorama intelectual sulino, celebrou um encontro com os companheiros de geração: Jayme Paviani, Oscar Bertholdo, Ary Trentin e Delmino Griti. Quarenta anos transcorridos, vem a ser um indicador seguro dos caminhos propostos no itinerário da criação.

Não será por acaso a inovação de Machado de Assis no poema inaugural. A elocução poética confunde-se intencionalmente ao drama da existência:

> A hora é difícil em que se deseja o filho e se teme
> o monstro

Logo o texto será intitulado *Esaú e Jacó*, estabelecendo um caso de intertextualidade explícita. O ingresso no universo machadiano oferece aquela visão do mundo que só se dá no claro/escuro dos contrastes irresolúveis. Na intuição do Bruxo do Cosme Velho, o enigma da vida podia ser desenhado na oposição originária de Esaú e Jacó, gêmeos que lutavam no ventre materno para fundarem adiante (já no palco da História) as duas linhagens inimigas do Reino de Israel. Machado lera a *Bíblia*; José Clemente Pozenato também a leu e leu Machado. Atualizando-se na relação dialógica, a poesia se estabelece aqui em tensão dialética:

Dois poemas lutam dentro de um
tentando suplantar-se.

Os enigmas de existência não estão aí para serem resolvidos, sobretudo, no espaço dilacerado do século e da geração de Pozenato. Por isso, ele vai ampliar sua perquirição interrogando aqueles escritores que, na família de Machado, recusaram-se definitivamente a adotar uma perspectiva unitária ou unilateral. Interessa-o a diversidade; só nesta pode-se vislumbrar o outro, nosso irmão e nosso contrário na multiplicidade das diferenças. É o que se depara na "barca da grande alegria", imagem resgatada do *Auto da Barca*, de Gil Vicente, nave que o poeta faz sua e vai tripular num percurso de constantes descobertas e, no entanto, isento nas ilusões:

Barca de grande alegria
é esta; que tal procura,
sem descanso para a quilha
enquanto perdura o dia;
mas também da desventura
pois a cada nova ilha
ou terra a dar nos olhos
há um renascer e um morrer
de sonhos, ânsias, receios
que são muitos os escolhos
e o que luz parece ser
se mostra de enganos cheio.

Território de interrogação e dúvida, jamais admitindo os dogmas, a poesia deve ampliar sua dimensão intertextual, recolhendo múltiplas vozes. Por isto, um dos poemas centrais de *Matrícula* inscreverá no próprio título a presença de Carlos Drummond de Andrade na expressão do nosso tempo. Não se trata absolutamente do Drummond lírico; é antes o Drummond de *A flor e a náusea* ou d' *A máquina a máquina do mundo*, a quem coube o áspero diagnóstico do espaço contemporâneo, aquele poeta que se diz um "sobrevivente" diante das ruínas de Stalingrado E da desfiguração urbana, da violência desatada, quando só a procura da palavra (quero dizer, da poesia) garante a continuidade dos seres e das coisas. O discurso se põe então como um processo essencialmente humanizador, e, na resistência, o poeta de Itabira será um bom e permanente companheiro:

Careço-o eu, infeliz ser
Que do cão não tem o faro
Nem a sabedoria e a ciência
Que a Drummond vou buscar.

Ora, a poética instaurada por Drummond já havia abolido todo e qualquer laivo de romantismo; a palavra quer, antes, desentranhar o significado profundo dos fatos. O legado deixado por ele (também por João Cabral de Melo Neto, por Mário Faustino, se analisarmos a questão noutras dimensões) terá sido principalmente a economia vocabular, a renúncia ao artifício ornamental que vem desembocar, talvez paradoxalmente, na riqueza da enunciação. Desbastado o brilho da superficialidade, a poesia do século XX melhor expandiu a pluralidade do significado, oferecendo como emblema e decifração. É justamente aí que se vai situar a elocução de José Clemente Pozenato. Nesse sentido, os poemas de *Matrícula* também evidenciam (já no acréscimo às vozes de Machado e Drummond) a presença de um T. S. Eliot na Geografia complexa da "vaste land":

> O canto não tem resposta
> na terra seca e desolada
> A voz parte e jamais volta
> Vagando só e tresnoitada

No fundo, a própria missão do poeta exige ser redefinida nos novos (e trágicos) tempos da segunda metade do século. Estabelecendo o diálogo com seus privilegiados interlocutores, como estamos vendo, José Clemente Pozenato não recua. Diante do seu rei, o poeta desejou ter "uma harpa de fina corda encordoada". O destino é outro, entretanto; e também outro o lugar que lhe designaram no território devastado:

> Mandou-lhe el-rei, porém
> cavasse na terra dura
> para o descanso dos mortos
> os palmos da sepultura.

Machado, Drummond, João Cabral, Eliot. Ao escolher um lugar ao lado deles, Pozenato elegeu uma família intelectual, seus temas, sua linguagem. Uma linguagem necessariamente ambígua e dúplice que radicalmente põe a nu a terrível ambiguidade (e, por isso mesmo, a precariedade) do mundo oferecido. Provém daí a natureza das metáforas que ele constrói e instaura a cada passo numa lenta tarefa de verbalização do real, agora nomeado e iluminado pelo imaginário. Colhendo um exemplo, vale a pena voltarmos ao poema dedicado para Drummond. Qual é a "hora do cão", afinal a nossa

hora? Ele a diz em metáfora paradigmática, tudo dialetizando, tudo abrangendo:

> Hora de pão e de carne
> hora de sono e de mosca
> hora de grito e de guarda
> E tudo isso é Drummond.

Sim. Mas isto também é ele próprio; o poeta e sua opção por uma poética nas páginas inaugurais de *Matrícula*. Seu itinerário foi aí traçado definitivamente. Neste, a intertextualidade confessa, o tenso diálogo com as vozes que o precederam não é ocorrência gratuita; ao contrário, faz-se intencional e até programática; e só concorre para ancorar uma expressão nova que resguarda a sua originalidade. Nela, transparece a nomeação já inconfundível do espaço de "Mundo mundo":

> E já não posso saber se a caligem que te cobre
> é tua, mundo fechado, ou minha, viajante pobre.
> A teus muros sentado experimento te amar,
> E o farei sempre de novo até a sombra crepuscular.

O indivíduo e a História; o externo e o interno; a sombra e a luz; todos os paradoxos ainda se contrastam e só culminarão na bela metáfora que, encerrando o poema, anuncia igualmente uma condição existencial. O homem encara o mundo que lhe foi oferecido:

> Como lança transpassarei teu ventre indevassado,
> Serei um bandeirante, teu corpo afora, ousado.

A linguagem conquistada em *Matrícula* – sobretudo, a visão de mundo obtida no diálogo transtextual que acabamos de examinar – sustentou o texto de José Clemente Pozenato num certo patamar da universalidade, situando-o bem além do regionalismo provinciano. Ressalta-se, aliás, que esta é também a marca registrada dos versos de Jayme Paviani, Oscar Bertholdo, Ary Trentin, companheiros na empreitada de 1967. Isso acontecia num momento em que a poesia produzida no Rio Grande do Sul ainda era em grande parte caudatária daquele exaustivo relato folclórico de usos e costumes que terminavam circunscrevendo-a ao municipalismo literário (exceções abertas, na geração anterior, a um Augusto Meyer, a um Mário Quintana). A experiência de *Matrícula* se fez, portanto, decisiva. Sob a minha perspectiva de leitura, ela irá determinar os rumos ulteriores da obra de Pozenato. Somente depois de passar

pelo refinamento dos meios de expressão, tornou-se possível a verbalização do terrunho que, no seu caso, está referido inteiramente à zona serrana do Brasil meridional, onde se deu o processo de imigração e da colonização italianas. Não quero com isso dizer que a cor local estivesse totalmente ausente do contexto de *Matrícula*, mas ainda aparecia tão só como um véu de fundo que, às vezes, vinha ao primeiro plano, como no poema "Elegia":

> Era outono quando te levamos.
> Pinhões caíam sobre os caminhos.
> Tombavam folhas dos parreirais.

A mesma intuição da natureza como epifania também acontece na bela imagem do poema "O cavalo", ultrapassando a mera adjetivação do cenário percorrido por quantos visualizaram a paisagem sulina e acabaram degradando-a em lugar-comum. Registre-se de passagem que isto também se dá na contra mão de todos os escritores que (de Alencar em diante) fizeram do cavalo um lamentável centauro a ilustrar uma pretensa "epopeia" gauchesca. Desse risco já estava liberto Pozenato, que relera a tradição *cum granum salis* e, justamente aqui renovando, parte noutra direção:

> Vejo solitário o cavalo
> Pastando no universo
> na tritura da Relva
> docemente concentrado
> Nenhum guerreiro por perto,
> Nenhuma aventura à tocaia,
> Nem carruagem, nem guirlanda.

Quero dizer: amadurecido o estilo nas páginas fundadoras de *Matrícula*, equilibrada ideologia do denso ensaio que mencionei ao início, a poética de José Clemente Pozenato alcança etapas mais avançadas – *Vária figura* (1971), *Carta de viagem* (1981) e *Meridiano* (1982). Aí vamos encontrá-la então no umbral da modernidade. Ele enfrenta a verbalização do espaço regional já isento de regionalismo:

> Grossas taipas em pedra crua
> que mãos pedregosas
> em temerários dias
> juntaram do chão.
> Olhos pequenos nas janelas
> olhando cautelosos
> o azul limpo e frio, toalha
> estendida em gordas montanhas
> O tempo parado
> na superfície eterna das paredes.

Enquanto isso passam efêmeras
as flores na laranjeira
os vermelhos cáquis ardentes
como passam
o breve cheiro das uvas
as abóboras vulgares no esterco
atrás do chiqueiro
o galo que cantava em plena noite
como passaram
o choro do recém nascido
a voz cristalina do menino
os sons turvados do adolescente
e (quando aconteceu?) o pigarro
a língua pesada entre escassos dentes
o silêncio final sobre que nascem lírios.

Em parte desenhando "a palavra sol lâmina" (para usarmos o tema, o lapidar de João Cabral) e, por outra parte, assumindo a nomeação do terrunho, José Clemente Pozenato admitiu um domínio seguro da comunicação literária. Isso lhe permitiu partir no rumo de novas experiências.

***

O momento da prosa de ficção ocorreu em 1985, quando ele publicou *O caso do martelo*, primeira aventura do inspetor Pasúbio, uma notável personagem que reapareceria, anos mais tarde, n'*O caso do loteamento clandestino* (1990). Tratava-se de uma novela policial. O escritor arriscou-se, assim, num gênero pouco versado dentro das letras brasileiras, aliás cheio de perigos e armadilhas que já derrotaram inúmeros narradores de longo curso, como tão bem demonstrou Jorge Luis Borges. A verdade é que José Clemente Pozenato atravessou incólume essa prova crucial. O ambiente de denso mistério que envolve o pequeno burgo imaginário de Santa Juliana, argúcia com que se propõem as situações enigmáticas, a fina ironia que orienta a ação do inspetor Pasúbio, tudo concorre para aproximá-lo dos relatos exemplares do gênero policial que Georges Simenon localiza nas comunas encravadas no interior da França.

É certo que tudo gira em torno da resolução de um crime de morte. No entanto, eu creio não enxergar se disser que, nesse caso, a palavra *investigação* deve ser entendida no seu duplo sentido. Implica, sem dúvida, o *deslinde* do ato criminoso, graças à inteligência de Pasúbio. Mas também é a investigação, quero dizer, a *revelação*,

por parte do narrador, de um espaço social até aí quase ausente da ficção sul-rio-grandense. À medida que nossa leitura avança, transparece com extraordinária nitidez a zona da colonização italiana, os tipos característicos, seu complexo código social, elementos que a paisagem Serrana envolveu em certo halo misterioso e ora se vão desvendando.

Tenho para mim que nasce precisamente aqui um legítimo território da ficção, tal como ocorreu quando Josué Guimarães analisou a imigração alemã no Vale do Rio dos Sinos ou quando Luis Antonio de Assis Brasil visualizou o pioneiro açoriano do cenário primordial da Província de São Pedro. De fato, nesse mesmo ano de 1985, José Clemente Pozenato conduziu sua "Investigação" ao mais amplo desenvolvimento na redação d'*O Quatrilho*, sem dúvida o ponto alto da obra que vem oferecendo até os nossos dias.

Ele percebeu – eu logo o disse com inexcedível clareza – que o processo da colonização italiana não comportava uma saga heroica nem iria explicitar-se num canto épico. Só podia ser matéria do romance. Submetidas a um regramento social opressor e sempre injusto, as personagens d'*O Quatrilho* situam-se à margem da crônica oficial e não comparecem no registro dos manuais escolares. São quase anônimas. Sua identidade só é obtida na ação do romance; e o narrador cumpre uma das funções essenciais da literatura: cabe-lhe, em seu ofício, dar voz àqueles que não a têm.

São, portanto, seres humildes Ângelo e Pierina, Mássimo e Teresa, e todos os que compartem com eles a dura vida na pequena San Giuseppe do início do século. A faina sem quartel que o destino lhes reservou já se anunciara antes na voz do próprio autor:

> Grossas taipas em pedra crua
> que mãos pedregosas
> em temerários dias
> juntaram do chão.

Mas nem por isso as personagens renunciaram à dignidade humana; trazem em si a força terrestre capaz de torná-las protagonistas de um estranho drama. O quatrilho não é mais do que um jogo de cartas, trazido da Itália pelos imigrantes e transmitido, entre tantos hábitos e costumes, de geração a geração. Jogo diabólico, entretanto. Sua complicada urdidura reside na troca de parceiros: não

há lugares fixos nem ordenações que sejam eternas. O código inclui sua própria transgressão; e esse romance é *o romance da transgressão*.

O *Quatrilho* é, pois, a conquista de uma metáfora, o prisma que se implanta no cerne de uma cultura tão condicionada pelo racionalismo positivista. A partir de sua perspectiva múltipla, somos chamados a admirar o real em toda a diversidade, além de qualquer maniqueísmo, seja no universo das personagens imaginárias, seja na engrenagem da História. Nem é outra a **visão de mundo** de José Clemente Pozenato:

> Mortalha e velório, tudo é cortina
> que outra realidade encobre; nem
> vá alguém chamar de sepultura
> o que é antes ventre ou berço fecundado;
> mais verde e gordo surgirá o pasto,
> mais limpo azul, mais areado sol.
> Assim da noite brota o claro dia,
> E do casulo a borboleta leve.

Digo, concluindo, que, no prisma d'*O Quatrilho*, cristaliza-se toda uma *tradição*. Como ensina T. S. Eliot, a obra nova traz em seu bojo passado e, justamente por isso, provoca uma nova leitura de todas as obras precedentes. Do ensaio de 1974 até aqui, José Clemente Pozenato situou-se como o interlocutor de Simões Lopes Neto e Érico Veríssimo, de Mansueto Bernardi e Augusto Meyer. Entretanto, desde a publicação de *Matrícula* (1967), ele também foi o interlocutor de Machado de Assis, T. S. Eliot, Carlos Drummond de Andrade e João Cabral de Melo Neto. Essa interlocução orientou-o na estrada real de nossas letras e garantiu uma palavra original na confluência da História com a Literatura.

***

A releitura de *Matrícula* hoje – exatos quarenta anos depois da primeira edição – proporciona uma visão retrospectiva. Os poemas de José Clemente Pozenato resguardam ainda sua força, a primordial. Mas também levam a ver a importância que tiveram na fundação de um mundo imaginário. Tanto melhor se esse mundo traz a maturidade da literatura oferecida pelo Rio Grande do Sul e assinala um dos pontos mais significativos da própria literatura brasileira contemporânea.

As lições da calma

Geneviève Faé[33]

"A calma é o sorriso da alma reconciliada com a vida."
Victor Hugo

Ah, se os docentes soubessem como suas palavras têm o potencial de marcar os discentes! Muitos anos depois de concluído o Mestrado na Universidade de Caxias do Sul (UCS), ainda reverberam algumas frases, alguns direcionamentos, algumas impressões. Minha memória me trai (estamos falando de 2009), então não posso assegurar se foi uma prova ou um artigo, porém, entreguei um texto sobre o conceito de regionalidade, que estudamos na disciplina do professor José Clemente Pozenato, com base em seu livro premiado *O regional e o universal na literatura gaúcha* (2009).

Na devolutiva, uma frase clara e econômica, uma frase de escritor: "Geneviève, entendeu muito bem o conceito". Não me recordo se teve nota, mas tal fato inegavelmente me impulsionou a seguir mais segura na elaboração de minha dissertação, intitulada *A mulher em Simões Lopes Neto e em Jorge Luis Borges: uma ausência presente?* (2011).

Depois, chegada a hora da defesa, uma professora da banca, a Doutora em História Marília Conforto, elogiou a explanação do conceito de regionalidade. A sensação é inesquecível: entendi bem, então eu entendi bem mesmo. Todavia, os caminhos me desviaram da academia, e não me tornei docente universitária, meu principal objetivo na pós-graduação. De todo modo, o mestrado me revolucionou como leitora e como professora de escrita. Mais tarde, a transformação foi na minha versão escritora, e comecei pela crônica, embalada, por exemplo, pela coluna de Pozenato no Jornal Pioneiro. É um primor a coletânea *Conversa Solta* (1999), cujos textos foram selecionados pelo autor, com o critério de irem além do aconteci-

[33] Mestre em Letras, Cultura e Regionalidade (UCS). Professora e escritora.

mento imediato e refletirem sobre o ser humano, sem pretender entendê-lo.

Gosto muito do José cronista, parece que ele está no sofá da minha sala, divagando, com calma e parcimônia (como aluna, permito-me simular intimidade e chamá-lo aqui pelo primeiro nome). Aliás, na crônica "Informalidade" (1999), o autor ressalta que ela exige moderação, afinal as regras de comportamento que ditam o formal e o informal nos ajudam a transitar com elegância por diferentes papéis sociais. E é por isto que me lembro tão bem do docente, formal, calmo, firme em seu papel. Na crônica, terreno da leveza e da coloquialidade, conheci o Pozenato solto, livre.

Em tal gênero textual, o escritor gostava de cercar o uso e a etimologia das palavras, como a grega *phármakon*, origem de "farmácia": "servia, por sinal, tanto para designar o veneno como o remédio. Disso parece resultar uma verdade: as coisas não são boas nem ruins, santas ou venenosas. Bom ou ruim, justo ou pecaminoso, é o uso que damos a elas" (Pozenato, 1999, p. 32). E é tão satisfatório revisitar sua obra, recordar – verbo que, segundo a etimologia, é fazer passar novamente pelo coração – suas palavras, tanto escritas quanto ditas.

Moradora de Caxias do Sul desde 1985, ainda tento aprender com ele a parar de lutar mentalmente contra o nosso tempo, de neblina, frio e garoa: "O sol é ótimo, mas quando é demais, enjoa. Deixa tudo plano e em linha reta. Por isso, benditos os nossos invernos em que as nuvens baixam até nós, criando um mundo redondo e pequeno, com tudo mais perto do coração" (Pozenato, 1999, p. 8). Contudo, estando no terreno literário, que se ancora na ambiguidade e na criação de sentidos, essa visão não se resume ao clima: "quando é demais, enjoa" também remete à necessidade de contraste, do binômio luz e sombra, da alternância, da presença e da falta. É justamente na escuridão que aprendemos a iluminar.

Voltando à Universidade, não me arrependo de ter desistido da carreira acadêmica, entretanto me arrependo, sim, de não ter "aproveitado melhor" o Pozenato escritor. Como eu queria me transportar para 2010 e "alugar" meu mestre para debater os caminhos e os descaminhos da escrita literária! Infelizmente, sequer passava pela minha mente escrever naquela época. Sou uma autora tardia, que só

nasceu no berço da pandemia, como forma de sobrevivência mental. Do professor, certamente, aproveitei tudo que minha capacidade de compreensão na época alcançou. Como consolo, digo para mim mesma que a literatura é que escolhe o escritor, ela define quando e como chega – e prefiro crer que não estava pronta para ela.

Penso que hoje, se pudesse me responder acerca desse incômodo por não ter me arriscado nas letras antes, talvez ele me dissesse que um escritor também nasce com muita, muita calma. De qualquer forma, eu faria aquelas perguntas mais previsíveis e necessárias: como reverter a estatística que apontou sermos um país de não leitores, segundo o Retratos da Leitura de 2024? A inteligência artificial chegará ao ponto de substituir o artista? O que fazer com quem ainda considera inútil ler ficção? Por que mulheres ganham menos prêmios literários?

Falando em prêmios, o finalista do Prêmio Jabuti em 2015, por sua tradução do poeta Petrarca, declarou em entrevista ao jornal *Rascunho*, diante da pergunta da jornalista Paula Sperb: "Se eu fosse contar todas as vezes em que 'quase' recebi um prêmio literário, daria outra entrevista. Mas me consolo com Fernando Pessoa, que 'quase' foi premiado com seu livro de poemas 'Mensagem' e ninguém se lembra de quem foi o vencedor...". Na mesma ocasião, emerge outra importante lição: citando o escritor checo Milan Kundera, ele declara que "há coisas que só o romance consegue dizer". Vale lembrar que Pozenato não levou o Jabuti, porém ganhou o Prêmio Açorianos de Literatura (1990), por *O Quatrilho*, entre outros. Em 1996, foi Patrono da Feira do Livro de Caxias do Sul, além de ser homenageado em várias edições da Feira do Livro de Porto Alegre e de outros municípios gaúchos. Em Caxias, cidade que o premiou com o título de Cidadão Caxiense em 1991, foi Secretário da Cultura entre 2005 e 2006.

Seja na literatura, seja na docência, sempre foi um privilégio aprender com ele. Seu encantamento pelos livros transbordava em cada aula. Lendo as crônicas, entendemos o que o ambiente acadêmico representava para ele: "A sala de aula tem um charme irresistível. É nela que se desenrolam as inquietações todas do tempo presente e do futuro, na perspectiva das novas gerações que se vão sucedendo" (Pozenato, 1999, p. 77).

Foi um professor cujas falas eram marcadas pela calma. Impossível esquecer que ele não tomava café com os alunos nos intervalos, isto é, sustentava uma leve distância, como os docentes tradicionais sempre mantiveram (a tal da formalidade em nível certo). No entanto, assim que a aula começava, ele abria um sorriso e um baú de fundo infinito, distribuindo conhecimento de maneira generosa. Lembro muito bem de uma fala em especial, quando declarou: na ficção, vivenciamos a violência, por exemplo, da forma mais segura possível. Na ficção experimentamos tudo, saímos de nós mesmos sem sair de casa, mergulhando em empatia. Uma década depois, ao ler o *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, de Carolina Maria de Jesus, meu mestre veio à mente na última página: foi a maneira mais segura de passar fome, e eu precisava disso. Indubitavelmente todos precisam, não há como negar que a literatura é parte fulcral da nossa humanização. Por isso, me encantei tanto com a iniciativa do Uruguai de inserir livros nas cestas básicas, algo replicado em Caxias do Sul na época da pandemia. Enquanto os livros de história nos contam, resumidamente, o que e como aconteceu, a literatura nos faz sentir o que ocorreu e, para além dos limites do que convencionamos chamar de realidade, sentir e refletir sobre o que poderia ter acontecido, saindo um pouco de si mesmos, por vezes descansando nosso desespero no desespero das personagens.

Sobre a produção literária, muito se fala dele como nosso autor que "virou filme" e nos levou ao Oscar, com *O Quatrilho*, indicado como melhor filme estrangeiro em 1996 (não ganhou, mas merecia, é o que todo brasileiro comentava), um romance abrangendo três gerações, começando pela do meio, no ano 1910. Sem dúvidas, foi uma das mentes mais importantes do Rio Grande do Sul, responsável por contar a nossa história para nós mesmos. Ademais, contribuiu com o registro dos bens culturais imateriais, ao lado da historiadora e antropóloga Cleodes Piazza Júlio Ribeiro, o que logo depois foi incorporado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan).

Os bastidores da criação me atraem porque enriquecem a leitura, então descobri que Pozenato estava escrevendo sobre a imigração (diante da ausência de livros com imigrantes como protagonistas) e resolveu aproveitar a história dos avós de seu amigo Ary Trentin e

criticar a moralidade pública, a maneira como as instituições aprisionam o indivíduo. Como ele afirma na crônica "Paquetá": "Bem explorada, a vida de qualquer pessoa vira romance" (Pozenato, 1999, p. 42).

Voltando à década de 1990, como foi mágico o dia em que a minha escola passou o filme para todos os alunos, porque só se falava disso. E como costuma acontecer com a releitura de bons livros – quando nosso olhar se transforma em reparar –, vi novamente o filme em 2025 e observei os detalhes, a complexidade da trama, o conflito se estendendo e nos deixando em suspenso, vidrados até o final (novamente me encantei pela sonhadora Teresa, que em nada se assemelhava ao marido). Assisti ao relançamento no GNC Cinemas, em Caxias do Sul. Comentando essa inciativa com meu irmão, descubro que meu pai e ele conseguiram entrar no set de filmagem e viram de perto Glória Pires (que interpretava Pierina), mas meu pai se encantou mesmo foi pela locomotiva, em pleno funcionamento.

Igualmente mágico é assistir à mesma obra muitos anos depois, sabendo que foi baseada em um caso real, muito comentando na comunidade e romanceado pelo autor. Os pormenores saltam da tela e relembram a leitura, feita àquela época. Vivenciamos as cenas, o enredo, as personagens, a sensação de estar na mesma casa curiosamente dividida pelos dois casais, que viraram sócios, em busca de melhoria de vida em San Giusepe, onde construíram um moinho.

O que mais me marcou na época escolar foi a troca de casais à semelhança do jogo do quatrilho, em que, a cada mão de cartas, procura-se um novo parceiro. No entanto, para além do conflito amoroso, não podemos esquecer Pierina, que "bateu o pé" e definiu o rumo da história após ter sido abandonada pelo esposo. As personagens femininas de Pozenato costuram as tramas e mostram toda a sua força, ainda que, como Pierina, o pano de fundo tente mergulhá-las na fraqueza.

O autor habilmente tira o termo "quatrilho" das mesas de jogos das colônias e o coloca em circulação nacional, ou melhor, internacional, via filme. "O que fazer quando o amor é uma coisa e o casamento é outra?", Teresa responde não saber, deixando Mássimo

pensativo. E quem sabe? Simplesmente encantadores são os diálogos entre os recém-apaixonados, a dúvida sobre aquele sentimento, se era pecado, e a inevitável (e muito ignorada) conclusão: como pode ser pecado algo feito por Deus? Vale reparar também que a conexão dos dois crescia à medida da expansão dos negócios. De início, vemos como os casais tinham pouca afinidade. Como viveriam em harmonia Teresa, a angustiada e sonhadora, e Ângelo, o visionário, negociante em ascensão?

Importante frisar que, conquanto seja conhecido como "o autor do nosso quase Oscar", a obra do autor vai além, e é preciso resgatar os títulos lá do fundo da estante, sua literatura policial. Em *O caso do e-mail* (2000), por exemplo, acompanhamos os passos do sagaz e inesquecível detetive Pasúbio na busca pela resolução de um crime. Diante do velório da vítima, ele pondera: "Será que devo ir a esse velório também? [...] O morto não fala, mas os vivos podem deixar escapar alguma coisa" (Pozenato, 2000, p. 94).

Como esquecer a abertura dessa novela, centrada na investigação do ambiente cultural em que se origina o crime? "Ouvi um tiro, vou ver e já volto, bie". Introvertida como o autor, não tive a chance de contar, ainda que o encontrasse nas aulas semanais, como adorei tal início. Muitos anos depois da graduação, tornei-me escritora e, a cada nova linha, confirmo a hipótese de que escrevemos munidos das impressões e das emoções causadas por todos os textos de impacto que passaram por nós.

Enquanto escrevo este texto-homenagem a meu professor, transcorre a 41ª Feira do Livro de Caxias do Sul, proporcionando um bate-papo sobre a obra dele entre as minhas queridas professoras Salete Rosa Pezzi dos Santos e Cecil Jeanine Albert Zinani. No evento, elas destacaram a trajetória do autor. Contaram da emoção de serem, primeiro, alunas dele na Faculdade de Letras. Depois, colegas de trabalho e leitoras. Para além da trilogia da imigração italiana, ressaltaram as novelas policiais (como *O caso do martelo*, de 1985, que foi para a TV), a poesia e os contos. Sobre a obra mais conhecida, a que transpassou fronteiras, ressaltaram, acima da história romântica, a transição da sociedade agrícola para a industrial (via construção de um moinho), a maneira com que o sistema capitalista impactou a visão de mundo de cada casal e como a fase de transição

foi complexa, afinal Mássimo, marido de Pierina, considerava que ganhar dinheiro a juro era explorar os colonos.

De fato, neste mundo tão frenético, as duas calmas de Pozenato, como professor e escritor, fazem falta. Há alguns anos, ouvi dizer que trabalhava em outra trilogia. Estava à espera de mais literatura, confesso, porém infelizmente perdemos o autor em novembro de 2024. Mas volto às obras dele constantemente, porque, como todo bom clássico, sempre têm algo novo a me contar. Nem a mensagem, nem o impacto de José Clemente Pozenato têm fim.

Referências

ACADÊMICOS – Quadro de Eméritos. **Academia Rio-Grandense de Letras**, [2025]. Disponível em: https://www.arl.org.br/academicos/quadro-de-emeritos/jose-clemente-pozenato. Acesso em: 10 out. 2025.

FAÉ, Geneviève. **A mulher em Simões Lopes Neto e Jorge Luís Borges:** uma ausência presente?. 2011. Dissertação (Mestrado em Letras, Cultura e Regionalidade) – Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2011.

INSTITUTO PRÓ-LIVRO. **Retratos da leitura no Brasil 2024**. 6. ed. São Paulo: Instituto Pró-Livro; Brasília: Ministério da Cultura, 2024. Disponível em: https://www.prolivro.org.br/pesquisas-retratos-da-leitura/as-pesquisas-2/. Acesso em: 5 out. 2025.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo:** diário de uma favelada. 10. ed. São Paulo: Ática, 2014.

POZENATO, José Clemente. **O regional e o universal na literatura gaúcha**. Caxias do Sul: Educs, 2009.

POZENATO, José Clemente. **O caso do e-mail**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2000.

POZENATO, José Clemente. **Conversa solta**. Caxias do Sul: Maneco, 1999.

POZENATO, José Clemente. **O Quatrilho**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.

SPERB, Paula. Palavras para mudar o mundo. **Jornal Rascunho**, 25 fev. 2017. Disponível em: https://rascunho.com.br/entrevista/palavras-para-mudar-o-mundo/. Acesso em: 10 out. 2025.

Pozenato, personagem de Pepperoni

João Claudio Arendt[34]

Ridendo castigat mores
(Locução latina)

Considerações iniciais

Desde as primeiras manifestações escritas da literatura da Região de Colonização Italiana no Rio Grande do Sul (RCI), que datam do final do século XIX, quando o jornal *O Caxiense*, em 15 de outubro de 1897, publicou o poema "Confissão", dedicado a uma mulher cujo nome inicia com H e aparece assinado por um poeta com as iniciais J.M.B, o sistema literário regional foi se constituindo a passos lentos e se consolidou em 1967, com o surgimento do Grupo Reunião e sua antologia poética intitulada *Matrícula*. Pioneiramente, vinha a público um conjunto de poemas que não eram marcados pelo tom saudosista e laudatório da cultura de imigração italiana. Integravam esse grupo José Clemente Pozenato, Jayme Paviani, Oscar Bertholdo, Ary Trentin e Delmino Gritti.

De acordo com Aline Cecchin,

> a contribuição do Grupo Matrícula [ou Reunião] para a consolidação de um sistema literário na Serra Gaúcha iniciou através da rede de relações internas, na qual eles se articulavam enquanto poetas, críticos e editores. Ao mesmo tempo, as correlações do Grupo ganharam força e criaram uma rede de relações externas, que se estendeu à Serra Gaúcha e Porto Alegre, através das editoras de publicação, da participação em concursos literários e da fortuna crítica (Cecchin, 2014, p. 107).

Depois da consolidação do sistema literário da Serra Gaúcha, uma série de autores e autoras encontrou espaço profícuo para produzir literatura e transbordar as fronteiras da região, inclusive, ganhando prêmios estaduais e nacionais. O caso mais emblemático,

[34] Doutor em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande (PUCRS). Professor do Curso de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande (FURG).

sem desconsiderar outros escritores, é o de Natália Borges Polesso, que, em 2013, foi agraciada com o prêmio Açorianos e, em 2016, com o prêmio Jabuti.

Entre os membros do Grupo Matrícula, os autores que, conforme atestam a fortuna crítica e outros desdobramentos extraliterários, alcançaram maior inserção nacional e internacional são José Clemente Pozenato e Jayme Paviani. Ambos ex-docentes da Universidade de Caxias do Sul (UCS), atuaram na pesquisa e no ensino de graduação e de pós-graduação. No caso de Pozenato, merece destaque o fato de ter seu primeiro romance sobre a imigração italiana no Rio Grande do Sul (*O Quatrilho*, 1985) transposto para o cinema e indicado ao Oscar de melhor filme estrangeiro (1995).

Criador de personagens marcantes, como Teresa, Pierina, Ângelo e Mássimo, o romancista tomou para si a tarefa de ficcionalizar a imigração italiana sob um prisma que descontruiu o imaginário erigido por discursos laudatórios e romantizados que ora representavam o imigrante como vítima, ora como herói. Os titãs loiros que enfrentaram estoicamente o oceano, os naufrágios, o abandono, a miséria e a floresta cheia de perigos e, por isso, foram merecedores da riqueza produzida na América (*Il Paese de la Cuccagna*), ganharam, na obra de Pozenato, significativos contornos humanos e realistas. A *O Quatrilho* (1985), seguiram-se mais duas obras – *A Cocanha* (2000) e *A Babilônia* (2006) –, constituindo o que o próprio autor denominava como Trilogia Étnica.

A posição de destaque de Pozenato no sistema literário regional, bem como o seu transbordamento para outros sistemas literários, resulta, portanto, do conjunto da sua obra poética e narrativa, e, em especial, do olhar crítico e inovador sobre a imigração italiana presente na referida trilogia. A importância da sua obra é inconteste, assim como a sua ressonância na produção de outros autores locais, a ponto de, como será analisado a seguir, tornar-se personagem de uma comédia escrita por Joanim Pepperoni, ambientada na lendária Terra da Cocanha.

Joanim Pepperoni e a sátira ao sistema literário regional

Joanim Pepperoni, PhD, está longe de dispensar apresentações. Nascido no País dos Tolos (a lendária *Schlaraffenland* do imaginário germânico), ele afirma que migrou para *Il Paese de la Cuccagna* com o propósito de fazer pesquisa antropolentológica [sic] entre os cocanheses. Surgido em um blogue (Pepperoni, 2009) por volta de 2009, com montagens visuais e pequenos textos satíricos sobre a Região de Colonização Italiana no Rio Grande do Sul (RCI), o seu primeiro livro impresso veio a público em 2013, pela editora fictícia Prensa de Torresmos Cantina do Frei, a qual tem como logotipo um sugestivo garrafão de vinho. Na sequência, publicou mais dois livros físicos (*Viagem à roda do Rio Tegão* e *A revolta do moinho*), os quais eram enviados gratuitamente aos leitores pelo correio, largados em bancos de praça ou distribuídos pela Livraria do Arco da Velha, em Caxias do Sul. Suas demais obras vieram a lume em formato PDF, distribuídos por e-mail ou disponibilizados para *download* em plataformas digitais.

A sua obra de maior repercussão é *A revolta do moinho: comédia em cinco atos violentos* (2016), "dedicada à elite intelectual, política e industrial de Polentawood". A peça foi encenada pelo Coletivo Enredo, em 2019, e fez parte de uma turnê desse grupo teatral em várias cidades da Serra Gaúcha.

No total, Pepperoni já trouxe a público 16 obras, entre manifestos, poemas, contos, novelas, romances e peças teatrais, as quais estão reunidas em único volume de quase 600 páginas e disponível para compra em uma editora online que imprime obras por demanda. De um modo geral, a sua abordagem satírica recai eminentemente sobre a hegemonia do discurso conservador e etnocêntrico que criou e reafirma o mito do imigrante italiano em comemorações oficiais, como festas e feiras, e, assim, marginaliza e apaga a contribuição de outros grupos étnicos para a formação cultural da Região de Imigração Italiana no Rio Grande do Sul.

Antes de analisar alguns aspectos referentes à literatura da Terra da Cocanha e, em especial, à obra *O legado*: *ou a fantástica máquina de picotar plágios* (2022), deve-se ressaltar que o autor, por

manter a identidade real em anonimato, pode ser considerado uma espécie de avatar – isso apesar de algumas aparições em público, trajando uma máscara de espiga de milho, um chapéu de porongo, óculos 3D, terno, gravata e camisa e sapatos amarelos. Utilizando o título acadêmico de PhD, apresenta-se como especialista em uma série de disciplinas esdrúxulas, como:

> Etnomilhografia, Carunchologia, Arqueologia de Sabugos, Cosmogonia de Milharais, Cronologia de Moinhos, Estratigrafia de Tulhas, Sedimentologia de Polenta, Densitometria de Farinha, Ph de Pipas, Água para Vinhos, Nanetecnologia, Genética de Perdizes, Mescolosinestesia, História Geral do Polentariado, Sabugologia, Topografia de Parreiras, Pátina de Matusalém, Panelaços na Varanda, Bovid-17, Coronga, Cavalos de Tralha etc. (Pepperoni, 2022, p. 535).

Além disso, o autor já possui uma pequena fortuna crítica, a qual foi reunida, em 2024, pelos professores Vitor Cei e André Tessaro Pelinser em formato *e-book* e com distribuição gratuita (Lançamento [...], c2013).

Isso posto, passa-se agora a olhar para a obra de Joanim Pepperoni, PhD e os petardos lançados contra autores e autoras que integram o sistema literário local, no contexto do que ele denomina como a Terra da Cocanha. Um dos primeiros textos literários do escritor que caminha nessa direção é *Dom Chicote*, de 2015, no qual, ao que tudo indica, satiriza a Feira do Livro de Caxias do Sul e o patrono escolhido à época. No Canto IX, por exemplo, Pepperoni expõe algumas contradições entre o homenageado e o busto de Dante Alighieri, que, há quase um século, encontra-se na praça de mesmo nome e na qual anualmente acontece a Feira do Livro:

> **Canto IX**
>
> Ó, meu querido Dante,
> que tens lousa nesta Praça:
> – aqui se forja a História
> co'a biografia de Cervantes!
>
> Eu quisera como antes,
> em grande revoada,
> pombos fazendo casa
> e sujando teu semblante!
>
> Antes na cara, de um pombo,
> uma prolixa cagada,
> que, de um espertalhão,
> na fronte uma cusparada! (Pepperoni, 2023, p. 127).

Mais tarde, após um blogue chamado *A terra da Cocanha*, Pepperoni criou um segundo blogue, denominado *Os infames infantes da crítica literária*, que seria supostamente alimentado por seus sobrinhos chamados Joanim Farofa e Pepe Caruncho. Há aí, também, inúmeras farpas à *performance* de escritores, livreiros, editores e profissionais da educação. No *post* intitulado "De Camelivros e Camelivródromos", de 17 de maio de 2018, os infames infantes afirmam: "Temos visto, nesta triste cidade, uma proliferação de textos literários, como se estivéssemos em plena epidemia do que o honorável Joanim Pepperoni PhD chamou de Writing Obsessive-Compulsive Disorder (LOCODe atar)" (Farofa; Caruncho, 2018a, n. p.).

A crítica, como se observa, recai sobre a quantidade de obras supostamente sem valor produzidas na cidade, como se os artistas sofressem de uma desordem obsessivo-compulsiva de escrita. Da mesma forma, há uma entrevista com Pepperoni sobre o Projeto de Lei nº 42/2017, em Caxias do Sul, que tratava sobre a disposição de prateleiras e outros móveis em livrarias e bibliotecas com obras de autores locais. Pepperoni é fulminante:

> Imaginem, *cari*, um supermercado com um gigantesco suprimento de linguiças ser obrigado a criar uma prateleira específica para os produtos locais, sendo que todos os clientes já conhecem a qualidade duvidosa desses embutidos... O jeito certo de vender essa salamada é distribuí-la de forma sub-reptícia no meio dos salames bons. Por engano – e a vida é cheia de enganos –, por engano, alguém sempre levará salame de gato no lugar de linguiça de lebre (e pelo mesmo preço!). E isso qualquer comerciante sabe fazer. Não precisa de lei para incentivar (Farofa; Caruncho, 2018b, n. p.).

No excerto transcrito, a comparação implícita entre livros e embutidos soa de forma cômica, porque reduz a produção literária local a produtos de origem e qualidade duvidosas.

Em outro momento, Pepperoni, por ocasião da publicação de *Nane Tamanca & os quarenta empreendedores,* em 2020, uma paródia de *Ali Babá e os quarenta ladrões*, publica uma autoentrevista, na qual as perguntas e as respostas são feitas em primeira e terceira pessoa, respectivamente.

> **Joanim Pepperoni:** Tenho observado um certo recato da crítica literária para com a minha obra. A minha Cocanha é menor, por exemplo, que a de autores como Dante Aligator, Francesco Bacon e Uiliz Shakespeare. Como eu explico esse terceiro lugar no pódio?

> **Joanim Pepperoni:** Olha, você não tem que se preocupar com a crítica literária numa terra em que pregos tortos e enferrujados valem mais do que os produtos do espírito. Mas, se você tivesse que explicar esse baixo desempenho na boca alheia, teria que considerar três aspectos fundamentais: escrever muito mal, ter mais inimigos do que amigos e escrever muito bem (Pepperoni, 2020, n. p.).

Se nos exemplos anteriores o reproche do autor recai sobre seus companheiros de Letras, aqui ele se volta para a crítica literária local, que, supostamente constituída como panelinha ou grupo familiar, não daria espaço para produções literárias de qualidade ou de artistas que não integram o grupo dos "laços sanguíneos e familiares".

Dom Porcinato: personagem de Joanim Pepperoni, PhD

O legado ou "A fantástica máquina de picotar plágios" foi publicado em 2022 e tem como enredo a criação de um concurso literário com o objetivo de escolher os herdeiros da geração que consolidou o sistema literário da Terra da Cocanha. A comédia tem como protagonistas Dom Porcinato e Dom Paviânico, que remetem aos então remanescentes do Grupo Matrícula, surgido em 1967, ou seja, José Clemente Pozenato e Jayme Paviani. Na peça, os dois poetas têm como ajudante um jumento chamado Dom Jerico, que aparece pela primeira vez, na obra de Pepperoni, na comédia intitulada *Tragédia no palco*, de 2020.

Com um prefácio esdrúxulo do PhD Bob O. Peroba e dedicada ao próprio Joanim Pepperoni ("mestre e discípulo de si mesmo"), a peça traz uma nota ao leitor chamada "Convém ler antes de comer", na qual o autor propõe uma etimologia disparatada para a palavra comédia:

> Mas a comédia – nesta obra-prima da dramaturgia que ora arremesso contra o público – vem carregada de um sentido que os Teóricos da Antiga Literatura jamais sonharam em lhe atribuir. Mesmo estando bem embaixo dos seus narizes, como ranho de coronga, eles deixaram escapar que a palavra comédia tem sua origem no substantivo comida (comida = comidia = comédia). Uma comédia, portanto, significa "grande comilança", "filó", "banquete", "festa de comunidade", "menarosto", "pizzaria", "almoço na casa da Nona", "passarinhada", "reunião de excretores da Academia Cocanhesa de Letras" (Pepperoni, 2022, p. 470).

Essa noção de comédia como comida parece fundamentar o enredo da obra, em clara alusão aos encontros das Academias de Letras, que se reúnem tanto para trabalhar, quanto para confraternizar. No caso de *O legado*, a Academia Cocanhesa de Letras[35], que entra em cena no terceiro ato da peça, após a definição e divulgação do regulamento do concurso literário, a comilança está presente, conforme se lê na rubrica inicial:

> Este ato e as respectivas cenas passam-se na sede da Academia Cocanhesa de Letras (ACL). O cenário lembra um misto de cantina e de loja de insumos agrícolas e produtos coloniais: nas paredes, todo tipo de ferramentas, como foices, enxadas, picaretas, ancinhos; pelo chão, sacas de cereais, latas velhas, tulhas e cariolas; suspensos em arames, copas, morcilhas e salames; em uma prateleira, alguns livros misturados a queijos e pães de forma; no centro, uma mesa fartamente posta para o filó dos acadêmicos (o diretor poderá incrementar o cenário com um milharal, um moinho, uma carreta agrícola ou um tradicional tuque-tuque). Todos usam fardão azul (Pepperoni, 2022, p. 493).

O cenário, como se observa, não condiz com o ambiente literário *stricto sensu*, já que toda sorte de objetos e produtos coloniais misturam-se aos livros. E, enquanto o presidente da Academia faz o seu discurso, um acadêmico está preocupado apenas com a comida sobre a mesa: "– Belas palavras, signore, excelentes metáforas... Mas dá pra trinchar logo o galeto al primo canto? Estou com o estômago nas costas!" (Pepperoni, 2022, p. 494). Ou, ainda: "– Esse suculento frango já está fedendo e o vinho já esquentou!... Se não pararem com os discursos, perde-se toda esta comida! Sacramento!" (Pepperoni, 2022, p. 494).

A certa altura, no entanto, os acadêmicos investem sobre a mesa:

> Há tropeções, gritos, empurrões e ronco de louça quebrada; um frango vivo salta pela janela; dois acadêmicos rolam pelo chão disputando um ossobuco; uma acadêmica velhusca e desdentada enche os bolsos do fardão azul com polenta mole; o presidente da ACL conquista a tapas e beliscões uma travessa com um leitão assado; um acadêmico toma um garfo de feno da parede e, espetando a bunda dos colegas, abre caminho até a mesa; outro assenhora-se de

[35] A Academia Cocanhesa de Letras constitui um trocadilho de Academia Caxiense de Letras, da qual Pozenato e os demais integrantes do Grupo Matrícula recusaram-se a participar: "[...] a academia reunia aquele tipo de escritores que nós considerávamos da linha tradicional, por isso, nenhum de nós do Matrícula teve interesse em participar da Academia. Nós queríamos criar uma vertente dentro da poesia feita aqui na cidade que estivesse sintonizada com o mundo e não com a velha condição da poesia Neo-clássica e Parnasiana" (Cecchin; Arendt, 2013, p. 322).

> uma pipa de vinho colonial e se farta até cair [...] (Pepperoni, 2022, p. 496-497).

Também os patriarcas das Letras Cocanhesas, Dom Porcinato e Dom Paviânico, no início da peça, estão sentados a uma mesa, comendo e bebendo, enquanto falam sobre o cansaço da vida literária e a necessidade de escolherem os seus sucessores:

> Dom Paviânico e Dom Porcinato estão sentados a uma velha tábua de carnear porco. O primeiro tem suspenso diante de si um saco de batatas que, com certa regularidade, acaricia e abraça cheio de ternura. O segundo tem a sua frente uma gamela, dentro da qual reúne, com a ponta dos dedos úmidos de saliva, farelos de pão que conduz à boca e mastiga pachorrentamente. Sobre a távola, há também um garrafão de vinho colonial recoberto com palha trançada, duas velhas canecas de alumínio e uma cestinha de vime com pinhões. Completam o cenário um fogolare, livros velhos, algumas pipas de madeira e um panelão de ferro com uma grande méscola de madeira (Pepperoni, 2022, p. 473).

A reiterada menção de Pepperoni aos excessos gastronômicos, tanto em *O legado* quanto em suas demais obras, remete ao mito medieval da Terra da Cocanha, presente no imaginário europeu e que, de alguma forma, serviu como motivação para a emigração de italianos para a América, a partir segunda metade do século XIX. Atormentados pela fome, por doenças e pelos impostos, milhares de italianos lançaram-se à travessia do Oceano Atlântico para tentar uma vida nova no continente americano. Presente em gravuras e pinturas, como a do renascentista Peter Bruegel (1525/1530 – 1569), e em narrativas diversas, como as compiladas por Hilário Franco Junior, em 1998, a Terra da Cocanha constitui uma promessa de fartura alimentar, liberdade e *dolce far niente* (o doce não fazer nada). Nesse sentido, alguns agenciadores até utilizaram folhetos para atrair emigrantes à América, com ofertas mirabolantes, como terras gratuitas, clima tropical e castelos...

Porém, no campo da literatura brasileira, o romance *A Cocanha* (2000), de José Clemente Pozenato, aborda esse mito em uma perspectiva que o desconstrói. Embora as personagens busquem melhores condições de vida na nova terra, o romance desarticula o estereótipo do imigrante que acreditava em salames e queijos pendurados em árvores, em vulcões que expeliam moedas de ouro, e em rios de molho de tomate com espaguete. Aliás, como já se afirmou, a obra, que integra a trilogia étnica da imigração italiana

juntamente com *O Quatrilho* (1985) e *A Babilônia* (2007), desfaz parte do imaginário romântico de que a travessia do Atlântico foi recheada de naufrágios e que a derrubada das florestas da Serra Gaúcha foi feita por titãs loiros e destemidos. O progresso material e a fartura alimentar são, assim, alcançados por meio do trabalho de sol a sol, mas sem miticações.

Na comédia *O legado*, outro aspecto que chama a atenção diz respeito ao processo criativo dos escritores dispostos a herdar a posição de Dom Porcinato e Dom Paviânico. A tônica, nesse caso, recai sobre a prática do plágio, já que Joanim Pepperoni e seus sobrinhos desenvolvem uma máquina para verificar a originalidade dos textos inscritos no certame, a qual tem o formato de um cavalo, denominado Cavalo de Tralha:

> **Joanim Pepperoni** *(Examinando a geringonça)*:
> – Ora, ora! Uma maravilha da engenhananeria!... Mas vamos fazer mais um teste, por via das dúvidas. Tragam-me alguns livros da coleção de excretores locais!
>
> *Os sobrinhos trazem uma pilha de livros e a depositam ao lado da máquina. Joanim Pepperoni pega um exemplar aleatório e o lança no bocal da engenhoca, que, mais uma vez, rosna, dá pinotes, espoca, solta tufos de fumaça densa, se engasga, bufa, rilha metais e, enfim, silencia.*
>
> **Joanim Pepperoni** *(Tomando um punhado de papel picotado e o exumando com polenta 14)*:
> – Hom... Ham... Hum... Das 970 páginas de sonetos, apenas 2 eram originais. Parcialmente originais. Vamos testar com mais alguns exemplares. Deem-me cá esta velharia em cuja capa se lê, em letras garrafais coloridas, "Maizena: romance cocanhês". Ah, sim, é do finado Frei Fidel Dulcinho Barbarosa... Este era um padre embusteiro! *(Joga o livro na máquina)*. Como eu imaginava: plágio do plágio! Vejam, meus sobrinhos, a engronga virou pó! (Pepperoni, 2022, p. 510).

Em outro texto de 2022, intitulado *Manifesto da poesia méscola-de-pau*, uma paródia bem-humorada do *Manifesto Pau-Brasil*, de Oswald de Andrade, o autor começa dizendo que "A poesia existe nos haveres. Os porões de pedra e mofo, os verdes das parreiras, sob o sempre cinza firmamento, são fatos estéticos" (Pepperoni, 2024, p. 459), para, então, direcionar sua crítica à prática do plágio na Terra da Cocanha:

> Só não se inventou uma máquina de fazer versos – já havia o poeta-plágio.
> Ora, a evolução do plágio indicou duas fases: 1ª) a deformação através do remix, a copiação, o decalque voluntário. De Mortita Cárter a Marlútia Boddega, de Nane Forninho a Dom Jerico; 2ª) o delírio

> devoto, a apresentação nas capelinhas, os materiais apropriados, a indecência criativa (Pepperoni, 2024, p. 461).

Ainda nesse manifesto, Pepperoni conceitua poesia como uma extensão de práticas gastronômicas: "A poesia Pau-Cocanha é uma cozinha na garagem, com passarinhos fritando na banha quentíssima das panelas, um sujeito gordo mexendo a méscola-pau e a Genoveva preparando o *crém*. Na cozinha anda todo o presente da literatura futura" (Pepperoni, 2024, p. 462-463).

A méscola, na linguagem local, é uma colher de madeira geralmente usada para mexer a polenta enquanto ferve. Nesse sentido, o trocadilho entre pau-brasil e méscola-pau (ou méscola-de-pau e pau-cocanha) aproxima um símbolo da cultura gastronômica cocanhesa a um símbolo da poesia brasileira, subvertendo o sentido original do manifesto da poesia modernista e satirizando a poesia local.

Na peça *O legado*, todos os escritores da Terra da Cocanha, além de denominados como "excretores", são caracterizados como charlatães, inclusive, Dom Paviânico, que decidiu recolher todos os exemplares das suas obras, para poder republicá-las como se fossem inéditas. Ao mesmo tempo, ele teria publicado sete vezes, em blogues distintos, o mesmo poema com títulos diferentes. Esta seria a sua máxima:

> **Dom Paviânico:**
> – Parafraseando o meu grande amigo filósofo Frejolayme Boddega, "hoje em dia nada se cria; seja livro, seja hóstia, seja calendário de borracharia: tudo se remixa, tudo se imita, tudo se copia".

Além de criticar as práticas de plágio, tema central da comédia, Pepperoni lança dardos contra a qualidade das produções literárias dos membros da Academia Cocanhesa de Letras. Nesse sentido, satiriza o discurso do presidente da Academia:

> as nossas Letras são maiores que todas as letras do alfabeto! Temos, entre nós, escritores em CAIXA ALTA, em **negrito** e em *itálico*; temos os sublinhados, os sobrescritos, os destacados, os VERSALETES e os realçados; mas temos também os caracteres ~~tachados~~, os subscritos e os ocul ... *(Confiante, como um couch em salão paroquial)* Creiam, nem a sopa de letrinhas do McNónas é tão completa quanto a galeria das nossas Letras! (Pepperoni, 2022, p. 494, grifos no original).

Pepperoni também satiriza alguns prêmios literários, como o Ignóbel (Nobel), o Mare Magno (Oceanos) e o Açude (Açorianos).

Aliás, o próprio Pepperoni apresenta-se em sua biografia como quem

> já obteve prêmios importantes, como o Mortita Cárter, o Polentzer, o Nane que Faz, o Ignóbel de Literatura, o Méscola de Ouro, o Enxada de Assis e o ARIgó. Em 2012, foi campeão de arremesso de polenta e, em 2014, classificou-se para as semifinais das Olim-piadas Coloniais de Polentawood D.C. É campeão interplanetário de corrida de saco e prova da Cuccagna. É membro vitalício do Arrotary Club e possui *in vitro* uma amostra da terra do lote em que seu umbigo foi enterrado após o nascimento (Pepperoni, 2022, p. 535).

Em *O legado*, o prêmio do certame, como já se disse, é o trono das Letras Cocanhesas. Mesmo com a utilização da fantástica máquina de picotar plágios, a obra vencedora é um poema de Joanim Pepperoni, publicado em seu primeiro livro, *A fantástica máquina de ensacar berros* (2013), plagiado pelo assistente dos organizadores do concurso, Dom Jerico, o personagem que criou o regulamento e, ao fim, sabotou o Cavalo de Tralha. Eis o texto vencedor:

> **A aurora do Espertalhón**
>
> Pra não gastar as botinas,
> de tamancas vai pra roça
> E pra poupar na farinha
> come casca de mandioca
>
> Mas o que tem de sovina
> o Nane tem de esperto:
> inventou una macchina
> pra "chover no deserto"
>
> Um invento, por suposto,
> de muito lucro e sincero:
> enquanto ele esfola o porco
> a macchina ensaca o berro (Pepperoni, 2022, p. 532).

Um olhar comparativo entre os dois poemas mostra que a única alteração reside no título que, no original, consta como "Sobre o empreendedorismo". No caso do poema vencedor, ironicamente, o "espertalhón" remete à prática de tirar vantagem em transações comerciais. No primeiro ato, em nota de rodapé, Pepperoni faz menção ao surgimento de uma nova espécie de cocanhês durante um cataclisma que quase destruiu a Terra da Cocanha:

> Há entre os cocanheses a crença de que a ingestão de polenta embolotada provoca problemas mentais. Documentos que encontrei em minhas escavações antropolentológicas comprovam que a Terra da Cocanha foi ameaçada por um cataclisma cognitivo durante a Era Embolotozoica. Espécie de hospício a céu aberto, habitado por Tchós e Nanes, ela só foi salva com o aparecimento de uma nova espécie de

> cocanhês: o Sabichón, também conhecido como **Espertalhón**. Nesta peça, como o leitor poderá observar, temos representantes das duas espécies (Pepperoni, 2022, p. 475, grifo nosso).

É, nessa perspectiva, portanto, que, apesar de todos os cuidados de Pepperoni e seus sobrinhos com a invenção da máquina para detectar plágios, Dom Jerico Pissacàn (o jumento ou, no sentido figurado, o estúpido) burla o sistema como *espertalhón* e assume o posto de patrono das Letras Cocanhesas, tornando-se o herdeiro do legado literário de Dom Porcinato e Dom Paviânico.

Considerações finais

O tom jocoso de Pepperoni, marca da sua obra desde a estreia, revela-se sobremaneira contundente a respeito da vida literária na Terra da Cocanha. Os golpes satíricos que desfere contra escritores, integrantes da Academia de Letras e patronos da literatura local expõem supostos vícios que o riso tenta castigar.

A comédia *O legado* não deixa pedra sobre pedra do sistema literário caxiense. Os acadêmicos, por exemplo, são ridicularizados por sua vaidade e suas atitudes utilitaristas no campo da literatura. Também nomes já consagrados, como Marco de Menezes (Marco di Médici), Dinarthe Albuquerque (Dadarte Alambique), Natália Polesso (Navalha Polentaço), Rafael Iotti (Milhiotti Figlio), Paulo Ribeiro (Paôlo Chorom), Alessandra Rech (Alexandrina Requiem)[36], entre outros, são caricaturizados ao longo da peça.

Mas é em José Clemente Pozenato (Dom Porcinato) e Jayme Paviani (Dom Paviânico) que o ataque satírico se concentra: afinal, a experiência de ambos de nada serviu no afã de transferirem o seu legado à nova geração de escritores, já que o jumento (Dom Jerico), no desfecho, assume o trono das Letras Cocanhesas (caxienses). E esse parece ser o dado mais significativo da comédia de Pepperoni.

Referências

CECCHIN, Aline Brustulin. **Poetas em "Reunião":** o Grupo Matrícula e a consolidação de um sistema literário regional na

[36] A identidade dessas personagens da peça foi deduzida a partir dos trocadilhos dos nomes e de elementos textuais das suas falas. O mesmo deu-se com Dom Porcinato e Dom Paviânico.

Serra Gaúcha. 2014. 139 f. Dissertação (Mestrado em Letras, Cultura e Regionalidade) – Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2014.

CECCHIN, Aline Brustulin; ARENDT, João Claudio. "Eu nunca pensei em um público regional". Entrevista com o escritor José Clemente Pozenato. **Revista Litteris**, v. 2, p. 315-332, 2013.

FAROFA, Joanim; CARUNCHO, Pepe. De camelivros e camelivródromos. **Infames infantes da crítica literária:** um blog para colocar os pingos nos is da literatura de caxias do sul, da fé, do trabalho e da erudição, Caxias do Sul, 17 maio 2018a. Disponível em: https://infamesinfantesdacriticaliteraria.blogspot.com/2018/05/de-camelivros-e-camelivrodromos.html. Acesso em: 12 dez. 2024.

FAROFA, Joanim; CARUNCHO, Pepe. Entrevista com Joanim Pepperoni sobre o Projeto de Lei 42/2017. **Infames infantes da crítica literária:** um blog para colocar os pingos nos is da literatura de caxias do sul, da fé, do trabalho e da erudição, Caxias do Sul, 17 abr. 2018b. Disponível em: https://infamesinfantesdacriticaliteraria.blogspot.com/2018/04/entrevista-com-joanim-pepperoni-sobre-o.html. Acesso em: 12 dez. 2024.

LANÇAMENTO de livro: Joanim Pepperoni e a Terra da Cocanha. **Universidade Federal do Espírito Santo**, Vitória, c2013. Letras. Disponível em: https://letras.ufes.br/pt-br/conteudo/lancamento-de-livro-joanim-pepperoni-e-terra-da-cocanha. Acesso em: 12 dez. 2024.

PEPPERONI, Joanim. **Obra reunida (2013-2023)**: quarta edição requentada e ampliada. Polentawood: Prensa de Torresmos Cantina do Frei; Joinville: Clube de Autores, 2022.

PEPPERONI, Joanim. Joanim Pepperoni entrevista Joanim Pepperoni. **Infames infantes da crítica literária:** um blog para colocar os pingos nos is da literatura de caxias do sul, da fé, do trabalho e da erudição, Caxias do Sul, 10 jul. 2020. Disponível em: https://infamesinfantesdacriticaliteraria.blogspot.com/2020/07/joanim-pepperoni-entrevista-joanim.html. Acesso em: 12 dez. 2024.

PEPPERONI, Joanim. **A terra da cocanha:** blague-blog! blague-blog! – uma colher de pau mexendo a polenta, [*S. l.*], 2009. Disponível em: https://aterradacocanha.blogspot.com/2009/. Acesso em: 12 dez. 2024.

Mapa de viagem: de volta a casa

Marli Cristina Tasca Marangoni[37]

[...] Deixo que vá minha canção,
que minha alegria se distribua.
E permaneço tímido, e sentado:
que ela fale por mim.
Que por sua causa eu seja amado
ou desprezado, tanto me faz.
Os pássaros dela se apossem
e a cantem com nova garganta.
Todos se achem seus donos
e a usem: pão, casa, vestido.
Quem é o poeta para prender
sua canção? ela o transpõe.
E ande livre no espaço
e entre em todos os lares.
(*Pozenato*, 2000, p. 155)

José Clemente Pozenato inscreve a região da serra na cena literária gaúcha e nacional, usando a linguagem com a precisão de um habilidoso artífice da palavra. Como casa segura, erguida em terreno firme, sua produção assenta as fundações no ambiente regional, mas ultrapassa-o, elegante e sóbria, de janelas abertas ao horizonte humano, em um diálogo lúcido com a tradição literária. Nascido em São Francisco de Paula, onde teve sua primeira casa, Pozenato acolheu como morada da vida toda a cidade de Caxias do Sul. Passou pelo Seminário, pela Universidade de Caxias do Sul (UCS), pela Secretaria Municipal da Cultura, e, sob esses telhados, viveu a ficção, como leitor; mas também criou casas para o leitor habitar, seja em narrativas, seja em textos poéticos. Embora tenha se notabilizado como romancista, foi na poesia que Pozenato iniciou sua trajetória

[37] Doutora em Letras pela Universidade de Caxias do Sul (UCS). Professora na Rede Municipal de Bento Gonçalves. Integrante do grupo de pesquisa Observatório de Leitura e Literatura.

autoral na literatura. Por isso, este capítulo é também um retorno a casa, um olhar para o território literário que primeiro abrigou o escritor, no desejo de que também se faça pão, lar ou vestido para nós, seus leitores.

Depois de integrar a antologia poética *Matrícula*, em 1967, o poeta estabeleceu uma notável produção em versos, nos quais matizou o emprego exato da palavra com o pitoresco da cor local, inaugurando espaços novos entre a voz lírica e a ironia crítica. *Mapa de Viagem: poesia reunida* foi publicado no ano 2000 e reúne a produção poética do autor, ao longo de trinta anos. Em seu texto de apresentação, Pozenato reforça o compromisso com "a busca da palavra só lâmina", sonhada por João Cabral de Melo Neto, ao mesmo tempo em que adverte o leitor: "Se este livro é um mapa de viagem, não é por assinalar percursos, mas por sinalizar lugares visitados" (Pozenato, 2000, p. 12).

Revisitamos tais lugares e, neste texto, elegemos poemas que tematizam a casa, como espaço inaugural, para neles adentrar com mais atenção. O tema da casa tem sido buscado pela leitora de poesia e pesquisadora Marli, como se manifesta no artigo "Poesia: uma casa para as infâncias" (Marangoni; Ramos, 2020). O olhar para a poesia, por sua vez, tem sido constante em nossos estudos, que privilegiam o poético para a infância, como no artigo "Um estatuto para a poesia infantil contemporânea: reflexões a partir do PNBE" (Marangoni; Ramos, 2017).

No presente estudo, ao contemplar a poesia de Pozenato, buscando tematicamente o elemento "casa", estabelecemos interlocução teórica com Bachelard e *A Poética do espaço* (2000). Para o filósofo, a imagem da casa coloca uma questão: "Através das lembranças de todas as casas em que encontramos abrigo, além de todas as casas em que já desejamos morar, podemos isolar uma essência íntima e concreta que seja uma justificativa para o valor singular que atribuímos a todas as nossas imagens de intimidade protegida?" (Bachelard, 2000, p. 199).

Ao longo dos versos produzidos no amplo período de tempo que a obra de Pozenato recobre, diferentes perspectivas nortearam a representação da casa e da sua "essência íntima". Nesta proposta de escrita, vamos tratar da casa como concha, colmeia e berço. Para isso,

abrimos cada tópico com uma epígrafe de Bachelard e um poema ou fragmento poético de Pozenato, que se colocam em diálogo e nos convidam à ocupação investigativa. Sob o olhar do poeta, a casa vai se apresentando em imagens diversas de "intimidade protegida", às vezes, tomada como espaço melancólico do tempo perdido, abrigo da memória; outras vezes, perscrutada como um dado da paisagem, que fala de um tempo e de modos de viver; ou, ainda, como porta para reflexões filosóficas sobre a condição humana. Esse último é o caso do poema "Telhados" (Pozenato, 2000, p. 72), cuja segunda parte contemplamos a seguir.

Casa concha

[...] sobretudo com a concha, encontraremos toda uma série de imagens que procuraremos caracterizar como imagens primeiras, como imagens que suscitam em nós uma primitividade (Bachelard, 2000, p. 257).

Telhados
[...]
2. No materno telhado concebido
migra de tenda em tenda o peregrino
bicho da terra vil e tão pequeno.

Se casa quer casa e sombra de asas
veladoras; na rua traz bem presa
a asa negra do pára-chuva.

Morto, faz o telhado rente ao rosto
como se desabado.
Necessário ou vão
aí se acolhe tiritando.

Que salvação para esse caracol
perpétuo?
Tabernáculos eternos
que o protejam do demasiado sol.
(Pozenato, 2000, p. 72).

Afinal, quantas casas habitamos ao longo da nossa vida? Sob quais tetos já colocamos nosso ser? Explorando os telhados habitados pelo ser humano, desde a concepção até a morte, o poema de Pozenato dá voz ao desencanto ante o destino do "bicho da terra vil e tão pequeno". Nesse verso, o poema se coloca em diálogo com versos de Camões, no embate entre deuses e homens, focalizado n'*Os Lusíadas*, e de Drummond, que, no poema "As viagens", ironiza a eterna insatisfação do homem com seu estar no mundo, entre outros homens.

Composto de dois tercetos e dois quartetos, o poema traz uma sonoridade peculiar, com a presença de rimas internas e externas. A sequência de telhados perfaz o caminho do viver humano, desde o útero materno, seu primeiro telhado até a morte e depois dela. Nessa ordem e na fina ironia que orienta os versos, o poema ganha ar prosaico, seguindo a linha da vida.

Pelo uso da metonímia, os telhados denotam o todo, a casa; e o homem, desde o telhado materno, seu primeiro refúgio, migra de abrigo em abrigo, no decorrer da existência, a ponto de tornar-se "caracol perpétuo". Os versos retomam o ditado popular, segundo o qual "quem casa quer casa". Conforme os versos, se casa, o homem busca o amparo de asas, das que velam ou das que o protegem da chuva, na rua. Uma vez morto o sujeito, o telhado – talvez inútil – do caixão coloca-se próximo ao rosto, "como se desabado", casa caída, horizontal como o corpo que guarda.

A última estrofe abre-se com o questionamento: "Que salvação para esse caracol / perpétuo?", fadado a andarilhar de casa em casa, até acessar a morada eterna. Caracol é bicho a quem a exposição ao sol pode ser fatal. Por isso, a casa que ele sustenta no dorso concentra o sentido de refúgio e de proteção. Assim também o ser humano carece de uma salvação, "tabernáculos eternos / que o protejam do demasiado sol". A expressão "tabernáculos eternos", extraída do contexto bíblico, parece indicar aqui um espaço para o pós-morte, pois, nessa etapa, também o homem deseja acolhimento.

Bachelard observa o fato surpreendente de que, mesmo numa casa confortável, a consciência do bem-estar tende a apelar para comparações com animais em seus abrigos, de tal forma que "o bem-estar nos devolve à primitividade do refúgio. Fisicamente, o ser que recebeu sentimento do refúgio se fecha sobre si mesmo, se encolhe, se esconde, se oculta" (Bachelard, 2000, p. 256-257), o caracol em sua concha, tal como o homem na sua toca. A aproximação com o caracol sublinha a solidão do ser humano, que tem na casa um invólucro para si apenas e para seu ser exposto no mundo. Dada a característica de invertebrado rastejante, a imagem do caracol também traduz a fragilidade e a pequenez do ser humano. Assim, como anuncia a epígrafe que abre esta seção, os versos traduzem a precariedade e limitação do ser humano, envolto em um sentimento

primitivo de buscar, em cada fase da vida, a possibilidade prazerosa de "encolher-se no seu canto", um canto que é lugar de descanso, de segurança e de tranquilidade.

Nesse sentimento ancestral, a peregrinação "de tenda em tenda", ao longo da vida, aproxima o homem do animal, e sublinha sua definição como "bicho da terra vil e tão pequeno". Diante dele, Bachelard (2000, p. 257) exclama, em tom de surpresa: "Que soma de seres animais há no ser do homem!". A referência ao homem, nos versos, como "bicho da terra" reforça sua "baixeza", visto que pertence ao chão e nele se move, como o caracol, distante da elevação celeste. Para esse sentido, também, convergem os atributos "vil" e "pequeno", que lhe dão aspecto ainda mais desprezível, fazendo-o contrastar com o alto dos telhados, sob os quais mantém sua ilusão de estabilidade.

Há que se notar que, embora se estendam à casa como um todo, os versos focalizam o telhado, elemento que, segundo Bachelard (2000, p. 209), remete à racionalização, no corpo de imagens verticalizado representado pela casa. Isso porque o telhado revela imediatamente sua função: cobrir o homem que tem medo do céu e do sol. Além disso, assume um formato lógico, conforme requer o clima da região onde se encontra a moradia. O poema que tematiza os telhados também é construído nas vizinhanças da razão, pois carrega uma constatação distante de sentimentalismo e quase objetiva da jornada humana.

Desde o alto dos telhados das inquietações filosóficas sobre o existir humano, o movimento poético nos traz agora para o cotidiano do cenário urbano, contemplando uma perspectiva crítica sobre o arranjo das casas de subúrbio. "O aprendiz de pintor" (Pozenato, 2000, p. 32) é apresentado a seguir, em suas partes cinco e seis.

Casa colmeia

Nessa comunhão dinâmica do homem e da casa, nessa rivalidade da casa e do universo, estamos longe de qualquer referência às simples formas geométricas. A casa vivida não é uma caixa inerte. O espaço habitado transcende o espaço geométrico (Bachelard, 2000, p. 227).

O aprendiz de pintor
[...]
5. Uma casa de bairro contraria
as leis do espaço e do lugar dos corpos;
engana-se quem a mede por fora
porque dentro o espaço não se esgota.

Onde viveria um só, e espremido,
habitam largamente três famílias
em quartos inúmeros e variada
mobília: cama, armário e três poltronas.

Sobra ainda imensa eira de assoalho
em que se esmeram mãos de moça fina
com requintes de cera e esfregão:
assoalho cor de mel de tão brunido.

6. Também na forma externa é uma colméia
a casa, com suas abas e orifícios:
e aplicando-se o ouvido, vem de dentro
a zoada de numerosas palavras.

Como em casa de abelha, há o ferrão
em defesa desconfiada do recôndito:
e dentro há doçuras insuspeitadas,
fragrância de amor simples, conchegado.

E maior perícia aqui se demonstra,
que esse mel não é extrato de flores
e sim de parafusos e usinas,
flores duras e pardas, sem perfume [...].

Se um pintor de telas emprega linhas e pinceladas, o poeta cria imagens a partir de palavras singularmente arranjadas, a fim de compor o elemento focalizado, ressignificando-o. Para Eduardo Dall Alba (2000, p. 208), as formas com que o "aprendiz de pintor" compõe sua representação passam pela musicalidade essencial, rigor, clareza, leveza e, às vezes, melancolia, traços que, nesse poema, demarcam o modo peculiar com o qual a linguagem transfigura algo da paisagem cotidiana, nesse caso, a casa de subúrbio, aqui percebida a partir de ótica nova.

Enquanto, no poema anterior, o homem foi identificado como um "caracol perpétuo", aqui, temos a aproximação da moradia humana à colmeia. Cada parte do poema focaliza, em três quadras, um aspecto da casa de bairro, inicialmente o espaço interno e, na sequência, o ruído e o odor. A aproximação entre a casa e uma colmeia começa pelo espaço interno, que "não se esgota". Em uma colmeia, os favos de formato hexagonal maximizam o espaço, pois não deixam vãos entre as células. Assim também uma casa de subúrbio

acomoda internamente mais pessoas do que se imagina possível. Para além da forma geométrica, o olhar estende-se ao assoalho, que, cuidadosamente esfregado e encerado, ganha "cor de mel".

A comparação alcança, externamente, os elementos materiais que compõem a moradia: abas e orifícios; o zumbido que indica a vozearia humana; o ferrão, que protege a intimidade; a doçura do amor simples. A distinção entre a casa de subúrbio e a "casa de abelha" se faz na última quadra, quando se explicita que, diferentemente do mel em "casa de abelha", o mel da casa de subúrbio vem dos parafusos e das usinas. Nessa mudança de perspectiva do texto, mais se adensa a identificação do habitante das casas de subúrbio à figura do "operário", cujo trabalho, na região e especialmente na cidade de Caxias do Sul, é caracterizado pela produção industrial, que enseja o contexto das "flores duras, pardas e inodoras".

O cenário urbano e fabril é incorporado ao espaço íntimo, tingindo-o com seus atributos: a dureza, a cor esmaecida e a ausência de olor. Longe da inércia, a habitação vivida traduz, como indica o trecho da epígrafe que abre esta seção, a dinâmica entre a casa e seu habitante, além do trânsito entre o externo e o interno, que conduz o olhar poético, em sua perspectiva plural, sobre o espaço em foco. De fora para dentro e vice-versa, seguindo a indicação de Bachelard (2000, p. 198), o movimento propõe uma dialética do aberto e do fechado, pois, embora aparentemente encerrada em si, a moradia comunica-se com o exterior, na "zoada", que vem de dentro, na presença do ferrão, que hostiliza o que vem de fora; e, ao mesmo tempo, acolhe na intimidade o mel de "parafusos e usinas", que remetem ao ambiente de trabalho industrial. Com ferrão e mel, agressividade e afeto, tal é a casa de bairro pintada por Pozenato no poema, cuja simplicidade convive com a complexidade das relações em seu interior e entre o dentro e o fora, o privado e o público.

Nesse trajeto, temos olhado para a abordagem da casa na obra poética de Pozenato, desde a perspectiva mais ampla e geral para a mais próxima e familiar, na tentativa de desenhar um "retorno a casa" do poeta. Os poemas "Casa de pedra" (Pozenato, 2000, p. 18) e "O Berço" (Pozenato, 2000, p. 15-17) nos conduzem a um último passo, por meio do qual ingressamos no espaço da casa do passado,

delineada em "Cânticos rústicos", expressão que dá nome ao capítulo onde tais poemas podem ser encontrados.

Casa berço

Antes de ser "atirado ao mundo", como o professam os metafísicos apressados, o homem é colocado no berço da casa. E sempre, em nossos devaneios, a casa é um grande berço (Bachelard, 2000, p. 201).

Casa de pedra

Grossas taipas em pedra crua
que mãos pedregosas
em temerosos dias
juntaram do chão.
Olhos pequenos das janelas
olhando cautelosos
o azul limpo e frio, toalha
estendida em gordas montanhas.
O tempo parado
na superfície eterna das paredes.
Enquanto isso passam efêmeras
as flores na laranjeira
os vermelhos cáquis ardentes
como passam
o breve cheiro das uvas
as abóboras vulgares no esterco
atrás do chiqueiro
o galo que cantava em plena noite
como passaram
o choro do recém-nascido
a cristalina voz do menino
os sons turvados do adolescente
e (quando aconteceu?) o pigarro
a língua pesada entre escassos dentes
o silêncio final sobre que nascem lírios.

O que dizer dessa casa que o tempo não derruba, quando todo o restante passa, senão que ela é feita de pedra? Não apenas figurativa, mas materialmente, a casa resiste, em suas grossas taipas de pedras cruas, como pedregosas foram as mãos, duras e calosas, que as ergueram a partir do nada. Na superfície eterna das paredes, o tempo está parado, não se move, e sua permanência contrasta com a efemeridade que caracteriza os elementos no entorno: flores, frutos, legumes, animais, em seus cheiros, cores e sons.

Ao enfocar o que passa, primeiramente, o poeta menciona o que se vê, as flores (elementos da paisagem) e as cores; depois, aquilo de

que se sente o cheiro, as uvas, as abóboras atrás do chiqueiro; e, por fim, o que se ouve. Sobre o ressoar das vozes do passado, Bachelard (2000, p. 263) indaga: "Para quem sabe escutar a casa do passado, não será ela uma geometria de ecos?". Compõem a geometria de ecos dessa casa de pedras visitada: o galo, cujo canto invadia a noite, e os sons que perfazem as etapas da vida humana, em uma gradação descendente: "o choro do recém-nascido / a voz cristalina do menino / os sons turvados do adolescente", o pigarro, a pouca fala e, por fim, o silêncio da morte. A ausência de vida na casa pode ser lida na ausência de sons, no "silêncio final", solo sobre o qual brotam lírios. Esse nascimento, por sua vez, aponta que a vida tem seguimento, a partir da efemeridade. A casa é sempre a mesma, enquanto a vida no entorno vai encontrando outras formas de se materializar.

Enquanto o que tem vida perece, fica a casa de pedra crua, matéria dura. Os olhos das janelas, pequenos, olham cautelosos para o exterior. Bachelard reflete sobre a humanização da "casa que olha para fora", que vigia: com seus olhos abertos, "a casa é humana. Ela vê, como um homem" (Bachelard, 2000, p. 219). O homem que constrói uma casa de pedra constrói uma fortaleza. Está, pois, de mãos dadas com o medo, vivendo "dias temerosos". Se, externamente, o cenário inspira prudência, a superfície das paredes é eterna. Nelas, o tempo está parado. A estagnação do tempo, nas paredes da casa, materializa o desejo de segurança e traduz a resistência da matéria, visto que ultrapassa a vida que a erigiu e habitou. Traduz também a resistência da memória que conserva a casa, depois dos silêncios, e a restitui no presente, pela voz poética. O olhar do poeta sobre a casa que olha contempla a visão de fora, exterior, uma vez que o sujeito poético não se coloca na cena, senão como observador.

Diferente é o que se percebe no poema transcrito a seguir, em cujos versos o eu-lírico se coloca em primeira pessoa, diante de um cenário familiar, que o sujeito vai "costurando" com o olhar, enquanto se move pela "estrada de barro e saibro". O tom emotivo e saudoso convida o leitor a desdobrar o olhar sobre a paisagem.

O berço

Pela estrada de barro e saibro
vou enfiando no fio de linha
dos olhos frágeis
o verde pasto das vacas
do velho Bôrtolo,
o parreiral armado nos arames
do excelente Sezefredo,
os pés de ervilha presos nas estacas
do abastado Fioravante.

No fio tenso e comovido,
prestes a romper-se
em riso e choro francos,
vou ainda costurando
(pela estrada de barro)

esse capitel cheio de musgo,
a comare endomingada
com o frango na cesta
de ouro e palha;

esse boi imemorial
(ou seu fantasma talvez)
puxando (o arado? não)
a imemorial charrua
abrindo os sulcos da vida
ao lado do trator
duro, feio e pestilento;

esse pombal misterioso
em seu claro labirinto
de janelas que são portas
para o vôo.

E essa casa

E essa casa
(à beira da estrada de barro)
os retratos na parede,
o cheiro de cinza e fogo,
o ruído surdo de um berço
balançando
balançando
no escuro rumor de um quarto
sob os cuidados da *Madonna*
e do *Angelo Custode*.

E nessa casa
os mortos mais do que vivos
sentando junto ao fogão,
tomando vinho na mesa,
comendo queijo e polenta.

E no sótão dessa casa
os fantasmas empoeirados
de um tempo ido e desfeito
lamparinas, rosa sem fuso,

cadeiras sem palha, baldes, –
objetos de mãos já mortas.

E no porão dessa casa
a cantina fria e úmida
com dez pipas vazias,
o limpador de milho entre ratos
sem milho para roer,
o caixão do trigo guardando
apenas sombras e bolor,
os raros queijos suspensos
sobre tábuas gordurosas
esperando a criança crescer
e talvez sobreviver
entre os destroços do mundo,
à beira da estrada de saibro
e barro.
(Pozenato, 2000, p. 15-17).

Ao longo do caminho, "o fio de linha dos olhos frágeis" do sujeito poético vai enlaçando os elementos que se sucedem na paisagem rural e bucólica: o pasto das vacas, o parreiral e a plantação de homens conhecidos por seus nomes; o capitel e a mulher em roupa de domingo, o boi, a charrua e o trator, e, por fim, o pombal, nas cercanias da casa. O trajeto é de aproximação, pois o objetivo do caminho é chegar a casa à beira da estrada, cuja figura ocupa toda a segunda parte do poema. A repetição do pronome demonstrativo "E essa casa", "E nessa casa" e "dessa casa", no início de cada estrofe subsequente encaminha a passagem do exterior para o interior da casa, e sinaliza a relevância da construção, como se ela nos fosse apontada pelo sujeito.

Ao nomear figuras e elementos em tom de emotivo reconhecimento, entende-se que se trata de um retorno do sujeito poético a um espaço significativo em sua memória, talvez sua casa natal, espaço inaugural de segurança, ninho. Bachelard observa que tende a haver um lamento no canto de ternura que acompanha o retorno a casa: "Se se volta à velha casa como se retorna ao ninho, é porque as recordações são dos sonhos, é porque a casa do passado transformou-se numa grande imagem, a grande imagem das intimidades perdidas" (Bachelard, 2000, p. 262). Notas melancólicas marcam o olhar do sujeito para as coisas que restaram de um tempo que passou, como de alguém que distingue objetos nutridos de afeto, quebrados, em meio a escombros.

E que intimidades perdidas guarda o interior dessa casa? Dados que remetem à vida familiar e que reforçam o pertencimento à cultura da imigração italiana, já inscrito em outros elementos da paisagem, mencionados no decorrer da estrada. Demarcam a inscrição da casa, nesse contexto, os santos que guardam o berço, os alimentos servidos à mesa, assim como objetos do sótão e do porão, e alguns dos seus nomes, como a própria "cantina". A ambientação da casa é marcada pela ausência: "os mortos mais do que vivos" protagonizam ações no gerúndio, as quais indiciam o processo de passagem: "sentando", "tomando", "comendo".

No sótão, objetos em desuso, pertencentes a "mãos já mortas", são percebidos como "fantasmas empoeirados / de um tempo ido e desfeito", em que o pretérito perfeito em "ido" e "desfeito" denota o término definitivo de uma época; época na qual tais objetos faziam sentido e eram usados. Além da referência à morte, o uso recorrente da preposição "sem" denota o sentimento de perda, sinalizando o esboroamento de um mundo, agora em "destroços": "roca sem fuso", "cadeiras sem palha", "o limpador de milho entre ratos, / sem milho pra roer"; além disso, há "dez pipas vazias", "o caixão do trigo guardando / apenas sombras e bolor" e "raros queijos", no porão.

Enfim, se o tempo está perdido, o espaço dá abrigo a uma série de fósseis, lembranças de usos e práticas, objetos e representações. Assim, a complexidade da casa revisitada, com seu sótão e porão, oferece cômodos plurais, refúgios para a memória e, nesse movimento, enseja espaços estáveis para o sujeito se colocar e atuar. Bachelard (2000, p. 202) observa que:

> é graças à casa que um grande número de nossas lembranças estão guardadas e se a casa se complica um pouco, se tem porão e sótão, cantos e corredores, nossas lembranças têm refúgios cada vez mais bem caracterizados. Voltamos a eles durante toda a vida em nossos devaneios. [...] No teatro do passado que é a nossa memória, o cenário mantém os personagens em seu papel dominante. Às vezes acreditamos conhecer-nos no tempo, ao passo que se conhece apenas uma série de fixações nos espaços da estabilidade do ser, de um ser que não quer passar no tempo, que no próprio passado, quando vai em busca do tempo perdido, quer "suspender" o vôo do tempo. Em seus mil alvéolos, o espaço retém o tempo comprimido. O espaço serve para isso.

Para (re)conhecer-se no tempo é que o sujeito retorna a sua casa do passado, onde o tempo está comprimido e suspenso o seu

voo. No coração da casa, guardado no recôndito por santos, um berço balança. Trata-se de um elemento central, não apenas em sua disposição na cena, mas em sua relevância, visto que dá título ao poema. Todo o entorno espera que cresça a criança que ocupa o berço e, talvez, sobreviva a esse mundo em ruínas.

O berço está no escuro rumor de um quarto, no térreo da casa, e é um dos primeiros elementos notados no interior da construção. Mas o sujeito poético menciona sua ocupante, a criança, apenas ao final da visita ao porão. O porão está ligado ao inconsciente e às profundezas do ser. É onde o medo mais perdura, visto que ali é sempre escuro, embora exteriormente seja dia. A "cantina" fria e úmida, em sua característica de estar escavada no solo, remete à caverna e ao temor mais antigo do homem, "medo antropocósmico que faz eco à grande lenda do homem diante das situações primitivas" (Bachelard, 2000, p. 212). Essa criança que o berço balança coincide com o eu poético, que agora retorna comovido àquele espaço. Como indica a epígrafe, no início desta seção, o espaço da casa e, aqui, também o cenário dos arredores, ganha contornos de berço, tendo seu significado redimensionado e amplificado para acolher as memórias do sujeito e permitir-lhe reviver os temores de existir no tempo.

Vê-se como o poema vai desenhando um movimento circular, pois, ao mencionar, na visita ao porão, a criança que o berço balança, traz o princípio para o fim. Os versos sugerem uma ameaça que paira sobre essa criança, a qual "talvez" sobreviva entre os destroços do mundo. Contrastando com o berço, o porão aproxima-se do espaço tumular: frio, úmido, subterrâneo, onde há sombras e bolor. Completando a circularidade do texto, os versos finais retornam à "estrada de saibro / e barro", onde o sujeito poético iniciou sua incursão. Trata-se, pois, da incursão de um sobrevivente, que suplantou o próprio berço e agora a ele regressa, em expedição às provas da sua existência.

Casas do leitor

Voltemos, também nós, ao início desse percurso, quando nos propusemos a revisitar algumas das casas edificadas por Pozenato, com matéria poética. Concha, colmeia e berço: as imagens emer-

gentes de alguns dos poemas de *Mapa de viagem: poesia reunida*, aqui colocados em foco, permitiram-nos adentrar tais moradas e compreender suas estruturas, a partir de reflexões de Bachelard. Nos poemas em que ingressamos, o emprego exato das palavras, em arranjos singulares, transformou as casas em espaços para se pensar e viver o estar no mundo. Ao se desdobrar em imagens plurais e abertas, a casa se torna, ela mesma, mapa do ser humano, revelando, no recôndito dos aposentos, sua intimidade protegida, seus temores primitivos, seus sentidos no tempo e para além dele.

Ingressando em tais moradas, junto ao sujeito poético, reconhecemo-nos na busca primitiva por um telhado que seja refúgio, concha de caracol para o homem; sentimos o ferrão e o mel, nas relações que se estabelecem interna e externamente à colmeia, casa de subúrbio; empreendemos o retorno ao berço, território da memória e do tempo perdido. Em companhia do eu poético, podemos, enfim, habitar tais casas, como seus donos, e ser por elas habitados, em nossa humanidade. Cumprem-se, assim, os versos da epígrafe que fizemos de porta para este breve estudo: a canção ultrapassa o poeta, anda livre no espaço e enche os lares que nos constituem, na linguagem, na imaginação, na memória, no pensar e sentir humanos.

Referências

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. Tradução de Antonio de Paula Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

DALL'ALBA, Eduardo. A Poesia de José Clemente Pozenato. *In*: POZENATO, José Clemente. **Mapa de viagem:** poesia reunida. Caxias do Sul: Educs, 2000. p. 205-208.

MARANGONI, Marli Cristina Tasca; RAMOS, Flávia Brocchetto. Um estatuto para a poesia infantil contemporânea: reflexões a partir do PNBE. **Estudos De Literatura Brasileira Contemporânea**, n. 50, p. 330-350; 2017. Disponível em: https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/10184. Acesso em: 20 nov. 2025.

MARANGONI, Marli Cristina Tasca; RAMOS, Flávia Brocchetto. Poesia: uma casa para as infâncias. **Signo**, Santa Cruz do Sul, v. 45, n. 83, p. 37-48, maio/ago. 2020. Disponível em: https://seer.unisc.br/index.php/signo/article/view/14742. Acesso em: 20 out. 2025.

POZENATO, José Clemente. **Mapa de viagem:** poesia reunida. Caxias do Sul: Educs, 2000.

Itinerários do livro e da leitura em *A Cocanha*, de José Clemente Pozenato: práticas sociais, culturais e afetivas

Samira Dall'Agnol[38]

– Também não tenho muitos livros. Pesam muito na bagagem. Mas trouxe alguns. Não quer ler "I promessi sposi"? É um belo romance.
– Romance? – pergunta ela, como se dissesse uma palavra proibida.
A Cocanha (*Pozenato*, 2011, p. 143)

Entre livros e vidas: Pozenato e a Sociologia da Leitura

José Clemente Pozenato ocupa lugar de destaque na literatura sul-rio-grandense contemporânea, tanto pela representação ficcional da imigração italiana e de seus desdobramentos culturais no Rio Grande do Sul quanto pela capacidade de articular história, memória e identidade em sua produção literária e ensaística. Pozenato consolidou-se como uma das vozes mais expressivas da vida cultural do Rio Grande do Sul. Iniciou sua formação acadêmica em Filosofia na Faculdade Nossa Senhora da Imaculada Conceição e, posteriormente, enveredou para o campo literário, conquistando o título de mestre em Estudos de Literatura Brasileira na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e, mais tarde, de doutor em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).

Sua atuação rendeu reconhecimento público e institucional. Em 1991, recebeu da Câmara de Vereadores de Caxias do Sul – RS o título de Cidadão Caxiense, e, em 2022, foi homenageado com a Medalha Simões Lopes Neto, distinção concedida a personalidades que fortalecem a cultura e a educação no estado do Rio Grande do Sul. Além disso, foi membro da Academia Sul-Brasileira de Letras

[38] Doutora em Letras pela Universidade de Caxias do Sul/UniRitter (2021). Docente do curso de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Letras e Cultura da Universidade de Caxias do Sul.

e da Academia Rio-Grandense de Letras, exerceu a presidência do Conselho Estadual de Cultura e esteve à frente da Secretaria de Cultura de Caxias do Sul, sempre articulando literatura, gestão cultural e vida pública.

Dentre outras obras publicadas pelo autor no período de 1967 a 2008, destacam-se *Matrícula* (1967), como obra poética; *O caso do martelo* (1985), novela policial que recebeu adaptação para televisão; *O Quatrilho* (1985), romance histórico adaptado para o cinema e indicado para o Oscar de Melhor Filme Internacional em 1996; *A Cocanha* (2011), obra em análise neste ensaio e prequela do romance histórico *O Quatrilho*; e *A Babilônia* (2006), sequência dos romances históricos anteriores (Acadêmicos..., [2025]). Apesar de o enredo do romance *A Cocanha* focalizar um grupo de imigrantes que deixam o velho continente para recomeçar a vida em novas terras, a obra oferece também um rico panorama sobre o papel do livro e da leitura em diferentes práticas sociais e afetivas, mesmo que a grande temática que envolva a obra, como dito, seja a questão da imigração.

A escolha deste *corpus* de análise se deve, em parte, ao percurso acadêmico da autora, que teve em Pozenato um de seus mestres. Esse vínculo, mais do que uma lembrança pessoal, reforça a relevância de retomar sua obra à luz de perspectivas contemporâneas, como a Sociologia da Leitura, campo que articula os estudos literários a questões sociais e culturais.

Assim, este ensaio crítico propõe investigar de que maneira o livro e a leitura são representados em *A Cocanha* como mediadores de experiências individuais e coletivas, revelando tensões entre projetos de civilização, memória cultural e desejos pessoais. O foco recai sobre dois núcleos narrativos: os funcionários públicos letrados, como José Bernardino, em que o livro se associa à distinção social e ao poder simbólico (Bourdieu, 1983); e os imigrantes italianos, como Domênico e Giulieta, em que a materialidade do impresso se vincula à subjetividade e ao afeto.

Sendo assim, coloca-se como questão: de que forma a presença do livro em *A Cocanha* (2011) evidencia as desigualdades de acesso, os diferentes usos e os múltiplos sentidos da leitura? A miúde, o problema deste ensaio crítico também transita na tentativa de compreender em que medida o romance sugere que, para os funcio-

nários públicos, o livro se associa à produção intelectual, ao registro histórico e à legitimação cultural, enquanto, entre os imigrantes, ele se converte em espaço de desejo, sedução e memória – deslocando a leitura de uma esfera pública de poder para uma esfera íntima de subjetividade.

A análise adota uma abordagem interpretativa de caráter qualitativo, centrada na leitura atenta de trechos selecionados do romance que tematizam explicitamente o livro, a leitura, o fazer literário e as práticas de leitura. O procedimento envolve observar como esses fragmentos se articulam às práticas sociais dos personagens e aos contextos narrativos, permitindo perceber como a leitura transita entre diferentes esferas (da educação formal à intimidade doméstica) e espaços (públicos e privados, eruditos e cotidianos), revelando a complexidade de suas funções culturais e afetivas. Ao examinar essas trajetórias, o texto visa contribuir para a reflexão no campo da Sociologia da Leitura, mostrando de que maneira o livro, como objeto cultural, articula distinção, mediação e afetividade nos contextos dessa narrativa de Pozenato.

Entre erudição e distinção: o livro como capital cultural

A obra de Pierre Bourdieu oferece um instrumental decisivo para compreender as relações entre cultura, poder e distinção social. Ao propor a noção de capital cultural, o sociólogo evidencia que bens simbólicos, como o conhecimento, o gosto e, especialmente, o livro, não se distribuem de modo neutro na sociedade, mas funcionam como mecanismos de diferenciação e legitimação. Em *As regras da arte* (1996), Bourdieu examina o modo como o universo literário se constitui em campo relativamente autônomo, estruturado por lógicas próprias, porém conectado a um espaço mais amplo de forças sociais: o campo do poder. É nesse entrecruzamento que o livro adquire valor não apenas estético, mas também social, convertendo-se em signo de prestígio e forma de consagração simbólica.

No romance *A Cocanha*, de Pozenato, evidencia-se que, no núcleo dos funcionários públicos, o livro funciona como capital cultural, conferindo prestígio, distinção e poder simbólico. A leitura

se manifesta não apenas como prática individual, mas como instrumento de sociabilidade e construção de identidade dentro do grupo.

Nesse sentido, Bourdieu, em *A distinção: crítica social do julgamento* (2014), argumenta que o gosto é moldado pelas posições sociais e culturais dos indivíduos, os quais, por sua vez, são influenciados pela educação, pelo ambiente familiar, pela própria posição social e econômica, dentre outros fatores. O sociólogo aprofunda essa lógica ao analisar o modo como os diferentes campos – entre eles o artístico, o literário e o burocrático – se organizam segundo relações de força e disputas simbólicas.

> Ainda era cedo para comparecer ao trabalho. Abriu a mala dos livros e viu que tinha posto ali, por cima deles, o feixe de papel almaço a que dera o título de "Memórias de um Rebelde"... Também no campo das ideias literárias, José Bernardino via-se um rebelde... O maior impacto viera da última obra de Machado de Assis... (Pozenato, 2011, p. 164).

O excerto citado pertence a esse esforço de compreensão da estrutura social como rede de campos relativamente autônomos, interligados pelo que o autor denomina campo do poder, espaço em que se confrontam agentes e instituições que detêm formas distintas de capital econômico, social, cultural ou simbólico e lutam pela legitimidade e pela capacidade de impor valores reconhecidos como universais. Nesse contexto, a posse e a valorização do livro entre funcionários públicos podem ser compreendidas como formas de inserção nesse campo mais amplo de prestígio e autoridade simbólica. O capital cultural materializado no impresso opera, assim, como marca de distinção, sinalizando pertencimento a uma elite letrada e reforçando hierarquias internas ao grupo. Conforme postula o sociólogo francês: "o campo do poder é o espaço das relações de força entre agentes ou instituições que têm em comum possuir o capital necessário para ocupar posições dominantes nos diferentes campos" (Bourdieu, 1996, p. 246).

O autor reitera a ideia de que os padrões culturais são perpetuados por meio de sistemas de classificação e legitimação e no modo como os indivíduos apropriam-se do gosto como um símbolo de distinção social (Bourdieu, 2014). Na obra em análise, passagens em que são citados saraus, encontros literários e debates demonstram como o texto literário articula relações sociais e culturais:

> Além do jogo de bilhar, a poesia era o passatempo de que dispunham, um refúgio para a vida da inteligência. Havia diversos funcionários letrados, além de Bento. Carlos de Lavra Pinto, o desenhista, fora também membro do Partenon Literário, na capital da Província (Pozenato, 2011, p. 206).

Para esse grupo de funcionários públicos, a literatura funciona como uma marca de *status* e de prestígio social, destacando-os dos demais indivíduos e, principalmente, contribuindo para diferenciá-los dos imigrantes que chegavam, na perspectiva desse grupo letrado, sem referências literárias ou culturais.

Entretanto, mal sabiam esses servidores públicos que também os imigrantes compreendiam o valor do texto literário – talvez em outras proporções ou a partir de outro ponto de vista. No entanto, havia um apreço que é revelado pela ação de alguns personagens no romance:

> Roco gostava de acompanhar os saraus, no grupo de trás dos assistentes. Ali ele se dava conta de como era difícil a língua portuguesa, com tantas palavras estranhas. Mas era bonito ver como os poetas faziam os seus versos e os diziam com entusiasmo. Mais interessante do que ver um jogo de bilhar (Pozenato, 2011, p. 207).

Como dito, entre os funcionários públicos, o livro se apresenta como marcador de distinção social e cultural, articulando produção intelectual, documentação histórica e legitimação simbólica (Bourdieu, 2014). Para os imigrantes, o envolvimento com contextos em que a linguagem literária está presente despertava certa sensibilidade estética e linguística, uma vez que estavam tendo contato com um novo idioma, de sons, estrutura e sentido bastante diverso do seu de origem.

Além da dimensão social, o livro emerge como instrumento de construção cultural e identidade erudita. Na obra, José Bernardino exemplifica esse vínculo:

> O poeta e escriturário da Fazenda, José Bernardino, acabou de escanhoar o queixo na frente do espelho emoldurado em metal, lembrança de um amigo de Porto Alegre. Chegara na véspera, depois de cavalgar um dia inteiro por picadas no meio do mato. *Selva selvaggia ed aspra e forte*. O verso de Dante Alighieri soara em seus ouvidos ao longo de toda a jornada (Pozenato, 2011, p. 162).

A leitura de autores clássicos e a produção de escritos próprios revelam o livro como ferramenta de legitimação intelectual, capaz de afirmar um lugar social e cultural dentro do universo letrado.

Corrobora tal análise a proposta de Bourdieu (2014) ao destacar a importância do capital cultural na construção da identidade social. O sociólogo demonstra como os indivíduos que possuem maior capital cultural têm mais chances de alcançar posições de poder e de prestígio na sociedade.

Em *A Cocanha*, José Bernardino nutre sonhos de compor seu próprio legado literário. Percebia, por suas vivências e interações com os colonos, faíscas que poderiam dar origem ao seu romance inaugural. Entretanto, não abandonava sua função governamental e seu papel na consolidação da vida desses imigrantes nas novas terras:

> Começava a ser testemunha de uma civilização nascente. Conferiu a caneta, o tinteiro, as resmas de papel. Não escreveria ali nenhuma obra literária, apenas registros burocráticos. Mas, pensando bem, isso tinha até mais sentido. Cada uma das palavras ou números que escrevesse, estaria interferindo na vida e nos sonhos de pessoas reais, de carne e osso, e não de meros fantoches (Pozenato, 2011, p. 165).

Ao tensionar a distância entre a erudição dos funcionários públicos e a sensibilidade dos imigrantes, *A Cocanha* evidencia o quanto a cultura letrada pode funcionar como dispositivo de poder e exclusão simbólica. Pozenato constrói, com fina ironia, uma crítica às hierarquias culturais que definem quem detém a legitimidade do saber e quem apenas o contempla de fora. Nesse sentido, a própria língua portuguesa surge como forma de capital simbólico – e, simultaneamente, de violência simbólica –, marcando o pertencimento ao campo dos letrados e impondo aos imigrantes a necessidade de incorporar um novo *habitus* linguístico. Ao mesmo tempo, o romance sugere que essa fronteira é porosa: a escuta atenta e o fascínio de Roco diante da poesia revelam que o gesto estético não é monopólio dos eruditos, mas expressão de uma sensibilidade universal que atravessa classes e idiomas. Assim, a obra de Pozenato não apenas representa o capital cultural em ação, mas o interroga, expondo as fissuras e ambiguidades que sustentam as formas de distinção.

Afetos impressos: leitura, desejo e memória entre imigrantes

O texto literário assume dimensões de subjetividade, desejo e lembrança, mediando encontros, afetos e projeções de futuro a partir da perspectiva dos imigrantes. Segundo Iser (1996), os diferentes leitores são afetados de modos distintos pela mesma obra, fato que evidencia o nível no qual o texto literário transforma a leitura em um processo criativo, infinitamente superior à simples percepção do que está escrito.

Conforme a perspectiva da Estética da Recepção, o texto passa informações distintas para leitores diversos, e cada leitor insere suas interpretações à obra e dela também obtém efeitos diversos, constantes e em variados contextos. Sob essa ótica, o leitor é produtor de sentido e a verdade está sempre por ser construída. O texto, assim, começa a ser o ponto de interseção entre dois sujeitos, leitor/autor, que se relacionam a partir de outro sujeito, o texto.

Iser (1996) salienta ainda que, a leitura literária é uma construção ininterrupta de ilusões, apesar de não afastar o leitor da realidade. Pelo contrário, o induz a conhecê-la, a questioná-la e a refletir sobre ela. A formação de ilusões durante a leitura permite que o mundo não familiar do texto se torne conhecido aos poucos, a partir da construção de inferências, da criação de hipóteses e do estabelecimento de relações (Iser, 1996). Um exemplo contido em *A Cocanha* está na personagem Giulieta: "Giulieta fechou o livro e suspirou. Era triste, sim, estar longe da aldeia natal. O pior era não ter o consolo de um dia voltar com as mãos cheias de riqueza. Não devia voltar a ler esse livro. Ele lhe estava fazendo mal" (Pozenato, 2011, p. 161).

Além disso, a memória e a percepção estão essencialmente envolvidas no processo de leitura. Isso explica as razões pelas quais o leitor se sente frequentemente envolvido em eventos narrados – que são reais apenas em sua mente. Ou seja, a mente humana tende a mesclar o que foi vivido ou lido, e essas lembranças ficarão registradas no mesmo local. Assim, o leitor é encorajado, a revelar-se a fim de experimentar uma realidade que não é a sua. É somente ao deixar para trás o conhecido que o leitor conseguirá se entregar à aventura

que o texto literário lhe oferece. É o que comumente se entende por "deixar-se levar pela história". A obra de Pozenato ilustra essas relações a partir do contato entre Domênico e Giulieta. Nesta primeira passagem, Domênico se entrega à leitura e vivencia o envolvimento amoroso dos personagens do mesmo livro, deixando-se levar pela história, apesar de já conhecê-la: "O único passatempo era sentar na proa, como agora, de costas para o sol, com um livro nas mãos. Mesmo já sabendo a história, gostava de " as peripécias de Renzo, no *I promessi sposi* de Alessandro Manzoni" (Pozenato, 2011, p. 52).

Já num segundo excerto, Domênico acredita que, ao emprestar o romance a Giulieta, poderia induzi-la a querer vivenciar as mesmas aventuras amorosas que os personagens do romance italiano viviam naquela narrativa:

> Tinha ficado com o seu livro. Quem sabe se a história de Renzo e Lucia não lhe estava pondo ideias na cabeça. No dia em que viesse devolver o livro – se é que o faria pessoalmente – podiam ter uma boa conversa para trocar impressões. E aí a convidaria para fazer um retrato, num lugar bonito (Pozenato, 2011, p. 154).

Outro aspecto importante em relação à circulação do livro, por meio de empréstimo, guarda ou recusa, evidencia práticas relacionais que conferem valor social e simbólico ao objeto (Chartier, 1994). A literatura é assunto, seja por revelar uma vivência anterior, um desejo de conhecer ou mesmo a intenção da partilha. Nos trechos a seguir, Domênico e Giulieta interagem por conta do empréstimo de livros:

> – Se quiser, posso lhe emprestar algum livro. – Eu só tenho um livro, é de História Antiga – diz ela, parecendo também interessada. *A loba, Rômulo e Remo* (Pozenato, 2011, p. 142).
> [...]
> – Também não tenho muitos livros. Pesam muito na bagagem. Mas trouxe alguns. Não quer ler *I promessi sposi*? É um belo romance. – Romance? – pergunta ela, como se dissesse uma palavra proibida (Pozenato, 2011, p. 143).

O empréstimo do romance *I promessi sposi* evidencia o livro como mediador de encontros e de seduções. Ao oferecer o romance a Giulieta, Domênico cria um espaço de intimidade e diálogo, aproximando-se da interlocutora e compartilhando experiências literárias. Esse gesto revela o caráter relacional da leitura, mostrando que o livro circula como instrumento de aproximação, criando vínculos afetivos e projeções de futuro.

O livro, no entanto, também carrega riscos de frustração e desilusão amorosa, funcionando como mediador de expectativas não correspondidas. Giulieta experimenta prazer estético e aprendizado, mas também sofrimento e desencanto. A guarda do romance no fundo do baú simboliza o término de uma fase afetiva e a morte da ilusão, transformando o livro em recordação de um amor que se revelou enganoso:

> Giulieta abriu o velho baú para guardar a peça de chita. Então lembrou-se de procurar, bem no fundo, o romance que Domênico lhe emprestara. [...] Segurou o livro entre as mãos, se perguntando que trechos gostaria de tornar a ler agora. Mas nenhum lhe despertava interesse. Era como se aquela história estivesse morta e seca dentro da capa de papel grosso. Não abriu o livro nem para folhear. Guardou-o de novo no fundo do baú, quase como se o tivesse enterrado. Não ficava de todo sepultado. Continuava apenas guardado, agora sem esperança de que dele nascesse alguma coisa. Ficava guardado como lembrança de um tempo em que se sentiu de fato mulher, mesmo que Domênico a estivesse enganando, como agora tinha o desgosto de descobrir (Pozenato, 2011, p. 306-307).

Esse percurso do livro entre mãos e espaços demonstra a tensão entre expectativa, fruição e memória afetiva, reforçando o argumento de que, entre os imigrantes italianos, o livro é central para a experiência íntima e emocional, mais do que para a distinção social ou poder simbólico (Bourdieu, 2014).

Assim, mesmo que o que esteja em análise sejam personagens leitores, permitir-se experimentar uma obra literária, atualizando a leitura daquele texto ou reinterpretando-o a partir de novos olhares exemplifica a definição de leitor como indivíduo imerso em experiências literárias. Indo além, pode-se compreender que estar entre pares, compartilhar impressões, comentar e recomendar leituras também são práticas de leitura que compõem a figura do leitor como um sujeito submetido a um contexto. Ou seja, as circunstâncias reais dos leitores como sujeitos sociais continuarão a ser vivenciadas. Talvez, em função da experiência de leitura literária, seja factível aos leitores encontrar soluções, perceber novos caminhos, revigorar os ânimos. Portanto, cada leitor poderá produzir sentidos distintos, em virtude de suas próprias experiências de vida, de suas emoções em relação à obra, enfim, em coerência com sua personalidade, sua experiência e seu contexto.

Leitura e deslocamento: o livro como metáfora da imigração

Entre os imigrantes recém-chegados no Brasil presentes em *A Cocanha*, a leitura assume função simbólica que ultrapassa o mero lazer ou aprendizado: o livro torna-se metáfora do deslocamento cultural, da nostalgia e da tentativa de manter vínculos com a terra natal. A releitura de obras como *I promessi sposi* de Manzoni ou de versos de Dante Alighieri revela tanto o desejo de conexão com a Itália quanto a consciência da distância e da impossibilidade de retorno. O gesto de reler histórias conhecidas enquanto se vive em um espaço estrangeiro ilustra como a literatura articula afeto com memórias e identidades culturais, funcionando como uma "âncora" simbólica em solo brasileiro: "O único passatempo era sentar na proa [...]. Mesmo já sabendo a história, gostava de reler as peripécias de Renzo, no *I promessi sposi*..." (Pozenato, 2011, p. 52).

A prática de registro, no diário de viagem, mostra que o livro e a leitura participam ativamente do processo de adaptação cultural. "As palavras também. Domênico esperava ainda se lembrar delas para anotá-las no diário" (Pozenato, 2011, p. 72).

Tanto o livro, como objeto, quanto a leitura, como ato, permitem que os imigrantes reflitam sobre a experiência do desenraizamento, mediando sentimentos de pertencimento e deslocamento. Até mesmo a preparação para a viagem, com passaportes e expectativas de chegada, reforça a leitura como metáfora do trajeto físico e simbólico dos personagens:

> Continuava ali, bem seguro, dobrado e enrolado em papel de embrulho, o passaporte. Sabia de cor o que estava escrito nele, inclusive o número. Gardone, Aurélio, oriundo de Roncà em Verona e com destino para a América, em companhia de Rosa, sua mulher (Pozenato, 2011, p. 13).

Nesse sentido, a experiência da leitura se confunde com a própria experiência da vida migrante: ambas implicam deslocamento, tradução e reconstrução de sentido. Como observa Alfredo Bosi,

> uma teoria da cultura brasileira [...] terá como sua matéria-prima o cotidiano físico, simbólico e imaginário dos homens que vivem no Brasil. [...] No caso da cultura popular, não há uma separação entre uma esfera puramente material da existência e uma esfera

> espiritual ou simbólica. Cultura popular implica modos de viver [...] (Bosi, 1987, p. 323).

A leitura, em *A Cocanha*, é uma dessas práticas que condensam o material e o simbólico: gesto cotidiano, mas também ritual de pertencimento e resistência, no qual a palavra estrangeira se converte em espaço de memória e de reinvenção identitária.

Nessa perspectiva, a presença dos imigrantes italianos ultrapassa o registro histórico da colonização e inscreve-se como parte constitutiva da formação cultural do Brasil. A leitura, a oralidade, as práticas religiosas, os cantos e as narrativas herdadas da terra de origem integram o vasto repertório simbólico que contribuiu para a construção da nação brasileira – diversa, multiétnica e continuamente em movimento. A contribuição desses imigrantes, não apenas econômica, mas estética e imaginária, ajudou a moldar os modos de sentir e narrar do Brasil, projetando no novo território uma tessitura de referências literárias, linguísticas e culturais que, ainda hoje, continuam a florescer em múltiplas expressões da arte e da vida cotidiana.

Entre páginas e passagens: o livro como experiência social

No romance *A Cocanha*, o livro emerge simultaneamente como bem escasso e como capital simbólico, revelando tensões entre o acesso limitado a impressos e o valor social que sua posse confere aos personagens. Observa-se a distinção entre leituras pragmáticas ou utilitárias (religiosas, escolares ou técnicas) e leituras estéticas, voltadas à fruição de romances e de poesia, capazes de proporcionar prazer, imaginação e reflexão sobre as experiências de vida. A escrita acompanha essas práticas, operando tanto como registro íntimo – diários, anotações e relatos pessoais – quanto como projeto literário ou ensaio crítico, atividades que podem ser frustradas diante do desencanto ou da impossibilidade de concretização de ambições criativas. Assim, livros, leitura e escrita literária no romance se apresentam como instrumentos multifacetados, atravessando esferas sociais e íntimas, articulando distinção, afetividade, lembranças e desejos de autoria.

A leitura de *A Cocanha* permite reconhecer como o livro, mais do que simples suporte material, torna-se marcador de distinção cultural e instrumento de legitimação simbólica no universo dos funcionários públicos letrados. Nas mãos de personagens como José Bernardino, o impresso associa-se à produção intelectual e à autoridade social. A escrita de memórias e o gesto de citar Dante ou Machado revelam um uso que associa o livro à legitimação de poder e à construção de uma identidade letrada, servindo como índice de escolaridade e capital cultural, em consonância com o que aponta Bourdieu (2014). O livro, nesse contexto, além de fonte de conhecimento, é também sinal de pertencimento a uma elite que se diferencia dos demais grupos sociais.

Entre os colonos, contudo, o impresso assume outra dimensão. A leitura surge como espaço de subjetividade, desejo e recordação, instaurando laços afetivos e íntimos que escapam às lógicas de distinção social. A guarda, o empréstimo ou até a recusa do livro revelam práticas relacionais que dão forma a experiências de pertença, de saudade e de projeção de futuro. Nesse âmbito, o impresso não se restringe à esfera da erudição: ele é, sobretudo, mediador de encontros, de afetos e de lembranças, aproximando-se das experiências estéticas delineadas por Iser (1996).

Nesse núcleo, representado por Domênico e Giulieta, o livro assume um valor distinto: afetivo, formativo e até erótico[39]. Domênico conquista Giulieta por meio do empréstimo do romance *I Promessi Sposi* e das conversas que se desenrolam em torno da obra, estabelecendo vínculos que transcendem o conteúdo literário. Nesse contexto, o livro se constitui principalmente como objeto de circulação íntima, capaz de aproximar ou afastar personagens, desempenhando uma função relacional e afetiva mais do que um instrumento de poder político ou de distinção social.

O livro, em *A Cocanha*, revela sua complexidade como objeto cultural, ao transitar pelos diferentes polos: o erudito e o cotidiano, o público e o privado, a legitimação e o afeto. Entre práticas sociais distintas, o livro se move, ora reforçando hierarquias, ora abrindo

[39] Pode-se observar que a circulação afetiva do livro em *A Cocanha* (2011) tem repercussões em narrativas posteriores, as quais dão sequência à história, como em *O Quatrilho* (1985), cuja protagonista é descendente de personagens que se envolvem emocionalmente por conta do romance emprestado entre os personagens.

brechas para subjetividades. Nessa oscilação, evidencia-se sua força simbólica em sociedades marcadas por tensões de classe, de memória e de identidade cultural. Os livros instauram confiança, aproximam personagens, mas também revelam segredos e traições. Esse trânsito entre mãos e espaços demonstra que a materialidade do livro tem peso social, funcionando como elo ou ruptura nas dinâmicas comunitárias. Desse modo, o romance de Pozenato ilumina a pluralidade de itinerários do livro e da leitura, permitindo pensar a literatura não apenas como artefato estético, mas como prática social.

Por fim, o romance sugere que a leitura, atravessando esferas públicas e privadas, pode ser entendida como metáfora da própria imigração. Ler Dante ou Manzoni no Brasil é reconstituir a ligação com a terra natal e, simultaneamente, colaborar para forjar os modos de expressão estética da nação em formação. Nesse sentido, o livro em *A Cocanha* não é apenas documento ou ornamento, mas símbolo do deslocamento cultural e da reinvenção identitária. Ao iluminar essas múltiplas trajetórias – distinção, subjetividade, circulação, poder e exílio –, a obra de Pozenato reafirma a relevância do estudo do livro como objeto cultural e da leitura como prática social, cultural e afetiva, capaz de articular construção da identidade nacional, vida coletiva e experiência íntima.

Referências

ACADÊMICOS Quadro de Eméritos. **Academia Rio-Grandense de Letras**, Porto Alegre, [2025]. José Clemente Pozenato. Disponível em: https://www.arl.org.br/academicos/quadro-de-emeritos/jose-clemente-pozenato. Acesso em: 28 set. 2025.

BOSI, Alfredo. Cultura brasileira e culturas brasileiras. *In*: BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização.** 4. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p. 308-345.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção:** crítica social do julgamento. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2014.

BOURDIEU, Pierre. **As regras da arte:** gênese e estrutura do campo literário. Tradução de Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros:** leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XVI e XVIII. Brasília: UnB, 1994.

ISER, Wolfgang. **O ato da leitura:** uma teoria do efeito estético. São Paulo: 34, 1996. 2 v.

POZENATO, José Clemente. **A Cocanha**. Caxias do Sul: Maneco, 2011.

"Eu nunca pensei em um público regional": entrevista com o escritor José Clemente Pozenato[40]

Aline Brustulin[41]
João Claudio Arendt[42]

O texto apresentado nas páginas seguintes consiste em uma entrevista realizada com o escritor José Clemente Pozenato, nascido em 1938, em São Francisco de Paula – RS. Bacharel em Filosofia, com pós-graduação em Literatura Brasileira e mestrado em Educação, iniciou sua carreira de escritor como um dos cinco poetas do Grupo Matrícula (1967) e, posteriormente, publicou outras obras de poesia, dentre elas, *Vária Figura* (1971), *Carta de viagem* (1981) e *Meridiano* (1982). Também se dedicou à ficção, muito marcante em sua carreira como escritor, da qual se destaca a trilogia étnica *O Quatrilho* (1885), *A Cocanha* (2000) e *A Babilônia* (2006). Além de escritor, Pozenato trabalhou, durante muitos anos, como professor da Universidade de Caxias do Sul (UCS) e, nesse tempo, esteve vinculado ao projeto ECIRS (Elementos Culturais da Imigração Italiana no Nordeste do Rio Grande do Sul), quando participou de diversos trabalhos e pesquisas sobre a cultura de imigração italiana na Serra Gaúcha. Em 2002, juntamente com Flávio Loureiro Chaves, desenvolveu o projeto de criação do Mestrado em Letras, Cultura e Regionalidade, inicialmente denominado Letras e Cultura Regional.

O interesse em entrevistar José Clemente Pozenato resulta de um projeto de pesquisa mais amplo que tem por objetivo verificar a atuação do Grupo Matrícula na formação ou na reformulação do ambiente intelectual do final da década de 1960, na Serra Gaúcha. Portanto, trabalha-se com questões sociológicas da literatura, como,

[40] Trabalho originalmente publicado na *Revista Litteris*, n. 12, set. 2013.

[41] Doutora em Letras pela Universidade de Caxias do Sul (UCS). Professora da rede municipal de Caxias do Sul.

[42] Doutor em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande (PUCRS). Professor do Curso de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande (FURG).

por exemplo, a noção de sistema literário, em que a literatura é percebida como um sistema de comunicação que se estabelece entre escritores, obras e leitores. Não serão aprofundadas questões teóricas acerca da sociologia da literatura nesta entrevista, mas é preciso perceber que os questionamentos estão voltados para uma reflexão que tem como pressuposto a noção de sistema literário. Dessa forma, entende-se que:

> O sistema literário começa pelos produtores (dramaturgos, poetas, romancistas, contistas, tradutores) no papel de emissor; tem uma instituição que regula as relações e dita as regras (editoras, universidades, críticos, redes de comunicação de massa) ocupando a posição do contexto do esquema de Jakobson, um mercado que possibilita a distribuição do produto (distribuidoras, livrarias, bibliotecas, redes de comunicação de massa, Internet) na posição do canal de comunicação; os consumidores (leitores) na posição do receptor, o repertório comum, que permite a compreensão do produto, na posição do código (modelos produtivos compartilhados pelo produtor e pelo consumidor. a língua, por exemplo) e um produto (o texto literário e seus modelos de produção, por exemplo) na posição de mensagem (Costa, 2007, p. 23).

A partir das afirmações de Costa (2007), são identificados os principais elementos que envolvem um sistema literário. Além desses elementos comuns presentes em todos os sistemas literários, há outros que podem ser considerados, dependendo do objeto de análise. Citam-se, como exemplo, a língua, uma identidade regional em comum, condições históricas, circunstâncias étnicas, entre outros. Arendt (2011) afirma que um sistema literário está vinculado à difusão e ao prestígio do texto literário, portanto, reforçando a ideia de sistema literário como um sistema de comunicação (Costa, 2007).

Apresentar o Grupo Matrícula também é imprescindível para se entender o importante papel que essa "parceria" teve nos desdobramentos das carreiras de cada um de seus integrantes, neste caso específico, de José Clemente Pozenato. O Grupo Reunião surgiu no ano de 1967 com a publicação da antologia poética *Matrícula* e tinha como participantes Oscar Bertholdo, Jayme Paviani, José Clemente Pozenato, Ary Nicodemos Trentin e Delmino Gritti. Tendo em vista as informações encontradas nas fortunas críticas do Grupo, os críticos destacam que a poesia produzida por esses autores avançava além dos parâmetros simbolistas e neoclássicos ainda vigentes na época, dessa forma, promovendo uma renovação/reformulação da poesia gaúcha. A publicação do Grupo rompeu, assim, com a

literatura saudosista, ufanista e etnocêntrica existente na região da Serra Gaúcha e, mesmo que em âmbito regional, fez parte da nova geração de poetas que surgia no Rio Grande do Sul, no final da década de 1960.

Pensando nos escritores que integraram o Grupo e que ainda poderiam ser entrevistados, a escolha de José Clemente Pozenato tem forte relação com os desdobramentos de sua carreira como escritor e pesquisador. A publicação da antologia *Matrícula* (1967), em Caxias do Sul, é apenas o passo inicial para tudo o que estaria por vir, até chegar ao ápice de sua carreira, com a indicação do filme *O Quatrilho* ao Oscar, em 1995.

Os demais escritores do grupo também continuaram a produzir poesia, com exceção de Delmino Gritti, como pode ser constatado na edição comemorativa de 40 anos de *Matrícula I*. Diferentemente de Pozenato, que teve seu romance reconhecido em um nível de circulação nacional e, até mesmo, internacional, Oscar Bertholdo, Jayme Paviani e Ary Nicodemos Trentin reservaram-se a publicar poemas em um âmbito mais restrito ao Nordeste Sul-rio-grandense. Portanto, acredita-se ser de suma importância registrar os principais desdobramentos da carreira literária e acadêmica de Pozenato, desde a publicação da antologia *Matrícula* (1967) até os dias atuais.

No dia 15 de maio de 2013, em uma das salas do Programa de Mestrado em Letras, Cultura e Regionalidade da Universidade de Caxias do Sul, foi realizada a entrevista com o autor de *A Cocanha*. Como poderá ser observado ao longo da leitura, as perguntas foram organizadas de forma que se pudesse ter a noção cronológica dos acontecimentos biográficos, acadêmicos e literários do autor. Parte-se de perguntas acerca da publicação da antologia poética *Matrícula* (1967); em seguida, os questionamentos voltam-se para informações acerca dos desdobramentos de sua carreira literária, com a publicação da trilogia, especialmente, de *O Quatrilho* (1985); depois, seguem perguntas relacionadas a sua participação no projeto ECIRS e à criação do Mestrado em Letras, Cultura e Regionalidade; há, também, reflexões sobre os avanços teóricos feitos pelo autor no que tange ao tema da identidade cultural regional; e, finalmente, ele é questionado acerca do papel do livro nos tempos modernos, bem como de seus planos futuros quanto à produção literária.

No ano de 1967, surgem o Grupo Matrícula, a Universidade de Caxias do Sul e o Concurso Anual Literário. Por que esse ano foi tão marcante para Caxias do Sul?

Na realidade, o ambiente do Grupo Matrícula se encontra na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, que surgiu antes da Universidade, e, nesse ambiente da Universidade, uma série de atividades passaram a ser desenvolvidas, inclusive, seminários que organizávamos para discutir literatura, por exemplo, gêneros literários com os estudantes da época. O que o Grupo Matrícula traz em comum em sua bagagem literária é que todos tiveram uma formação em cultura clássica, ou seja, todos passaram por Seminários, estudaram latim, leram Horácio e Ovídio em latim, estudaram grego e leram poemas de Homero em grego. Além disso, todos estudaram línguas neolatinas, como italiano e francês, pois o inglês não fazia parte das preocupações da época. Foi um Grupo que teve uma formação chamada clássica comum, ou seja, tínhamos a mesma perspectiva. Acrescenta-se ainda que, dentro do ambiente do Seminário, todos tinham uma produção anterior à antologia Matrícula, fazíamos poesia e publicávamos na revista do próprio Seminário. E quando nos encontramos na Faculdade de Filosofia, surgiu a ideia de apresentarmos o nosso tipo de poesia ao público que se diferenciava da poesia produzida até então em Caxias do Sul, publicada em jornais, com marca Parnasiana e Neosimbolista. Nós já tínhamos passado por isso, já havíamos lido todos os poetas modernos europeus, como Péguy e Rilke. E também achávamos que a poesia tinha que "dar um salto", avançar, ou seja, não apenas produzir uma poesia de caráter estético, mas que era preciso colocar ideias dentro do poema, dar uma importância existencial para o gênero, como nós líamos nos poemas europeus. Assim, surgiu a ideia de fazermos uma publicação em conjunto para dividir os custos.

A antologia poética *Matrícula* (1967) marcou o final da década de 1960. Ao publicarem, os integrantes do grupo buscavam um público leitor

específico? Como foi a recepção (público e crítica especializada) da obra?

Nós acreditávamos que o nosso público leitor seria aquele que tivesse vivência com o mundo literário. Na Faculdade de Filosofia, havia o curso de Letras, portanto, tínhamos em mente que professores e estudantes universitários seriam o nosso público-alvo. Além disso, os nossos contatos literários em Caxias do Sul e, até mesmo, em Porto Alegre, levavam-nos a acreditar que o ambiente literário em geral faria parte da recepção de nossa poesia. Não tínhamos a intenção de produzir apenas para o público de Caxias do Sul. Sobre a crítica, tivemos uma repercussão nacional, pois, na semana em que lançamos a antologia poética, foi publicada por Nelson Werneck Sodré, em uma revista do Rio de Janeiro, a notícia de que haveria o lançamento da obra *Matrícula*. A partir disso, Oscar Bertholdo brincava: "Agora temos que nos mudar para o Rio de Janeiro". A nossa intenção era realmente fazer uma poesia de marca nacional e não urbana, paroquial ou estadual. No Rio Grande do Sul, um momento marcante do Grupo Matrícula foi o dia do lançamento, na Livraria do Globo, em Porto Alegre, quando Guilhermino Cesar fez o discurso de lançamento da nossa antologia. Na época, Guilhermino Cesar já havia publicado *História da Literatura do Rio Grande do Sul* e era considerado um crítico literário que "abria as portas" para os escritores mais jovens. Nesse dia, o crítico declarava: "Esses (os escritores do Grupo Reunião) já entraram no pantheon da literatura". Então, foi para todos nós um ato marcante, uma espécie de consagração do trabalho que havíamos acabado de fazer.

Por que houve apenas uma publicação do grupo? O Grupo Matrícula fazia reuniões? O que era discutido nessas reuniões?

Primeiramente, deve-se lembrar de que nós não éramos um Grupo, cada um fazia poesia dentro da sua perspectiva, nós não tínhamos reuniões para discutir que tipo de poesia iríamos publicar. No entanto, como tínhamos decidido publicar em conjunto, achamos interessante nos caracterizarmos como um grupo. Não

nos nomeamos como Grupo Matrícula, mas como Grupo Reunião, a crítica é que fez essa alteração. E o título da antologia (*Matrícula*), segundo Oscar Betholdo, que escolheu esse nome para a obra, a palavra Matrícula tem a raiz de *matter*, onde nasce tudo, e também tem relação com a matrícula da escola. Não éramos um grupo militante, etc., por isso, também, que conseguimos visibilidade no meio crítico e literário e, após o Matrícula, cada um passou a publicar de forma independente. Acho que não publicamos mais juntos, porque cada um tinha uma poesia tão própria, que o leitor iria identificar facilmente a característica de cada um dos quatro escritores (Oscar Bertholdo, José Clemente Pozenato, Jayme Paviani e Ary Nicodemos Trentin) que continuaram publicando poesia.

Como era o ambiente literário em que surgiu o Grupo Matrícula? Qual tipo de literatura era produzido na Serra Gaúcha? Existiam outros grupos que publicavam literatura?

Que eu tenha conhecimento, não havia outros grupos que publicavam literatura. Apenas sei que havia um grupo que tinha criado a Academia Caxiense de Letras, alguns anos antes, em 1962, o que nos mostra que o ambiente literário estava em certa efervescência na cidade. No entanto, a academia reunia aquele tipo de escritores que nós considerávamos da linha tradicional, por isso, nenhum de nós do Matrícula teve interesse em participar da Academia. Nós queríamos criar uma vertente dentro da poesia feita aqui na cidade que estivesse sintonizada com o mundo e não com a velha condição da poesia Neoclássica e Parnasiana.

Ao observarmos as notas de apresentação e fortunas críticas dos livros de poemas, publicados individualmente por cada um dos integrantes do Grupo Matrícula, percebemos certa "cumplicidade". Por exemplo, Jayme Paviani escreve uma nota de apresentação sobre a poesia de Oscar Bertholdo no livro *Lugar* (1976), você escreve sobre Paviani

e recebe comentários dele em diversas de suas publicações, entre outros casos. Há algum motivo para isso?

Você pode chamar de cumplicidade, pois, dentro da nossa perspectiva, o melhor leitor que nós tínhamos éramos nós mesmos. Exatamente por causa dessa bagagem comum, do horizonte comum que tínhamos da poesia. Por exemplo, o Bertholdo sabia que eu tinha lido Péguy. Então, como ele tem a forte influência desse escritor em sua poesia, ele sabia que eu era a pessoa certa para falar sobre os seus poemas, porque eu também conhecia esse escritor. Portanto, é uma relação de cumplicidade, a partir da perspectiva de que nós entendíamos que o melhor leitor daquilo que estávamos produzindo era o colega que estava no mesmo projeto.

Houve influências marcantes do Matrícula nos desdobramentos de sua carreira? Quais foram?

Para mim, a poesia foi um exercício de controle da linguagem muito importante, para depois eu escrever em prosa de ficção. Na produção da poesia, faz parte não "se derramar", mas conseguir o máximo possível com o mínimo de palavras, ou seja, é a busca da simplicidade. Há um dos meus poemas em que eu digo exatamente isso: "O simples é o difícil". Então, a poesia para mim foi esse exercício da busca do simples na linguagem com o máximo possível de significado. Quando eu comecei a escrever romances, essa disciplina foi muito importante. Pode-se observar que eu não escrevo um romance com setecentas páginas, isso não é necessário; com duzentas e trinta páginas eu posso dizer tudo, não é preciso escrever três vezes mais. E o resultado é que, com essa maneira "enxuta" de narrar, eu chamei a atenção de quem trabalha com cinema, a narrativa visual que precisa de narrativas "enxutas", pois você não poder fazer um filme em que a personagem começa a fazer uma fala estilo Rui Barbosa. Foi esse fato de produzir um tipo de narrativa despojada daquele beletrismo Neoparnasiano que fez os meus textos se aproximarem de uma linguagem mais contemporânea, ou seja, aquilo que o Machado de Assis buscou a vida inteira. Em uma

conversa com um produtor de televisão, na época, ele me disse que os diálogos dos meus romances podiam ser usados integralmente em um filme, uma vez que já eram cinematográficos. Além disso, ele afirmou que, se eu fosse trabalhar no cinema em Olinda, eu seria contratado como dialoguista. E foi a poesia que me ensinou a tirar o que "não precisa" dos meus textos.

Em sua trilogia (*O Quatrilho*, *A Cocanha* e *A Babilônia*), aparecem expressões provindas do dialeto vêneto. A utilização desses termos tem relação com o público leitor que você desejava atingir?

Eu nunca pensei em um público regional, sempre pensei em um público de língua portuguesa. E o fato de eu introduzir essas palavras na língua portuguesa, como, por exemplo, "quatrilho" e "cocanha", com o sentido que tinha na Itália e na França e não tinha aqui, faz parte de um processo de integrar essa cultura regional na cultura nacional. Não é para atender ao bom gosto do leitor da região de imigração italiana da Serra Gaúcha, mas para chamar a atenção de quem não é dessa região. Quando começou a produção do filme *O Quatrilho*, Fábio Barreto quis colocar no contrato uma cláusula, na qual ele poderia mudar o título do filme. Então, eu questionei essa atitude e ele me respondeu que o título não iria repercutir, porque "quatrilho" era uma palavra que não existia em língua portuguesa. Assim, decidiram dar outro título ao filme, *Trocando corações*. No entanto, no dia do lançamento da produção, eu indaguei novamente o Fábio Barreto sobre qual título os jornais do Rio de Janeiro e de São Paulo dariam ao filme (*Quatrilho* ou *Trocando corações*), e ele me respondeu que todos chamariam o filme com o título escolhido por ele. No outro dia, os jornais do Brasil inteiro colocaram a manchete: "Lançada a produção de *O Quatrilho*". E a palavra entrou para o português; apenas ainda não está nos dicionários. Na editora em Porto Alegre, o editor também queria mudar o nome do livro e foi o conselho editorial, do qual participava Charles Kiefer, que "bateu o pé" e afirmou que, se a palavra não existia em português, ela iria existir. Então, a intenção não é atender à região, fechar a região, mas, ao contrário, abrir esse mundo para o resto do país, ou melhor, para

os países de língua portuguesa; eu recebi crítica sobre *O Quatrilho*, até mesmo, em Portugal.

A partir da publicação da trilogia *O Quatrilho* (1985), *A Cocanha* (2000) e *A Babilônia* (2006), a ascensão de sua carreira foi notável. Após a indicação do filme *O Quatrilho* ao Oscar e a repercussão nacional e internacional do romance que você escreveu, qual é a sua avaliação sobre a sua carreira de escritor antes e depois do sucesso de *O Quatrilho*? E quais foram as suas implicações/consequências?

Vou dar uma resposta que irá surpreender. Para mim, nada mudou. Apenas confirmou que eu estava com o projeto correto e que o que eu estava escrevendo não se limitava à região, que a minha obra realmente se ampliava e passava a interessar a outros âmbitos.

Sabe-se que o ECIRS (Elementos Culturais da Imigração Italiana no Nordeste do Rio Grande do Sul) é um projeto que tem desenvolvido um trabalho de divulgação e valorização do patrimônio cultural da região de imigração italiana. A sua participação no projeto contribuiu para a sua carreira de escritor?

Foi importante a minha participação no projeto, porque me forneceu material ao qual eu não teria tido acesso se eu não tivesse participado desse trabalho. Na realidade, eu nunca fui a campo entrevistar alguém, por exemplo, mas eu ficava lá lendo os relatórios e demais materiais pesquisados. E foi pela leitura desses documentos que eu tive acesso a dados da vida cotidiana da região, os tipos de conflitos enfrentados etc., que foram muito importantes para eu reconstituir o ambiente nos meus textos. Isso também explica a razão de eu ter escrito *O Quatrilho* antes de *A Cocanha*; chegou um momento em que eu já tinha todo o material para escrever *O Quatrilho*. Por exemplo, eu tinha dados sobre como funcionava o armazém daquela época, a casa de comércio de colônia, entre outros; todas

essas informações já haviam sido pesquisadas. No entanto, eu não sabia como era na Itália quando os imigrantes vieram para o Brasil, como foi esse percurso de navio etc., dados que só apareceriam em *A Cocanha*. Para escrever ficção, eu sempre digo que é preciso escrever como se fosse verdade, tem que parecer que é verdade.

Em 2002, foi criado o Programa de Pós-Graduação em Letras e Cultura Regional, hoje denominado Letras, Cultura e Regionalidade[43]. Como foi a sua atuação tanto na criação quanto no desenvolvimento do Programa?

Nós começamos montando, primeiro, um projeto de mestrado na área da história regional, que foi para a CAPES, e a comissão avaliadora considerou que não tinha consistência, porque havia mais professores de literatura do que de história no programa proposto. Na época, Flávio Loureiro Chaves estava encerrando a sua carreira na UFRGS e estava dando aulas na França. Então, eu o convidei para participar do projeto de criação do Mestrado em Letras na Universidade de Caxias do Sul. Ele aceitou e nós aproveitamos o projeto anterior de História Regional para incorporarmos dois ou três professores da área de Estudos Sociais e de História, e decidimos fazer o programa de mestrado não apenas em Letras, mas interdisciplinar, ou seja, Letras e Cultura Regional. O projeto foi montado considerando o perfil do corpo docente, conforme as orientações da CAPES. Quando eu assumi a coordenação, algo que já havia me chamado a atenção era o caráter limitador da expressão "Cultura Regional", que intitulava o nosso programa de pós-graduação. Eu nunca me esqueço que, na primeira prova de seleção para o ingresso no mestrado, apareceu um cidadão de bombachas, botas e lenço vermelho no pescoço, que achava se tratar de um mestrado sobre tradicionalismo. Além disso, de uma maneira geral, a própria CAPES e os avaliadores do programa entendiam "Cultura Regional" como um fechamento dentro da região. Então, após assumir a coordenação, eu propus, através de um ofício para a CAPES, que essa denominação intencionava certa limitação regional do programa,

[43] Atualmente, denominado Programa de Pós-Graduação em Letras e Cultura.

quando na realidade o propósito era analisar as relações da literatura com os territórios regionais. Tanto que nós tivemos dissertações no programa sobre Frederico García Lorca, da Sevílha, Gabriel García Marquez, da Colômbia, sobre não sei quem lá na Bahia, etc. Então, não é um programa de mestrado da cultura regional da imigração italiana da Serra Gaúcha ou do gaúcho como muitos pensavam. O programa propõe o estudo das regionalidades, ou seja, a relação da literatura com a sua região, sendo que essa relação sempre existiu. Então, mandei o ofício para a CAPES, propondo a alteração do título do programa para Letras, Cultura e Regionalidade, e, em uma semana, eles deram a aprovação. Dessa forma, pode-se notar que está dentro de uma proposta de levar a região para um contexto maior e não, ao contrário, trazer tudo para dentro da região.

Você avançou em suas reflexões sobre região, regionalidade e regionalismo apresentadas no texto *Algumas considerações sobre região e regionalidade* (2003)? Que avanço é esse?

Eu não tenho mais escritos sobre a questão. O avanço maior que eu fiz foi mudar o nome do mestrado que sinaliza bem o que entendo sobre o tema. Acho que, em substância, o que eu afirmei naquele ensaio é o que eu continuo pensando, ou seja, a região é uma construção. Não há uma região dada pela natureza; a região é, segundo Bourdieu, aquilo que você denomina como uma região. Eu não senti a necessidade de continuar escrevendo sobre o assunto, mas, alguns dias atrás, um estudante da Bahia que deseja estudar regionalidade entrou em contato comigo exatamente sobre essa questão, para saber se eu tinha mais escritos sobre o assunto. Acredito que, aos poucos, as coisas vão mudando, ainda não temos no dicionário a palavra regionalidade, apenas regionalismo, mas, com o tempo, essa palavra poderá ser adicionada. A primeira vez que eu escrevi sobre isso foi em 1974, em *O regional e o universal*, no qual eu afirmava que se deveria distinguir regionalismo de regionalidade, pois regionalismo é um propósito ideológico, e regionalidade, um propósito literário. Há pesquisadores que estão levando adiante o estudo; eu li um estudo do professor Rafael José dos Santos (UCS),

muito interessante, no qual ele pesquisa a ideia de região a partir de escritores do século XIX. O professor João Claudio Arendt (UCS) também trouxe materiais da Alemanha sobre o tema, e eu estou satisfeito, pois acho que dei a minha contribuição para desenvolver o tema. Quando eu publiquei o meu primeiro texto, em meados de 1970 (*O regional e o universal*), recebi críticas de uma colega da universidade dizendo que eu estava fora do foco dos estudos da literatura brasileira, mas, depois de todo esse tempo, ela mudou de concepção.

Diante da efervescência dos nossos tempos, como você percebe o momento literário atual?

Eu penso como Milton Santos, que é um geógrafo. Ele afirma que toda a multiplicação dos meios de comunicação de uma globalização, ao mesmo tempo em que permite um intercâmbio supralocal, ajuda a aprofundar as relações locais. Podemos pensar no exemplo das redes sociais como o Facebook: se o sujeito quiser, pode ter contato com pessoas do mundo inteiro e pessoas que só poderiam se encontrar no final de semana, uma vez por mês, podem se encontrar diariamente via essa tecnologia. Então, o que eu quero dizer é o seguinte: que o conceito de região não vai desaparecer. Ao contrário, e isso eu afirmo no meu ensaio, e repetindo um pouco o que outros autores pensam, acredito que as relações globais estimulam o aprofundamento das relações regionais e locais. Região não é a região da Serra Gaúcha, não é o Rio Grande do Sul; são aqueles que participaram de um projeto em comum em uma universidade, por exemplo, e continuam mantendo uma relação, assim, criando uma região para eles. Então, todas essas novas possibilidades de comunicação não vão desfazer a dimensão da regionalidade. O que eu percebo, na realidade, é que isso faz com que as regionalidades se tornem mais visíveis. E no campo da literatura, a questão é se, com os meios de comunicação eletrônicos, o livro irá perder o seu lugar; no entanto, eu não vejo algum sinal disso. Já houve profetas que anunciaram que em 2005 seria publicado o último livro, mas, quase dez anos depois, continuam se fazendo livros cada vez mais bonitos e com um papel cada vez melhor. Acho que vai mudar um pouco a maneira de escrever, de fazer poesia e de narrar histórias,

mas vai continuar havendo poesia e narrativa. O escritor Machado de Assis dizia, quando houve a discussão de se o jornal iria acabar com o livro, que: "Talvez sim, talvez não, mas com a literatura não vai acabar, certamente vai obrigar o escritor a mudar a maneira de escrever para se dirigir a um público que tem o jornal como meio de leitura". Assim como o escritor mudou quando surgiram o cinema, o rádio, a televisão, ele terá que mudar agora com o surgimento da internet.

Escritores, normalmente, leem também outros escritores. Quais escritores você aprecia ler? As suas leituras servem como fonte de inspiração para continuar escrevendo? O que você está lendo no momento?

O meu aprendizado de escrita começou com Machado de Assis e Clarice Lispector, que são as duas referências maiores na literatura brasileira. Destaco Clarice Lispector pela capacidade que ela tem de criar o drama interior da personagem. Depois eu descobri, imagine que eu leio de tudo um pouco, um escritor que foi importante para mim, o Vargas Llosa. Temos muito em comum, eu na região do Brasil e ele na região do Peru; a maneira de ele ver a literatura é praticamente a mesma que a minha, além disso, ele fez doutorado sobre Flaubert, na França, o que faz a narrativa dele também acompanhar as transformações do tempo. De uma maneira geral, eu aprendo com todos os escritores que eu leio. Atualmente no Brasil, eu considero um escritor muito bom Rubem Fonseca, com quem eu aprendo, mas, como eu disse, aprendo com todos, em sua maioria. Acabei de ler um livro da Marina Colasanti que eu não tinha lido ainda, mas eu sempre estou lendo alguma coisa, normalmente vários livros ao mesmo tempo. No momento, eu estou me dedicando à tradução de todo *O cancioneiro*, de Petrarca, que é uma experiência totalmente nova, mas, ao seu tempo, eu vou falar mais sobre esse livro.

No início de sua carreira, você publicou em editoras locais, como a maior parte dos escritores iniciantes.

Depois você migrou para a editora Mercado Aberto, em Porto Alegre. Por que você escolheu voltar a publicar em uma editora de abrangência regional?

Porque a indústria do livro no Brasil é a mais obsoleta que existe. O ideal seria você entrar em editoras de âmbito internacional, pois as editoras nacionais são todas iguais. Eu saí da editora Mercado Aberto (Porto Alegre), porque ela faliu me devendo uma boa quantidade de dinheiro. Então, eu fui procurar outra editora, tentei em três, e, quando nós chegávamos no ponto de como iríamos desfazer as relações com a editora Mercado Aberto, todas desistiam dos trâmites. O Maneco (Caxias do Sul) veio falar comigo, trouxe o seu advogado para examinar a situação e disse que "correria o risco". Então, eu aceitei publicar com a editora dele, que foi o único sujeito de coragem que eu encontrei. Foi a solução! Senão, eu não teria mais editora para publicar meus livros.

Depois de tantos livros escritos, quais são os seus próximos projetos?

Atualmente, estou terminando a tradução do Petrarca, já fiz contato com editoras, o processo já está tramitando, mas ainda preciso terminar as notas de rodapé explicativas e alguns outros detalhes. Portanto, nos próximos meses, estarei envolvido com esse projeto. Depois, eu vou retomar um romance que eu já comecei, do qual já tenho umas trinta páginas, mas, em função de alguns compromissos pessoais, eu deixei para escrever posteriormente. Será um romance de ambientação universitária. Além disso, talvez eu escreva um romance policial sobre os motoristas de táxi, porque ninguém ainda contou uma boa história sobre esse ambiente, cada profissão tem o seu ambiente e abre uma janela para um mundo também diferente. Essas são motivações para escrever. Mas sobre universidade eu quero desfazer a má impressão que as pessoas têm do meio universitário, achando que nele predomina o exercício da razão, e isso não é verdade.

Referências

ARENDT, João Claudio. Contribuições alemãs para o estudo das literaturas regionais. **Pandaemonium Germanicum**, São Paulo, n. 17, p. 217-238, jul. 2011.

CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira**. 12. ed. São Paulo: Rio de Janeiro: Ouro sobre o azul, 2009.

CHAVES, Flávio Loureiro; RIBEIRO, Cleodes Maria Piazza (org.). **Matrícula**. Caxias do Sul: Educs, 2007.

COSTA, Maurício Alves da. **Teoria do Polissistema:** do folhetim ao blog, o polissistema literário brasileiro sob a interferência da internet. 2007. 184 f. Dissertação (Mestrado em Literatura Comparada) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

Relação de obras de José Clemente Pozenato

Organização da professora Kenia Pozenato

Título	Ano
O trem do Papai Noel	s/d
Matrícula (em parceria)	1967
Vária figura	1971
O regional e o universal na literatura gaúcha	1974
Imigração italiana: estudos (org.)	1979
Carta de viagem	1981
Meridiano	1982
O caso do martelo	1985
Imagens da cultura da imigração italiana no Rio Grande do Sul (em parceria)	1985
O Quatrilho	1985
O caso do loteamento clandestino	1989
Processos culturais na região de colonização italiana do Rio Grande do Sul (org.)	1990
O caso do loteamento clandestino	1990
O jacaré da lagoa	1991
Canti rústeghi	1993
O limpador de fogões	1998
Matrícula dois (em parceria)	1998
Conversa solta	1999
O caso do e-mail	1999
Mapa de viagem	2000

Pisca tudo	2000
A Cocanha	2000
El saso del martillo	2001
Caminhos e passos: aspectos históricos e culturais da área da usina hidrelétrica machadinho (em parceria)	2001
Terra e gente: Aspectos históricos e paisagísticos da área do AHE Quebra-Queixo (em parceria)	2002
Cultura, imigração e memória: percursos e horizontes (org. em parceria)	2004
Dall'Altra sponda : Ter scrittori ítalo-Brasiliani Da outra margem: Três escritores Ítalo-Brasileiros (em parceria)	2004
Fronteiras sem divisas: aspectos históricos e culturais da UHE Barra Grande (em parceria)	2005
A Babilônia	2006
O caso da caçada de perdiz	2008
Meu pequeno juventudista	2008
Il caso del martello	2008
A cozinha colonial do Rio das Antas (em parceria)	2009
Minha cidade querida (em parceria)	2010
Santa Tereza/RS: a pequena capital	2012
Cancioneiro (tradução de Francesco Petrarca)	2014
Kunio inamoto: o homem, o universo e a saúde (em parceria)	2015
Engenheiros de operação	2016
Despique (em parceria)	2017
Microempa – 35 anos: uma história exemplar	2019
O caso do sumiço da espingarda	2020
Os triunfos (tradução de Francesco Petrarca)	2021
Divina comédia: inferno (tradução de Dante Alighieri)	2021
La cuccagna	2024
O fabuloso país da cocanha	2025

UCS UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL

UCS | EDUCS EDITORA

A Editora

A Editora da Universidade de Caxias do Sul, desde sua fundação em 1976, tem procurado valorizar o trabalho dos professores, as atividades de pesquisa e a produção literária dos autores da região. O nosso acervo tem por volta de 1.600 títulos publicados em formato de livros impressos e 600 títulos publicados em formato digital. Editamos aproximadamente 1.000 páginas por semana, consolidando nossa posição entre as maiores editoras acadêmicas do estado no que se refere ao volume de publicações.

Nossos principais canais de venda são a loja da Educs na Amazon e o nosso site para obras físicas e digitais. Para a difusão do nosso conteúdo, temos a publicação das obras em formato digital pelas plataformas Pearson e eLivro, bem como a distribuição por assinatura no formato streaming pela plataforma internacional Perlego. Além disso, publicamos as revistas científicas da Universidade no portal dos periódicos hospedado em nosso site, contribuindo para a popularização da ciência.

EDUCS

Nossos Selos

- **EDUCS/Ensino**, relativo aos materiais didático-pedagógicos;
- **EDUCS/Origens**, para obras com temáticas referentes a memórias das famílias e das instituições regionais;
- **EDUCS/Pockets**, para obras de menor extensão que possam difundir conhecimentos pontuais, com rapidez e informação assertiva;
- **EDUCS/Pesquisa**, referente às publicações oriundas de pesquisas de graduação e pós-graduação;
- **EDUCS/Literário**, para qualificar a produção literária em suas diversas formas e valorizar os autores regionais;
- **EDUCS/Traduções**, que atendem à publicação de obras diferenciadas cuja tradução e a oferta contribuem para a difusão do conhecimento específico;
- **EDUCS/Comunidade**, cujo escopo são as publicações que possam reforçar os laços comunitários;
- **EDUCS/Internacional**, para obras bilíngues ou publicadas em idiomas estrangeiros;
- **EDUCS/Infantojuvenil**, para a disseminação do saber qualificado a esses públicos;
- **EDUCS/Teses & Dissertações**, para publicação dos resultados das pesquisas em programas de pós-graduação.

Conheça as possibilidades de formação e aperfeiçoamento vinculadas às áreas de conhecimento desta publicação acessando o QR Code.

UCS | EDUCS EDITORA 50 ANOS

